



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Escola Politécnica
Programa de Pós-graduação em Engenharia Urbana

Luciana Crivelare Gomes Carvalho

**DESENVOLVIMENTO URBANO (IN)SUSTENTÁVEL
O EXEMPLO DA FREGUESIA DE JACAREPAGUÁ**

Rio de Janeiro

2016



UFRJ

Luciana Crivelare Gomes Carvalho

**DESENVOLVIMENTO URBANO (IN)SUSTENTÁVEL
O EXEMPLO DA FREGUESIA DE JACAREPAGUÁ**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Engenharia Urbana, Escola Politécnica, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Engenharia Urbana.

Orientadora: Cláudia Ribeiro Pfeiffer

Co-orientador: Andrews José de Lucena

Rio de Janeiro

2016

Carvalho, Luciana Crivelare Gomes.

Título: Desenvolvimento Urbano (In)sustentável: O Exemplo Da Freguesia de Jacarepaguá - 2016

f.: 126 il: 3.224

Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola Politécnica, Programa de Engenharia Urbana, Rio de Janeiro, 2016.

Orientadora: Cláudia Ribeiro Pfeiffer

Co-Orientador: Andrews José de Lucena

1. Expansão Urbana 2. Qualidade de Vida 3. Desenvolvimento Sustentável 4. Freguesia. I. Pfeiffer, Cláudia. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola Politécnica. III. Desenvolvimento Urbano (In)sustentável: O Exemplo Da Freguesia De Jacarepaguá



**DESENVOLVIMENTO URBANO (IN)SUSTENTÁVEL
O EXEMPLO DA FREGUESIA DE JACAREPAGUÁ**

Luciana Crivelare Gomes Carvalho

Orientadora: Cláudia Ribeiro Pfeiffer

Co-Orientador: Andrews José de Lucena

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Engenharia Urbana, Escola Politécnica, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Engenharia Urbana.

Aprovada pela Banca:

Presidente, Prof^a. Cláudia Ribeiro Pfeiffer, D.Sc., Politécnica/ UFRJ

Prof. Andrews José de Lucena, D.Sc., Instituto de Agronomia/ UFRRJ

Prof^a. Angela Maria Gabriella Rossi, D. Sc., Politécnica/ UFRJ

Prof^a. Gisele Silva Barbosa, D. Sc., Politécnica/ UFRJ

Prof. Leandro Dias de Oliveira, D.Sc., Instituto de Agronomia/ UFRRJ

Rio de Janeiro

2016

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, pois sem o apoio deles não seria possível concluir mais essa etapa de minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, por me ensinar a sabedoria dos recomeços e os frutos da caminhada perseverante. Aos meus pais, por todo apoio e incentivo não nessa fase, mas em todos os momentos da vida. Ao meu namorado, por todo amor, paciência e companheirismo. Aos meus familiares, em especial, meus irmãos Filipe e Gustavo e minha cunhada Lígia que colaboraram para a construção deste trabalho. Aos amigos, em especial, Priscila Salles, Lara Assunção, Maria Afonso Penna, Gabriel Maraschin, Vanessa Mayra Goulart, Ana Católico, Thamires Lacerda, Maura Manuella, Thais Diegues e Felipe Amarante que foram imprescindíveis neste momento conturbado da vida. A minha orientadora Cláudia Pfeiffer e ao meu co-orientador Andrews Lucena por toda atenção e cuidado que me foram cedidos ao longo desse tempo. Sem o apoio de todos vocês não conseguiria chegar até aqui.

RESUMO

CARVALHO, Luciana Crivelare Gomes; **Desenvolvimento Urbano (In) Sustentável: O Exemplo do Freguesia de Jacarepaguá**. Rio de Janeiro, 2016. Dissertação (Mestrado) – Programa de Engenharia Urbana, Escola Politécnica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Esta pesquisa trata da expansão urbana da Freguesia de Jacarepaguá. Há cerca de uma década o bairro vem sofrendo com maçantes investimentos imobiliários que trouxeram impactos negativos como: o desmatamento, o engarrafamento, a falta de infraestrutura urbana, entre outros problemas; modificando bruscamente o perfil do bairro e a qualidade de vida dos moradores. Para tratar essa expansão urbana e suas consequências, dentro da perspectiva acadêmica, buscou-se entendê-la a partir da releitura de fatos históricos relevantes como: a construção das cidades modernas, a partir da Revolução Industrial; de uma análise de problemas socioambientais gerados por esse processo; dos impactos na qualidade de vida do homem urbano e, conseqüentemente, da conscientização da sociedade global quanto seu poder autodestrutivo. E, para compreender a percepção dos moradores em relação aos efeitos da expansão urbana na qualidade de vida no bairro foram aplicados formulários, como indicador social e, como indicador ambiental, interpretou-se imagens de NDVI e de IBI em um intervalo de 14 anos correlacionando as áreas verdes suprimidas as novas áreas urbanizadas.

Palavras-chave: expansão urbana, qualidade de vida, desenvolvimento sustentável, Freguesia.

ABSTRACT

CARVALHO, Luciana Crivelare Gomes; **(In) Sustainable Urban Development: The Example of Freguesia of Jacarepaguá** Rio de Janeiro, 2016. Dissertação (Mestrado) – Programa de Engenharia Urbana, Escola Politécnica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

This research deals with the urban expansion of the neighborhood Freguesia de Jacarepagua. Over the last decade the neighborhood has been suffering strong real estate investments that have brought impacts such as deforestation, traffic jam, lack of urban infrastructure, among other problems, abruptly changing the profile of the neighborhood and the quality of life of its residents. To deal with this urban expansion and its consequences within an academic perspective, it was sought to understand this growth by reinterpreting historical relevant facts such as: the construction of modern cities, starting at the Industrial Revolution; an analysis of social-environmental issues generated by this process; the impact on quality of life of urban man; and consequent environmental awareness of global society regarding its destructive effect. To understand the residents perception regarding the effects of urban sprawl on the neighborhood quality of life, forms were applied as a social indicator. As an environmental indicator, 14 years of NDVI and IBI images were interpreted and a correlation between suppressed green areas and new urbanized ones was made.

Keywords: urban expansion, life quality, sustainable development, Freguesia.

LISTA DE SIGLAS

ADEMI - Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBI – Índice de Área Construída

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IPP – Instituto Pereira Passos

NDVI – Índice de Vegetação por Diferença Normalizada

SEPLAG – Secretaria de Planejamento e Gestão

LISTA DE SITES CONSULTADOS

www.conselhodacidade.com – Plano Estratégico da Prefeitura do Rio de Janeiro
www.igrejadapenna.org.br – Imagem e referência
www.historiadorio.com.br - Imagem
www.vitruvius.com.br – Dados do Rio de Janeiro e Artigo Gisele Santana
www.rio.rj.gov.br – Mapa de APs e dados do município do Rio de Janeiro
www.rioquepassou.org.br – Dados e imagens da cidade do Rio de Janeiro
www.ademi.org.br – Dados sobre a expansão imobiliária em Jacarepaguá e Freguesia
portalgeo.rio.rj.gov.br - Caracterização da Cidade (PDF)
www.cdbrasil.cnpm.embrapa.br/txt/landsat.htm - Aplicações do Landsat

Ilustrações

Ilustração 1 - Igreja Nossa Senhora da Penna.	17
Ilustração 2 - Freguesia de Jacarepaguá.....	17
Ilustração 3 - Estrutura metodológica.	22
Ilustração 4 - Taxa de Urbanização.....	31
Ilustração 5 - Linha do Tempo.....	34
Ilustração 6 - Indicadores de qualidade de vida.....	39
Ilustração 7 - P-E-R.....	44
Ilustração 8 - Dados demográficos.....	48
Ilustração 9 - IDH dos estados.	49
Ilustração 10 - Cidade do Rio de Janeiro.	50
Ilustração 11 - Áreas de Planejamento.....	51
Ilustração 12 - AP4 e a Freguesia de Jacarepaguá.	53
Ilustração 13 - Regiões Administrativas.....	54
Ilustração 14 - Lançamentos imobiliários ADEMI 2015.	55
Ilustração 15 - Distribuição de investimentos por AP.....	55
Ilustração 16 - Comparação entre bairros da AP4.....	57
Ilustração 17 - Densidade demográfica dos bairros.	57
Ilustração 18 - Média e desvio padrão NDVI.....	60
Ilustração 19 - NDVI 2000, Freguesia.	61
Ilustração 20 - NDVI 2006, Freguesia.	62
Ilustração 21 - NDVI 2012, Freguesia.	63
Ilustração 22 - Média e desvio padrão do IBI.	64
Ilustração 23 - IBI 2004, Freguesia.....	65
Ilustração 24 - IBI 2014, Freguesia.....	66
Ilustração 25 - Faixa 1 - Qual das opções você considera mais prejudicial ao bairro?	68
Ilustração 26 - Faixa 2 - Qual das opções você considera mais prejudicial ao bairro?	68
Ilustração 27 - Faixa 3 - Qual das opções você considera mais prejudicial ao bairro?	69
Ilustração 28 - Faixa 4 - Qual das opções você considera mais prejudicial ao bairro?	69

Sumário

1. Introdução	13
1.1. Objetivos	18
1.1.1. Objetivo Geral	18
1.1.2. Objetivos Específicos	18
1.2. Justificativa	19
1.3. Estrutura Metodológica	20
1.3.1. Estrutura da Pesquisa	20
1.3.2. Métodos e Técnicas	22
1.4. Resultados da pesquisa	26
2. Embasamento teórico	28
2.1. Ecloração das Cidades Modernas e a Urbanização	28
2.2. Conscientização Ecológica e Mudança de Paradigma	32
3. Cidade e Qualidade de Vida: Conceitos Relevantes	37
3.1. A Especulação Imobiliária e o Impacto na Qualidade de Vida	44
3.1.1. Conceito de Desenvolvimento Urbano Sustentável para a Freguesia	46
4. Contextualização da Área e Características do Bairro	48
4.1. Aspectos Gerais e Dados Sociodemográficos da Cidade do Rio de Janeiro	50
4.1.1. Relevância do Município	51
4.2. Área de Planejamento 4 e o Bairro Freguesia de Jacarepaguá	52
4.2.1. A Baixada da Freguesia de Jacarepaguá	55
5. Aplicação dos indicadores	60
5.1. Indicadores Ambientais	60
5.2. Indicador Social	67
5.2.1. Resultado da pesquisa social	69
6. Considerações Finais	72
Referências	74
Apêndice	80

1. Introdução

Nas últimas décadas, a abordagem da degradação ambiental, em especial da questão da supressão vegetal, parecia chamar mais atenção nas áreas afastadas dos espaços urbanos. Como exemplo, no caso brasileiro, pode-se citar: as queimadas na Amazônia, a agropecuária no Pantanal mato-grossense, os avanços das terras de monocultura no centro-oeste e sul do país. É como se as supressões vegetais ocorridas para expansão do ambiente urbano já tivessem sido naturalizadas.

Porém, com a conscientização sobre as consequências advindas da urbanização, bem como dos impactos na qualidade de vida do homem urbano, multiplicaram-se iniciativas de estudos referentes à cidade e à qualidade de vida na mesma. Segundo Lima e Mendonça (2001) a cidade e o seu contexto urbano-metropolitano têm se tornado, cada vez mais, um desafio para os estudiosos do espaço urbano, sejam eles planejadores, urbanistas, geógrafos, demógrafos, biólogos, engenheiros, gestores e outras profissões afins. Isso ocorre, pois, a complexidade deste espaço ultrapassa um só campo de conhecimento, atingindo assim a interdisciplinaridade deste cenário.

Considerando a própria realidade brasileira, somente a Constituição Federal de 1988 que tratou pela primeira vez o meio ambiente de forma direta, abordando-o como um bem fundamental para a vida de todos os seres vivos, devendo ser assegurada a sua proteção para uso de todos, conforme artigo 225: “todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações” (BRASIL, 1988).

Amato-Lourenço et al (2016) defendem que as áreas verdes possuem diversos benefícios, tanto ecossistêmicos como salutogênicos, ou seja, que permite que as pessoas possuam vidas saudáveis. Entre os benefícios ecossistêmicos, cita-se a diminuição de temperaturas, a diminuição de escoamento superficial da água (*runoff*), concentração de poluentes atmosféricos, redução de ruído, impacto de ventos, incidência solar em pavimentos e construções. Para além disso, a vegetação possui funções estéticas e recreativas, além de influenciar o valor no mercado imobiliário das propriedades.

Santos (2011) afirma que a explosão demográfica nos centros urbanos, assim como as ações antrópicas exercidas sobre o meio, modifica a qualidade ambiental destes espaços e, conseqüentemente, a qualidade de vida da população, o que não deixa de ser contraditório, uma vez que a cidade é também o *locus* do progresso, da ciência e da tecnologia. Todos esses fatores, unidos a má administração pública tornam, hoje, a cidade, o território do caos.

Dentre os efeitos benéficos que o contato com a natureza pode gerar à saúde humana, destacam-se recuperação de doenças, a longevidade, o controle de doenças cardiovasculares, controle da obesidade, auxilia a saúde mental, a qualidade do sono. Estes estudos que associam áreas verdes à saúde, em sua maioria, foram feitos por instituições europeias e norte-americanas, sendo ainda muito pouco produzido no cenário nacional (AMATO-LOURENÇO ET AL, 2016).

Durante muito tempo, a cidade foi vista como um local quase que oposto ao natural, como se este espaço fosse à parte da natureza, não sendo compreendido o conceito de *natureza transformada*¹. Scarlato e Pontin (1999) afirmam que são poucos os profissionais que lidam com os impasses da urbe que examinam a cidade como uma célula integrante de um ecossistema heterotrófico. (1999, pág. 12).

Assim também, os seres que habitam a cidade são sensíveis à luz, ao calor, à umidade, ao frio. Por isso, como o homem compreende ser necessária a adaptação da natureza às suas necessidades, de maneira que viva harmoniosamente com a mesma, a natureza, por outro lado, tenta adaptar-se às constantes e intensas modificações antrópicas no meio. Meio este que, não deixa de ser natural, ainda que transformado. (SCARLATO E PONTIN, 1999, pág. 12)

Monteiro (2008) fala da relação entre o homem, a natureza e a cidade. Após frequentes intervenções na natureza, cria-se a cidade, espaço que aglomera homens e que produz novas funções para estes. Dentre estas funções, relacionar-se, planejar e gerir a cidade seriam as principais. A cidade é vista, então, como uma construção física, social e intelectual.

¹ Tudo vem da natureza, ainda que seja modificada, transformada.

No início da modernidade as cidades possuíam jardins (áreas verdes planejadas) entre outras áreas verdes livres, porém, aos poucos, a segunda foi tornando-se rara: o meio urbano transforma-se, cada vez mais, em um meio artificial, construído com restos, sobras da natureza primitiva, que desaparece frente as crescentes obras humanas. E, assim, a paisagem cultural substitui a paisagem natural e os objetos e criações humanas tomam conta da superfície terrestre. (SANTOS, 2011, pág. 46)

Porto-Gonçalves (2004) afirma que o fenômeno urbano acaba por colaborar para a disseminação do velho discurso malthusiano, como se os problemas relacionados à cidade estivessem diretamente ligados à quantidade de habitantes. De fato, não se pode negar que o impacto ambiental tende a ser maior quando um grande número de habitantes se concentra em certa região geográfica pois, desta concentração, resultam preocupações que não eram comuns em áreas rurais, como: abastecimento de água, destinação de resíduos, saneamento básico, alimentos e outras necessidades diárias do homem. E, ressalta que o crescimento das populações em centros urbano-periféricos, além de aumentar exponencialmente a demanda por matéria e energia, altera também a relação espaço temporal dos ciclos biogeoquímicos² (2004, pág. 83):

O impacto ambiental da população urbana não se reduz exclusivamente à escala local ou ao sítio urbano propriamente dito. É o que nos ensina a análise da pegada ecológica calculada para algumas cidades em diferentes regiões do mundo. A população de Londres, por exemplo, corresponde a 12% da população total do Reino Unido, todavia, exige uma pegada ecológica de 21 milhões de hectares ou simplesmente, toda a terra produtiva do Reino Unido, segundo cálculos de Herbert Giardet do London Trust.

A partir da consciência destas linhas versadas acima, foi compreendido que a cidade, o local que hoje, segundo a *Organização das Nações Unidas* (ONU)³, reúne mais da metade da população mundial, é um perfeito objeto de estudo. Superior a um tema meramente interessante, investigar as questões relacionadas à urbe é primordial para a qualidade de vida da comunidade global contemporânea e, por que não, da existência da mesma; uma vez que grande parte dos problemas socioambientais surge na cidade e, ao

² A pegada ecológica estima a pressão humana sobre os ecossistemas mundiais.

³ Possível de acessar em: nacoesunidas.org/acao/desenvolvimento. Acesso em: jun 2016.

mesmo tempo, podem encontrar soluções também neste mesmo espaço, que é mantenedor das instituições de ensino e pesquisa, e das inovações tecnológicas.

Neste cenário, compreende-se que a expansão urbana desenfreada e sem planejamento tem sido um dos principais fatores para a degradação ambiental nas cidades brasileiras (MARICATO, 2010). O processo de urbanização desordenada tem gerado inúmeros problemas: dentre eles destacam-se a supressão de áreas verdes, o aumento de construções em áreas inapropriadas, como em morros e encostas, e a falta de infraestrutura urbana. Logo, aumenta-se o número de moradores urbanos, mas não melhora a infraestrutura urbana local, fazendo com que a qualidade de vida de antigos moradores caia drasticamente e levando aos novos moradores um estilo de vida nada saudável.

A expansão dos espaços urbanos tem gerado problemas econômicos, sociais e ambientais, colocando em questão a sustentabilidade urbana. O crescimento de áreas mais afastadas dos centros urbanos, faz com que, devido às longas distâncias percorridas, sejam ainda mais atraentes transporte individual, que, por sua vez, provoca maior emissão de gases poluentes afetando à atmosfera e a qualidade do ar. Por outro lado, há redução das áreas verdes de modo a implementar novas residências e infraestruturas.

Na construção deste trabalho, foram as observações do cotidiano que permitiram a escolha do objeto de pesquisa: o bairro da Freguesia de Jacarepaguá, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Como moradora da região, a autora acompanhou, aproximadamente por uma década, modificações relevantes no espaço que, acredita-se, acarretaram queda na qualidade de vida dos moradores. A foto da Freguesia de Jacarepaguá⁴ tirada em 1979 segue exposta na Ilustração 1.

Se a Ilustração 1 for analisada com o devido cuidado, nota-se que, mesmo com uma faixa de ocupação urbana já existente mais ao fundo, a área, em sua maioria, é arborizada e com ausência de prédios. Não foi possível realizar uma nova fotografia, do mesmo ângulo; porém, é possível apresentar uma outra foto, recente, da mesma área, que

⁴ A Igreja da Penna é a segunda igreja mais antiga do bairro. A mais antiga é a Igreja de São Gonçalo do Amarante, no Engenho do Camorim, datada de 1625. Da igreja, que se encontra no alto do morro, enxerga-se boa parte do bairro Freguesia.

possibilita a comparação por parte do leitor. Para isso, Ilustração 2 mais recente tirada no ano de 2010.

Para esclarecer a afirmativa anterior, pode-se exemplificar fazendo um paralelo com a realidade das ruas que cortam o bairro da Freguesia: anteriormente, uma rua que possuía poucas casas ou chácaras residenciais, contendo uma família apenas, tornou-se hoje uma rua com inúmeros condomínios prediais, logo, com inúmeras famílias também. Como sintetiza Corrêa (1993), a organização espacial é fruto de agentes sociais concretos atuando sobre o espaço urbano num constante processo de reorganização espacial que se faz através da modificação e incorporação do tecido da cidade.



Ilustração 1 - Igreja Nossa Senhora da Penna.
Fonte: rioquepassou.org (1970).

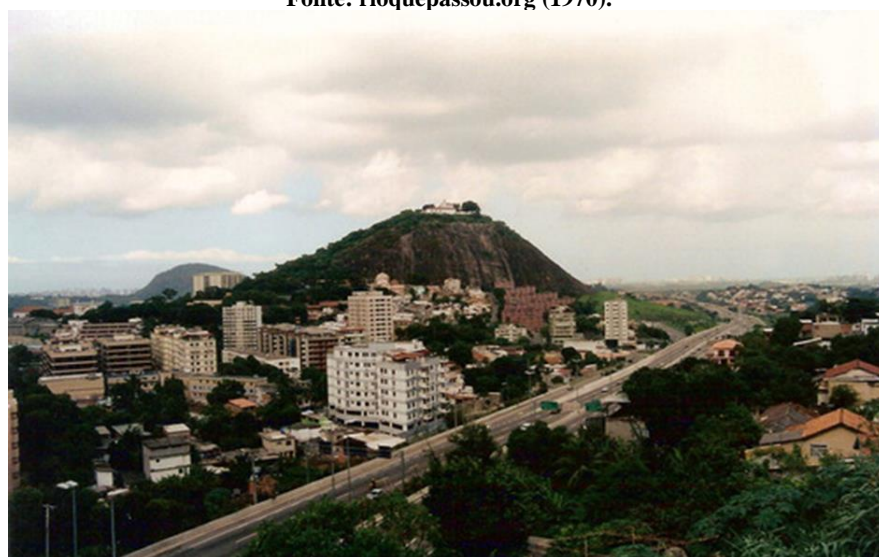


Ilustração 2 - Freguesia de Jacarepaguá
Fonte: skyscrapercity.com (2010).

Diante do exposto acima, surgiu o desejo de elaborar esta pesquisa, cujos objetivos e a justificativa estão expostos a seguir.

1.1. Objetivos

1.1.1. Objetivo Geral

Tem-se como objetivo geral identificar os principais impactos da expansão imobiliária no bairro da Freguesia de Jacarepaguá e, conseqüentemente, na vida de seus moradores, bem como identificar qual é a percepção dos moradores do bairro da consequência dessa expansão em suas vidas cotidianas.

1.1.2. Objetivos Específicos

Os objetivos específicos da presente pesquisa seguem pontuados adiante:

- a releitura de fatos históricos relevantes para a compreensão de problemas socioambientais do mundo moderno, assim como a conscientização de seu poder autodestrutivo;
- a disseminação de conceitos referentes ao desenvolvimento sustentável, à sustentabilidade e à qualidade de vida, assim como levantar e esclarecer alguns destes indicadores;
- a verificação da supressão vegetal no bairro da Freguesia, Zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, a partir do acompanhamento de imagens de satélite Landsat 5, 7 e 8 e do NDVI (Índice de Vegetação por Diferença Normalizada) e IBI (Índice de Construção) em um período de 12 anos, para o NDVI, e de 14 anos, para o IBI;
- a verificação da percepção dos moradores que residem na Freguesia há no mínimo dez (10) anos sobre o perfil do bairro e a qualidade de vida no mesmo;
- o cruzamento de informações levantadas pelas duas pesquisas acima e a conclusão sobre a sustentabilidade da expansão urbana da Freguesia.

1.2. Justificativa

Esta pesquisa se justifica, pois, a área geográfica de Jacarepaguá, conforme a Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário (ADEMI)⁵ é a segunda maior em expansão urbana na cidade do Rio de Janeiro, perdendo unicamente para a Barra da Tijuca. Os bairros da Região Administrativa (RA) de Jacarepaguá parecem beneficiar-se das mudanças urbanísticas que vinham ocorrendo na Barra da Tijuca, promovidas principalmente para preparação para a Olimpíada de 2016, ficando, logo, mais atraentes para o mercado imobiliário.

Batistella (2008) defende que conhecer o território, assim como sua representação são questões básicas para promover desenvolvimento local, não no sentido de acumulação de riquezas, mas de socializá-las, diminuindo possíveis impactos no meio ambiente e na sociedade. A partir de uma breve pesquisa com os moradores da Freguesia de Jacarepaguá, as mudanças ocorridas não só no bairro, mas na RA de Jacarepaguá, parecem ter incomodado os moradores que residem há mais tempo na região.

Neste aspecto, mudanças como o adensamento populacional, devido principalmente à verticalização do bairro, o aumento dos engarrafamentos, a mudança no perfil das pessoas que estão indo viver em Jacarepaguá devido à expansão imobiliária, da população, o aumento dos preços na região é intensivamente citado pelos moradores mais antigos.

A origem da região de Jacarepaguá está associada à época colonial, bem como a administração eclesiástica, anterior à administração civil. Santana (2009), ao analisar a Freguesia de Jacarepaguá, afirma que o bairro era conhecido pela natureza, pelas características de roça e pela tranquilidade. Não é equivocado afirmar que esta origem rural do território em que se situa Jacarepaguá faz com que uma parcela dos moradores da região ainda tenha uma percepção como um local interiorano, até mesmo bucólico.

No entanto, após o ‘boom imobiliário’, ocorreu um processo de transformação local, remodelando tal território e a vida daqueles que lá residiam. O discurso difundido pelo mercado imobiliário para atrair novos moradores para o bairro, coincide,

⁵ Possível de acessar em: http://www.ademi.org.br/article.php3?id_article=58926. Acesso em: jun 2016.

logicamente, com os interesses da sociedade contemporânea, de residir perto do verde e de afastar-se dos grandes centros tumultuados e violentos.

Contudo, quem comprou este sonho, possivelmente, foi iludido. E, quem antes morava nesta região, observa, aos poucos, sua antiga realidade se esvaindo, pois, com este rápido crescimento, com a especulação imobiliária e com a falta de infraestrutura urbana, principalmente infraestrutura de transportes, o bairro vem transformando-se em mais um confuso e inadequado território para se residir (SANTANA, 2009).

Boa parte desta propaganda e marketing verde feito pelo mercado imobiliário sobre a Freguesia, contribuiu para o inchaço populacional do bairro, produzindo um novo padrão residencial. As antigas casas e chácaras foram mescladas neste território com novos e luxuosos condomínios residenciais, construindo um espaço complexo e curioso; digno de estudo e de reflexão para compreender até que ponto as decisões que afetam o particular de cada um são decididas por outrem. Santana resume (2009, pág 4):

Atualmente, caracterizada por vários padrões residenciais, reflete as iniciativas econômicas e político-administrativas de naturezas diversas. O atual momento faz emergir esse conjunto de fatores onde as construções e práticas discursivas do mercado imobiliário se redefinem e se projetam dando novos sentidos ao conceito da habitação e ao modo de morar, modificando o existente e introduzindo novos. A moradia e o bairro são transformados em produtos a serem consumidos, difundidos pela propaganda.

Para elaborar um trabalho conciso e ser possível aprofundar as linhas versadas acima serão realizados os procedimentos metodológicos apresentados a seguir.

1.3. Estrutura Metodológica

1.3.1. Estrutura da Pesquisa

Em um primeiro momento foi realizado um trabalho de gabinete com um vasto levantamento bibliográfico, na internet e bibliotecas, focando nos fatos históricos sobre a evolução da qualidade de vida urbana; conceitos de sustentabilidade e de qualidade de vida (cidade sustentável, cidade saudável, desenvolvimento local sustentável, qualidade de vida urbana, desenvolvimento urbano sustentável) e a evolução da expansão urbana do bairro da Freguesia.

Em um segundo momento foram coletados dados sociodemográficos no site da prefeitura do Rio de Janeiro (armazém de dados) e no censo demográfico do IBGE de 2010 sobre o estado e a cidade do Rio de Janeiro e do bairro da Freguesia. Estes dados foram analisados com o propósito de apresentar o bairro da Freguesia no contexto da cidade e do estado do Rio de Janeiro.

Em um terceiro momento, foram interpretados o Índice de Vegetação por Diferenciada Normalizada (NDVI) e o Índice de Área Construída (IBI) em imagens Landsat 5, 7 e 8 obtidas no Laboratório de Meteorologia da UFRJ para avaliar a evolução das áreas verdes e de área construída no bairro da Freguesia. O NDVI é um índice que permite identificar a presença de vegetação verde na superfície e caracterizar sua distribuição espacial bem como a evolução de seu estado ao longo do tempo, sendo um bom parâmetro para analisar áreas que foram urbanizadas. O NDVI foi calculado com as bandas 3 e 4 do Landsat.

O segundo índice utilizado é o IBI proposto por XU (2008) para a identificação automática de áreas construídas em imagens de satélite. O IBI, em vez de usar diretamente bandas originais dos sensores, utiliza três índices temáticos derivados de dados de satélite, a saber: índice de vegetação por diferença normalizada (NDVI); índice de água por diferença normalizada modificado (MNDWI); e índice de áreas construídas por diferença normalizada (NDBI). Objetiva-se representar as três principais componentes da paisagem urbana: i) vegetação; ii) água; iii) áreas construídas. Como um índice normalizado, os resultados variam entre -1,0 e +1,0, sendo os valores positivos e próximos a 1,0 indicativos de área urbana, enquanto valores negativos e próximos a -1,0 indicativos de área menos urbanizada. Para maiores detalhes consultar Lucena (2012).

Finalmente para melhor fundamentar o impacto da expansão urbana na qualidade de vida local, foram abordados 100 moradores, aleatoriamente, pelas ruas da Freguesia. Para que pudessem responder aos formulários, eles deveriam residir há pelo menos dez anos no bairro. Pela aplicação dos formulários e com base nos resultados adquiridos, além da leitura da revisão bibliográfica feita no início desta pesquisa, depreendeu-se quais problemas surgidos através da expansão urbana desordenada (desmatamento, violência, verticalização, engarrafamento entre outros) mais interferem na qualidade de vida dos moradores.

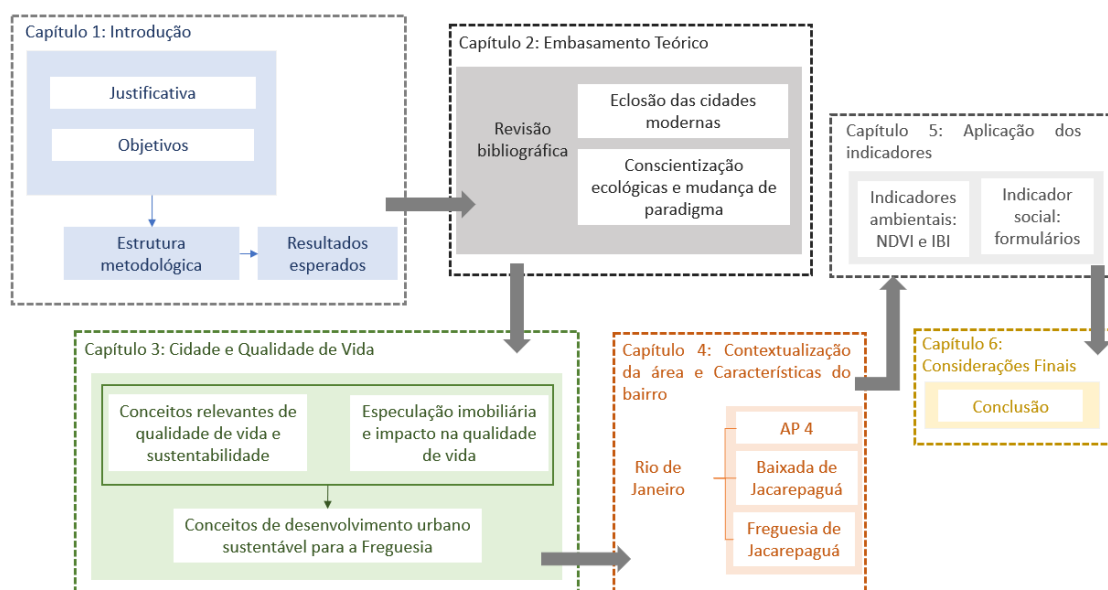


Ilustração 3 - Estrutura metodológica.
Fonte: Autora, 2016.

1.3.2. Métodos e Técnicas

- Da pesquisa social:

Este item pode ser considerado um diferencial da pesquisa. Nele encontra-se a percepção dos moradores quanto a esta expansão urbana que está sendo apresentada no trabalho, além de esmiuçar o porquê eles consideram que tal expansão vem impactando negativamente suas vidas.

Como aprimoramento da pesquisa priorizou-se entrevistar uma amostra de 100 moradores da Freguesia, que residem no bairro há, no mínimo, 10 anos para compreender, a partir a percepção deles, a consequência da especulação imobiliária no bairro. Os moradores abordados de maneira aleatória pelas ruas do bairro da Freguesia possuíam diferentes níveis de formação, assim como de gênero, de idade, classe social entre outras características.

Segundo Lakatos e Marconi (1999) apud Ludke e André (1986), para realizar uma pesquisa é preciso promover um confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele. Trata-se de construir uma porção do saber. Esse conhecimento é não só fruto da curiosidade, da inquietação, da inteligência e da atividade investigativa do pesquisador,

mas também da continuação do que foi elaborado e sistematizado pelos que já trabalharam o assunto anteriormente.

Segundo Lakatos e Marconi (1999), tanto métodos quanto técnicos de pesquisa devem adequar-se ao problema a ser estudado, às hipóteses levantadas, ao tipo de informantes com que se vai entrar em contato. Dependerão do objeto da pesquisa, dos recursos financeiros, da equipe humana e de outros elementos da investigação.

Referente ao método de pesquisa, pode-se afirmar, segundo Lakatos e Marconi (1999) que foi do tipo exploratória. Ou seja, pesquisas do tipo exploratória têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos, com vistas à formulação de problemas ou hipóteses pesquisáveis. Apresentam menor rigidez no planejamento. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.

O produto deste processo é um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos sistematizados. Referente à observação, pode-se apontar que é do tipo sistemática ou planejada que requer um planejamento prévio para seu desenvolvimento. É estruturada e realizada em condições controladas, com objetivos e propósitos previamente definidos.

Em relação a técnica da pesquisa, utilizou-se a aplicação de formulário, que são um tipo de roteiro de perguntas enunciadas pelo entrevistador e preenchidas por ele com as respostas do pesquisado.

- Da pesquisa ambiental:

Através da aplicação do NDVI e do IBI verificou-se a supressão vegetal e o aumento das construções no bairro da Freguesia entre os anos 2000 e 2014.

O sensoriamento remoto é uma expressão utilizada na área das ciências aplicadas e refere-se à obtenção de imagens à distância da superfície da terra. As imagens são adquiridas por aparelhos denominados sensores remotos, que são colocadas a bordo de aeronaves ou de satélites. A imagem que é utilizada para distintas análises e classificações não é nada mais que o produto gerado por este sensor remoto (RUDORFF, 2006).

Os sensores são como máquinas fotográficas carregas pelos satélites que tem por finalidade captar as ondas eletromagnéticas (REM) refletidas da superfície terrestre, e transformar a energia conduzida pela onda em pulso eletrônico ou valor digital proporcional à intensidade desta energia (FIGUEIREDO, 2015). O mesmo autor informa que a classificação da fonte da onda eletromagnética dos sensores pode ser dois (02), como foi exposto abaixo:

- **Passivos:** quando é utilizado apenas a REM natural refletida ou emitida a partir da superfície terrestre, sendo a luz solar a principal fonte de REM dos sensores passivos.
- **Ativos:** quando é utilizado REM artificial produzidos por radares instalados nos próprios satélites. Tais ondas atingem a superfície terrestre onde interagem com os alvos, sendo refletidas novamente para o satélite.

Pereira et al. apud Silva (2010) relata que as mais distintas modificações no perfil da cobertura do solo podem ser detectadas pelo estudo termal da superfície devido às interações entre a mesma e a atmosfera, e, continua:

O saldo da radiação consegue discriminar os elementos da paisagem com bastante clareza, e um dos parâmetros desse saldo é o albedo de superfície. O albedo da superfície é realizado através do cálculo entre a radiação incidente e a que é devolvida para a atmosfera. O albedo da superfície é um parâmetro muito importante, pois o seu monitoramento global possibilita detectar alterações que venham a ocorrer em diversos biomas do nosso planeta, resultantes de processos naturais e/ou antropogênicos. Por essa razão, em alguns programas globais têm sido efetivadas a geração de imagens de satélite que propiciam a determinação do albedo e diferentes índices de vegetação (PEREIRA, 2015).

A série Landsat, sigla que vem da expressão em inglês *Land Remote Sensing Satellite*, foi iniciada em 1972 com o lançamento do satélite ERTS-1. O projeto da Agência Espacial Americana criou tal série especificamente para observação dos recursos naturais (BATISTELLA, 2008). As imagens que serão disponibilizadas nesta pesquisa foram obtidas através da série Landsat que tem como principal objetivo o mapeamento multiespectral em alta resolução da superfície da Terra. Índice de Vegetação da Diferença Normalizada (NDVI)

O *Normalized Difference Vegetation Index* ou NDVI, que em português significa Índice de Vegetação da Diferença Normalizada, é utilizado para analisar a condição da vegetação através de sensoriamento remoto.

Pereira et al (2015) indaga que o NDVI é um cálculo, $NDVI = (IVP - V) / (IVP + V)$, que diferencia os valores refletidos da banda do infravermelho próximo e da banda do vermelho normalizada pela soma dos mesmos valores. Sua geração se dá pela diferença entre a reflectância do infravermelho próximo (IVP) e a reflectância do vermelho (V), dividida, respectivamente, pela soma das duas reflectâncias (TOWNSHEND apud SOUZA, 2010).

Essa equação gera um índice que varia de -1 a 1. Quanto maior o valor do índice maior a presença de vegetação. Ainda que existam outras formas de se chegar a esta conclusão, o NDVI tem sido o mais utilizado nos estudos relacionados a expansão urbana e supressão vegetal (SOUZA, 2010).

Melo et al (2011) afirma que o NDVI é uma aplicação dos processos de realce por operações matemáticas entre bandas de sensores satelitários e é muito utilizado na estimativa de biomassa, na estimativa de cobertura vegetal e na detecção de mudanças de padrão de uso e cobertura da terra.

O NDVI é alternativa para modelar e monitorar o estágio de degradação desses ambientes. Jensen (1996) apud Melo et al (2011) descreve para a equação para o cálculo do NDVI : $NDVI = (NIR - R) / (NIR + R)$. Assim, esclarece-se que o:

- NDVI é o índice de Vegetação por Diferença Normalizada;
- NIR é a refletância no comprimento de onda correspondente ao Infravermelho Próximo (0,76 a 0,90 μm);
- R: é a refletância no comprimento de onda correspondente ao Vermelho (0,63 a 0,69 μm).

Melo et al (2011) afirma que a vegetação é caracterizada por uma intensa absorção devido à clorofila na região do vermelho (0,63 – 0,69 μm) e por uma intensa energia refletida na região do infravermelho próximo (0,76 – 0,90 μm) causada pela estrutura

celular das folhas. Logo, sendo objetivo central a geração do NDVI das imagens selecionadas, serão necessárias as bandas 3 e 4 da imagem, as quais atuam no comprimento de onda que correspondente a região do visível-vermelho e ao infravermelho próximo.

- Índice de Área Construída (IBI)

Segundo Peres et al (2013) apud Xu (2008) o IBI serve para a identificação automática de áreas construídas com imagens de satélite. Como um índice normalizado, os resultados variam entre -1,0 e +1,0. O IBI, ao contrário de usar diretamente bandas originais dos sensores, utiliza três índices temáticos derivados de dados de satélite, a saber: índice de vegetação por diferença normalizada (NDVI); índice de água por diferença normalizada modificada (MNDWI) e índice de área construída por diferença normalizada (NDBI).

Objetiva-se representar as três principais componentes da paisagem urbana: vegetação; água; áreas construídas. Assim como para o NDVI, os resultados variam entre -1,0 e +1,0, sendo, neste caso, os valores positivos e próximos a 1,0 indicativos de área urbanizada, enquanto valores negativos e próximos a -1,0 indicativos de área menos urbanizada. (PERES et al., 2013).

As áreas verdes indicadas nos mapas de IBI representam as áreas mais florestadas, ou seja, áreas que não possuíam ou possuíam poucas edificações e, por sua vez, as partes cinzas se referem as áreas densamente construídas.

1.4.Resultados da pesquisa

Entende-se que cada capítulo do trabalho é um resultado da pesquisa, a primeira parte através da revisão bibliográfica e a segunda parte a partir da aplicação dos indicadores escolhidos. Adiante, estão apresentadas as sínteses dos capítulos.

No capítulo 1, apresentou-se a estruturação do trabalho: introdução do tema abordado, objetivos da pesquisa elaborada, justificativa quanto a importância do tema, metodologia utilizada na construção da pesquisa e resultados encontrados.

No capítulo 2, abordaram-se fatos históricos para compreensão da formação das cidades modernas, do processo de urbanização e da conseqüente conscientização da sociedade moderna dos impactos negativos gerados por esse processo.

No capítulo 3, conceitos relativos à sustentabilidade urbana e a qualidade de vida foram desenvolvidos. Ao final desta etapa, a autora inferiu o que se compreende como desenvolvimento urbano sustentável nesta pesquisa. Este capítulo é de extrema importância pois dá os conceitos-chave para as inferências ao final da pesquisa. Sem ele não seria possível analisar a expansão urbana da Freguesia à luz da definição depreendida pela própria autora. Além disto, aborda-se questões relativas a especulação imobiliária e suas conseqüências na qualidade de vida da população.

No capítulo 4, dados sociodemográficos e informações gerais do estado e da cidade do Rio de Janeiro, na qual a Freguesia se encontra, foram compilados como forma de contextualizar e limitar a pesquisa temporalmente e espacialmente. Levantou-se também dados sobre a Freguesia de Jacarepaguá para compreensão da realidade do espaço estudado.

No capítulo 5, apresentou-se os resultados adquiridos a partir da interpretação das imagens Landsat e da aplicação dos formulários aos moradores da Freguesia de Jacarepaguá. E, por fim, no capítulo 6, foram elaboradas as considerações finais sobre a pesquisa realizada e as informações adquiridas e aprimoradas ao longo deste trabalho.

2. Embasamento teórico

2.1. Ecloração das Cidades Modernas e a Urbanização

Com a consciência de que o presente trabalho poderia ser iniciado através de episódios mais recentes que a Revolução Industrial, esclarece-se que este capítulo tem a intenção de embasar a pesquisa com fatos históricos considerados importantes para compreensão da formação das cidades modernas, pois foi a partir deste processo que houve uma padronização⁶ das mesmas ao redor do mundo. Neste capítulo, abordou-se também o conseqüente processo de urbanização, os problemas socioambientais surgidos e a conscientização da sociedade moderna sobre os impactos gerados por tal estilo de vida.

Segundo Junior (2003) a urbanização, em sua acepção tradicional e enquanto um fenômeno de escala local e localizado, é antiga. As primeiras cidades surgiram no Oriente Médio aproximadamente entre 3500 e 3000 a.C., porém até o final do século XVIII esse fenômeno permaneceu limitado a uma baixa parte da população e a algumas regiões. Foi a partir da Revolução Industrial que a urbanização ultrapassou a escala local, passando a realizar-se em um ritmo acelerado, tendendo a generalização.

Nobre (2011) diz que a Revolução Industrial afetou todas as sociedades, e que a Inglaterra foi o país pioneiro nesse processo. A referida Revolução proporcionou grande poder as nações precursoras na industrialização, a Inglaterra e França submeteram as demais nações, a uma forma de dominação imperiosa e perspicaz, alterando a estratificação social tanto internamente como nas nações dominadas, remodelando a estrutura de poder no mundo

Durante séculos foram sendo esboçadas condições necessárias para a ecloração da Revolução Industrial: o aparecimento da relação assalariada; a concentração de uma grande massa de desempregados nas cidades que seriam utilizados como operários pela

⁶ A partir da Revolução Industrial, houve a migração campo – cidade inchando as cidades industriais e, conseqüentemente, provocando desigualdades, misérias e pobreza. A revolução industrial foi responsável pela modificação e evolução das cidades modernas. Antes da revolução industrial não havia nenhum país onde a população urbana predominasse.

indústria nascente; o desenvolvimento do comércio imperial, com a divisão internacional do trabalho entre as metrópoles e colônias (MONTEIRO, 2008).

Nobre (2011) defende que mesmo que não tenham sido todas as cidades nascidas do predomínio mercantilista e do advento do capitalismo, as nascidas desse processo constituíram um vetor importante ao fenômeno de industrialização e urbanização. Isto porque, a cidade assumiu com o capitalismo o compromisso de permitir a sustentar as transformações imperativas para sua consolidação, sendo elas: a concentração de força de trabalho e mercado consumidor.

Já naquela época, a organização do território das cidades fazia com que fosse perceptível os bairros privilegiados e os não privilegiados. Engels descreve os bairros habitados pelos operários de modo muito similar a percepção atual (1985, p. 38):

Todas as grandes cidades possuem um ou vários “bairros de má reputação” – onde se concentra a classe operária. É certo que é frequente a pobreza morar em vielas escondidas, muito perto dos palácios dos ricos, mas em geral, designaram-lhe um lugar à parte, onde, ao abrigo dos olhares das classes mais felizes, tem de se safar sozinhas, melhor ou pior. Estes “bairros de má reputação” são organizados em toda a Inglaterra mais ou menos da mesma maneira, as piores casas na parte mais feia da cidade; a maior das vezes são construções de dois andares ou de um só, de tijolos, alinhadas em longas filas, se possível com porões habitados e quase sempre irregularmente construídas. Estas pequenas casas de três ou quatro cômodos e uma cozinha chamam-se cottages e constituem vulgarmente em toda a Inglaterra, exceto em alguns bairros de Londres, as habitações da classe operária. Habitualmente, as próprias ruas não são planas nem pavimentadas; são sujas, cheias de detritos vegetais e animais, sem esgotos nem canais de escoamento, mas em contrapartida semeadas de charcos estagnados e fétidos.

Santos (1978) lembra que, no caso Brasileiro, a industrialização, que também colaborou para intensificação do fluxo migratório e para o processo de urbanização, ocorreu tardiamente; mais especificamente nos anos 30 do século XX. Após anos de forças repulsivas do campo e forças atrativas na cidade, o fluxo migratório aumentou a densidade populacional principalmente nas cidades do sudeste e sul do país.

Logo, o meio urbano passou a ser a sede das indústrias e dos serviços modernos (bancos, estabelecimentos de ensino, serviços médico-hospitalares, a administração pública e etc) e o meio rural, o fornecedor de alimentos e matérias-primas para as cidades.

Nenhuma região escapou a essa nova forma de produção, todas passaram a ser integradas, complementares entre si. As cidades vão se tornando a sede de cada região e estabelecendo uma hierarquia, um sistema integrado de cidades: as menores (em grande número) dependem das médias (em menor número) e estas estão subordinadas às grandes cidades - raras (SOUZA, 2008).

Monteiro (2008) relata que o adensamento das cidades aumentou a complexidade dos espaços urbanos. A diversificação e avanços na área de transportes e comunicação encurtaram as distâncias, agilizando o deslocamento de pessoas, produtos e, por que não, das informações (2008, pág. 75). Souza (2013) conclui afirmando que viver na cidade foi, e é, para muitos, uma garantia de acessibilidade a diversos serviços necessários à vida. Mas, ao mesmo tempo, pode se tornar também uma certeza de frustração.

Junior (2003) salienta que, a partir da década de 1960, ocorreram alterações nas relações de trabalho no campo e na cidade que tiveram como consequências o êxodo rural e o crescimento das cidades brasileiras⁷.

Campo Filho (1992) alerta que a expulsão da população do campo pelas difíceis condições de vida e sua concentração em grandes cidades ocorre de forma muito mais intensa nos países periféricos do que na Europa Ocidental e na América do Norte. Atualmente, as maiores aglomerações urbanas tendem a se localizar nos países periféricos. E, justamente nesses países o mercado de trabalho urbano não absorve toda a mão de obra existente, além de ter acesso aos bens de consumo básicos dificultado pelos baixos salários e não possuir medidas de planejamento e gestão por parte do poder público.

Ribeiro (1992) fala sobre o processo de urbanização brasileiro afirmando que até 1960 apenas o Rio de Janeiro e São Paulo tinham mais de um milhão de habitantes. Já na década de 70, a Recife, Salvador e Belo Horizonte uniram-se a eles; em 1980, Fortaleza, Curitiba, Porto Alegre e Brasília seguiram o mesmo rumo. O percentual da população total vivendo em cidades com mais de um milhão de habitantes dobrou entre 1960 e 1980.

⁷ Disponível em: www.ambiente-augm.ufscar.br/uploads/A2-151.pdf. Acesso em: jun 2016.

Em 1980, de cada 10 pessoas, quase sete viviam em áreas urbanas, sendo que duas em cidades com mais de um milhão de habitantes (RIBEIRO, 1992).

Já pelo Censo de 2010, sabe-se que a população urbana brasileira chega a 84%. Ribeiro (1992) sintetiza esta ideia refletindo que tal mudança cultural acelerada, do campo para a cidade, tem como consequência diferentes conflitos: na marginalidade, na violência, na miséria, no desenraizamento, na perda de referências e na dissociação entre a cultura de origem e a cultura urbana, no choque cultural e na tensão, afetando corpo e mente.

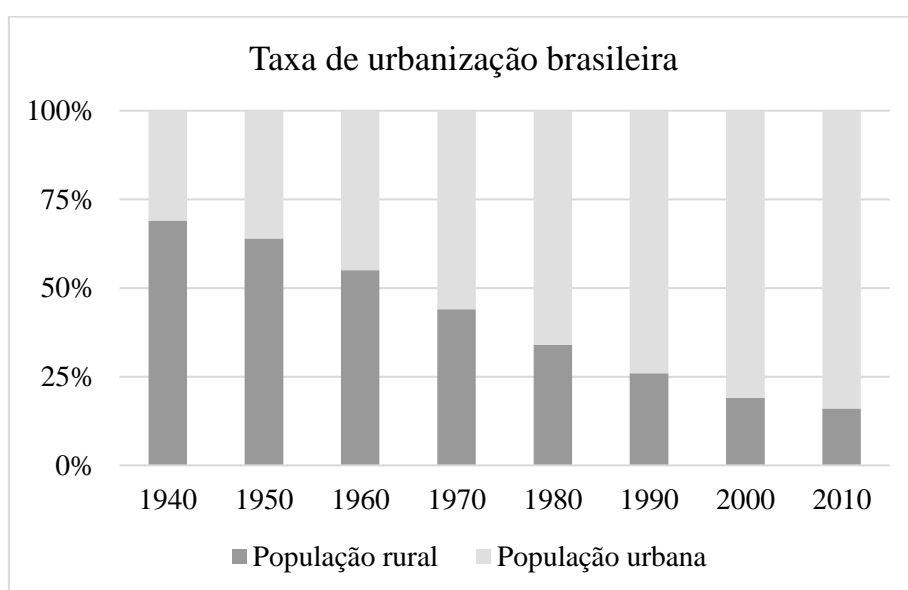


Ilustração 4 - Taxa de Urbanização.
Fonte: IBGE, 2010.

Como foi versado parágrafos acima, a migração do homem do campo para a cidade no Brasil não foi feita de maneira gradativa, trazendo grandes problemas sociais e ambientais. Dessa maneira, a falta de planejamento das cidades brasileiras, que receberam grande demanda populacional, abriu portas para o início de distintos problemas socioambientais. Como Sève (2008) conclui, o planeta Terra vai mal a um ponto alarmante, mas a consciência sobre o tema se ampliou e hoje não há formação política que não inclua em seu discurso a causa ecológica. Por isso, no próximo subitem, serão abordados a questão da conscientização ecológica da sociedade.

2.2. Conscientização Ecológica e Mudança de Paradigma

Não existe um consenso sobre o estopim das preocupações ambientais, mas é comum considerar que as explosões das bombas atômicas nas duas cidades japonesas Hiroshima e Nagasaki, em 6 de agosto de 1945, foram acontecimentos relevantes para essa mudança de paradigma. Através dessas explosões, a população global passou a compreender o poder autodestrutivo que a sociedade pós-moderna possuía fazendo com que a opinião pública convergisse para uma mesma questão: a sobrevivência da espécie (OLIVEIRA, 2011).

Já Gavard (2009) compreende que mesmo que os problemas relacionados à degradação ambiental tenham surgido há muitos anos, a percepção da degradação dos recursos naturais como um problema de primeira linha só entrou na agenda política internacional na década de 70 junto com diversas correntes ambientalistas que alertavam sobre a emergência ambiental.

Foi no final da década de 60, mais especificamente em 1968, que a comunidade científica e a elite empresarial e política iniciaram uma organização buscando medidas para que, no futuro, a vida no planeta Terra não estivesse comprometida: Clube de Roma (GAVARD, 2009). O Clube de Roma era uma organização informal com o intuito de discutir questões ambientais, sociais e econômicas, mas, acima de tudo, chamar a atenção das autoridades políticas para possíveis medidas intervencionistas. Nesse grupo encontravam-se figuras relevantes da política, da economia, da indústria, empresários, banqueiros e assim por diante (GRÜN, 1996).

Tal período foi reconhecido por um processo nomeado por Grün (1996) de Ecologização das Sociedades, sendo a questão ambiental uma preocupação das sociedades globais e não somente da elite intelectual. Algumas obras colaboraram para essa conscientização como o livro de Rachel Carson, *Primavera Silenciosa* e o livro de Paul Ehrlich, *The Population Bomb*.

Drummond (2004) explica que *The Population Bomb* colocou os temas da superpopulação e da extinção de espécies na pauta ambiental em todo o mundo. O autor resumiu boa parte de suas próprias pesquisas biológicas e ambientais, em combinação

com uma exposição sobre os fundamentos da ecologia. Ehrlich foi um dos primeiros cientistas no empenho público à proteção do meio ambiente e de sua biodiversidade, bem como na promoção do princípio de sustentabilidade ambiental das atividades humanas.

Logo após, houve a reconhecida Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, que ocorreu em Estocolmo, no ano de 1972 (CARVALHO, 2013). Como foi sistematizado na ilustração abaixo, ocorreram outras importantes publicações e reuniões internacionais com o intuito de discutir as questões ambientais.

Ano	Histórico de Anos Relevantes para Questões Ambientais
1962	Publicação do livro “Primavera Silenciosa” pela cientista Rachel Carlson
1964	Pacto Internacional sobre os Direitos Humanos da Assembleia Geral da ONU
1968	Fundação do Clube de Roma e Manifestações de Maio de 68 na França
1972	Publicação do Relatório “Os Limites do Crescimento” que foi financiado pelo Clube de Roma
1972	Conferência de Estocolmo que abordou conceitos de desenvolvimento e ambiente, bem como o constructo “ecodesenvolvimento”
1975	Congresso de Belgrado, conhecida pela Carta de Belgrado, que estabelece as metas e princípios da educação ambiental
1977	Conferência de Tbilisi, em Geórgia, que estabelece os princípios orientadores da educação ambiental e remarca seu caráter interdisciplinar, crítico, ético e transformador
1987	Divulgação do Relatório da Comissão Brundtland, conhecido por "Nosso Futuro Comum"
1987	Congresso Internacional da UNESCO/PNUMA sobre educação e formação ambiental
1992	Conferência sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (UNCED, Rio 92) e a criação da Agenda 21
1995	Conferência para o Desenvolvimento Social. Copenhague
2002	Em dezembro, a Assembleia Geral das Nações Unidas, durante sua 57ª sessão, estabelecendo a resolução nº 254, declarando 2005 como o início da Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável, depositando na Unesco a responsabilidade pela implementação da iniciativa
2012	Conferência Internacional Rio + 20

Ilustração 5 - Linha do Tempo
Fonte: IBAMA (2003).

Ajustando o foco para a cidade do Rio de Janeiro, podem ser citados dois grandes eventos: a Rio 92 e a Rio + 20. Segundo Guimarães e Fontoura (2012), despertada em Estocolmo em 1972, a agenda ambiental global atingiu seu ponto mais importante na cidade do Rio de Janeiro, vinte anos depois, como a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento em 1992 ou Rio-92. Para os referidos autores, a Rio-92 contribuiu ainda para consolidar a percepção da sociedade para a interdependência entre as dimensões ambientais, sociais, culturais e econômicas do desenvolvimento.

A primeira foi uma conferência com o intuito de estabelecer diretrizes voltadas à preservação e conservação do meio ambiente e de sua biodiversidade. A rigor, segundo Oliveira (2011), tratou-se de um evento eminentemente político e econômico, onde a preocupação com crescimento econômico tornou-se tão relevante quanto à preocupação com a natureza.

Os líderes de quase todos os países do mundo reuniram-se para discutir condições e medidas para mitigar a degradação do meio ambiente em nível global para as futuras gerações. O conceito do desenvolvimento sustentável, entre outras questões relacionadas, foi popularizado graças a essa conferência (OLIVEIRA, 2011).

Em relação à segunda reunião, Rio + 20 ou Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável foi realizada de 13 a 22 de junho de 2012. Foi nomeada assim pois marcou os vinte anos de realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92) e contribuiu para definir a agenda do desenvolvimento sustentável para as próximas décadas.

O objetivo principal foi renovar o compromisso político com o desenvolvimento sustentável por meio da avaliação do progresso e das lacunas na implementação das decisões adotadas pelas principais cúpulas sobre o assunto e do tratamento de temas novos e emergentes, possuindo dois temas principais: a economia verde no contexto do desenvolvimento sustentável e da erradicação da pobreza e estrutura institucional para o desenvolvimento sustentável.

Através desta nova percepção ambiental, expressões e conceitos foram sendo debatidos e disseminados, tais como: cidade sustentável, cidade saudável e qualidade de

vida urbana. É com o intuito de esclarecer tais conceitos que foi construído o capítulo a seguir.

Para Guimarães e Fontoura (2012), a convocação da Rio+20 reacendeu as esperanças de avançar na transição à uma sociedade global sustentável. Parecia que a humanidade havia, já na década passada, adquirido compreensão dos desafios que a civilização moderna teria que superar para mitigar e se adaptar ao estresse ambiental. Contudo, os autores entendem o evento como um fracasso pois não produziu avanço quase nenhum em relação à Rio 92, com exceção de manter o desafio do desenvolvimento sustentável na agenda das preocupações da sociedade, mas com um divórcio entre discurso e compromisso, de fato, dos governos.

3. Cidade e Qualidade de Vida: Conceitos Relevantes

O capítulo que segue tem como intuito esclarecer conceitos como cidades sustentáveis, desenvolvimento urbano sustentável, cidade saudável e qualidade de vida. A partir disto, inferir-se-á sobre o que seria um desenvolvimento sustentável no bairro da Freguesia de Jacarepaguá. Pode-se dizer que os conceitos aqui desenvolvidos serão parâmetros para a conclusão do trabalho: se a expansão urbana da Freguesia foi ou não sustentável. Por fim, serão versadas linhas que correlacionam a especulação imobiliária e a queda da qualidade de vida.

Trigo (2012) afirma que cada vez mais se fala sobre qualidade de vida. É uma concepção que envolve parâmetros das áreas de saúde, arquitetura, urbanismo, lazer, gastronomia, esportes, educação, meio ambiente, segurança pública e privada, entretenimento, novas tecnologias e tudo o que se relacione com o ser humano, sua cultura e seu meio (2012, Pág. 6).

Pereira et al (2012) aborda a crescente preocupação com questões relacionadas à qualidade de vida partindo das ciências humanas e das biológicas, buscando valorizar parâmetros mais amplos que o controle de sintomas, da mortalidade e do aumento da expectativa de vida. Assim, a qualidade de vida poderia ser abordada, de modo amplo, em que as condições de saúde seriam apenas mais um dos aspectos a serem considerados.

Ainda, Pereira et al (2012) indica que o termo qualidade de vida se popularizou na década de 60, através de políticos norte-americanos que usaram o conceito como plataforma política. Naquele tempo, tratar de qualidade de vida era como uma recomendação para o sucesso administrativo.

Almeida et al (2012) afirma que o universo de conhecimento em qualidade de vida se expressa como uma área multidisciplinar de conhecimento que engloba além de diversas formas de ciência e conhecimento popular, conceitos que permeiam a vida das pessoas como um todo. A falta de consenso para o conceito de qualidade de vida parece claro. As definições usadas se apresentam enfatizando a satisfação geral com a vida ou por componentes, que, em conjunto, indicariam uma aproximação do conceito geral (PEREIRA ET AL, 2012, pág. 241).

Para Adriano et al (2000), a qualidade de vida de uma população dependeria das condições de existência, logo, do acesso das pessoas aos bens e serviços econômicos e sociais, como: emprego e renda, educação básica, alimentação adequada, acesso aos serviços de saúde, saneamento básico, habitação, transporte de boa qualidade etc. É bom lembrar que o conceito de bem-estar, de qualidade de vida, varia de sociedade para sociedade, de acordo com cada cultura.

Nessa perspectiva, lida-se com inúmeros elementos do cotidiano do ser humano, considerando desde a percepção e expectativa subjetivas sobre a vida, até questões mais deterministas como o agir clínico frente a doenças e enfermidades. Qualidade de vida é um conceito polissêmico. Uma definição abrangente na qual a qualidade de vida é o grau de bem-estar individual ou de um grupo, determinado pela saciedade ou não das necessidades básicas da população (BRAVO E VERA, 1993).

Almeida et al (2012) reflete que o senso comum se apropriou desse objeto de forma a resumir melhorias ou um alto padrão de bem-estar na vida das pessoas, sejam elas de ordem econômica, social ou emocional. Todavia, a área de conhecimento em qualidade de vida encontra-se numa fase de construção de identidade. Ora identificam-na em relação à saúde, ora à moradia, ao lazer, aos hábitos de atividade física e alimentação, mas o fato é que essa forma de saber afirma que todos esses fatores levam a uma percepção positiva de bem-estar.

Barbosa (1998) indica que tal forma de entender qualidade de vida é muito corrente em ambientes comerciais, propagandas de alimentos, condomínios residenciais, campanhas políticas, entre outros. A concepção sobre qualidade de vida, que a eleva como um objeto a ser alcançado mediante esforço do sujeito, promove uma corrida para alcançar algo que o senso comum sabe que é bom, mas não tem claros seus limites conceituais e sua abrangência semântica. É como se tratasse de um ideal da contemporaneidade, que se expressa na política, na economia, na vida pessoal. Busca-se qualidade de vida em tudo.

Para Minayo et al (2000) a esfera objetiva de percepção de qualidade de vida lida com a garantia e satisfação das necessidades mais elementares da vida humana: alimentação, acesso à água potável, habitação, trabalho, saúde e lazer (MINAYO, et al., 2000). Essa forma lida com as possibilidades de consumo e utilização de bens materiais concretos, por isso, independe da interpretação do sujeito perante sua própria vida.

As abordagens holísticas acabam se baseando na premissa de que o conceito de qualidade de vida é multidimensional, complexo e dinâmico em relação aos seus componentes, podendo diferir de pessoa para pessoa de acordo com seu ambiente em que vive. Nestes aspectos, características como valores, inteligência, interesses seriam importantes em considerar. A qualidade de vida seria um aspecto fundamental para uma boa saúde (PEREIRA ET AL, 2012).

Vitte (2004) diz que a maioria das definições e metodologias que visam analisar a qualidade apega-se aos aspectos mais objetivos do conceito que dizem respeito à análise de dados e indicadores atinentes às chamadas necessidades básicas ou fundamentais dos indivíduos. No entanto, a ideia de qualidade de vida diz respeito a aspectos mais complexos do que à simples cobertura das necessidades básicas (VITTE, 2004).

Em relação aos indicadores de qualidade de vida, existem formas diferenciadas de trabalhá-los. Sempre deixam brechas. Todavia, colaboram, ainda assim, para uma dimensão dos grandes problemas de uma cidade. Maslow (1954) fala da hierarquia das necessidades, que seriam cinco: primeira, necessidade básica e sobrevivência, a segunda, segurança e meio ambiente, a terceira, sentimento de pertencimento e de amor, a quarta, nível de estima, e por fim, a quinta e última, autonomização.

A Organização Rio como Vamos, que trabalha com a construção e compilação de indicadores de qualidade de vida, afirma que para atingir níveis mais elevados de desenvolvimento nas cidades e, assim, a qualidade de vida se seus moradores, é necessário não somente assegurar trabalho e renda dignos, como educação, saúde, cultura, habitação, mobilidade, acesso a espaços de convivência social, preservação dos espaços públicos e recursos naturais.

Indicadores de Qualidade de Vida (IQV)
Ter
Recursos econômicos
Amar
Vínculos e contatos afetivos
Ser
Participação dos indivíduos nas decisões que impactam a sua própria vida

Ilustração 6 - Indicadores de qualidade de vida
 Fonte: Allardt (1993).

Apesar dos apontamentos feitos pelos autores acima, acredita-se que uma pesquisa, para ser de qualidade, não necessariamente pede que trabalhe com indicadores quantitativos ou qualitativos. A subjetividade do conceito de qualidade de vida sugere que seja trabalhada de forma inovadora e livre (MORAES, 1988). Não basta se assegurar em números pois números podem esconder fatos de alta relevância quando se trabalha conceitos subjetivos. Como afirmou Moraes (1988), as leituras individuais do mundo se fazem por parâmetros gestados pela sociedade. Cabe concluir, sociedade esta que é capaz de escolher o rumo pelo qual quer seguir.

Pelo Relatório Brundtland (1991), uma cidade pode ser considerável sustentável se o desenvolvimento da mesma procura satisfazer as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade das gerações futuras. Significa possibilitar que as pessoas, agora e no futuro, atinjam um nível satisfatório de desenvolvimento social e econômico e de realização humana e cultural, fazendo, ao mesmo tempo, um uso razoável dos recursos da terra e preservando as espécies e os habitats naturais.

Da mesma forma, os gestores de cidades sustentáveis devem tomar medidas para evitar a utilização inadequada do solo, o uso excessivo ou errôneo em relação à infraestrutura urbana, a instalação de empreendimentos ou atividades que possam funcionar como polos geradores de tráfego, a deterioração das áreas urbanizadas, a poluição e a degradação ambiental (CBRE, 2013). Baldasso (2012) complementa que as cidades que podem ser intituladas como sustentáveis devem possuir uma política de desenvolvimento urbano de modo que promovam medidas para proteger o meio ambiente natural e construído, garantindo assim a função social ambiental da propriedade na cidade (BALDASSO, 2012).

Para Araújo e Cândido (2014), uma cidade, para ser considerada sustentável, tem que ser, antes de tudo, democrática e justa. Portanto, é aquela que atende as necessidades urbanas básicas da população, tais como as de infraestrutura urbana. Assim, devem ser observadas, em sua organização e dinâmica, as diversas dimensões: social, econômica, institucional, ambiental/ecológica, cultural, política e territorial, deste modo, oferecendo aos seus habitantes uma boa qualidade de vida.

Acselrad (2004) destaca duas formas de tratamentos da questão da sustentabilidade urbana: o tratamento normativo e o tratamento analítico. Enquanto o primeiro traça o perfil

da cidade sustentável tendo como baliza o urbanismo ambientalizado, o segundo, evidencia a necessidade de superação das mazelas sociais para atender ao princípio da igualdade e da sustentabilidade.

Assim também, para o Programa Cidades Sustentáveis, resume que cidade sustentável deve: i) Integrar o desenvolvimento urbano sustentável como um componente-chave para as políticas nacionais; ii) Empoderar autoridades locais para trabalharem mais estreitamente com governos nacionais; iii) Promover uma abordagem integrada para planejar e construir cidades sustentáveis por meio de redes eficientes de transporte e comunicação; prédios mais verdes; assentamentos humanos eficientes e sistemas de prestação de serviços; melhora da qualidade do ar e da água; preparação e resposta a desastres e maior resiliência climática; iv) Buscar o desenvolvimento e a expansão urbana ambientalmente saudável e a utilização da terra e v) Promover e implementar a reciclagem e a reutilização do lixo.

Especificamente, ao pensar em saúde, ou cidade saudável, pode-se abordar uma outra corrente conceitual, não oposta, mas complementar. Segundo Rosolen e Martins (2014) o conceito de cidade saudável surgiu como consequência da percepção dos efeitos negativos da urbanização sobre o meio ambiente das cidades. Nesse contexto, desigualdades sociais e econômicas são refletidas em desigualdades ambientais, havendo uma segregação socioespacial que reflete em diferentes níveis de qualidade ambiental urbana.

Pode-se dizer que qualidade de vida e saúde são conceitos fortemente ligados. Por isso, Adriano et al (2000), diz que na concepção moderna, saúde é o resultado de um processo de produção social que expressa a qualidade de vida de uma população. E, o autor continua falando que a saúde é um produto social, resultado das relações entre os processos biológicos, ecológicos, culturais e econômico-sociais consequentes de uma sociedade.

Tal abordagem foi reforçada pela Carta de Ottawa, em 1986, elaborada na I Conferência Internacional de Promoção da Saúde realizada no Canadá, ao estabelecer que as condições e os requisitos para a saúde são a paz, a educação, a moradia, a alimentação, a renda, um ecossistema estável, a justiça social e a equidade (ADRIANO ET AL, 2000).

Herculano (2000) afirma que tal temática se tornou comum e discutida em todo o mundo, surgindo ideias e movimentos para buscarem cidades qualitativamente melhores. Dentre estes movimentos, o Movimento Cidades Saudáveis, fomentado pela OMS em 1986 e que integra um conjunto de políticas urbanas implantadas pela ONU, que foi iniciada no Canadá, em 1978.

Considera-se que o processo de construção de cidades e bairros saudáveis foi sendo caracterizado como uma estratégia de promoção da saúde, agregando diferentes abordagens e consensos, articulando-os na direção de uma melhor qualidade de vida e ao acesso da população ao conhecimento (ROSOLEN E MARTINS, 2014).

Um exemplo que pode ser dado com a tentativa de melhora do espaço urbano foi a criação das ditas “Cidades Jardins”, na Inglaterra, final do século 19. Tal criação tornou-se um marco histórico quando se fala de municípios saudáveis. A proposta, basicamente, era a erradicação da pobreza, a importância de ar limpo nas cidades, investimento em transporte público, hospitais públicos e proibição de álcool e tabaco. No entanto, o projeto não teve impacto positivo por não considerar as reais necessidades da população (GENTILE, 1999).

Diante da crise ambiental e urbana, o desenvolvimento local sustentável é a tentativa de solucionar questões referentes ao crescimento desordenado que polui, degrada, desmata e, conseqüentemente, afeta a vida de milhares de cidadãos. Contudo, hoje existe a preocupação da sustentabilidade tornar-se, tanto para a sociedade quanto para as instituições, um conceito, uma teoria, que não muda a vida nem território e que, ao contrário, pode-se tornar mais um componente a ser agregado em empresas, tendo um fundo unicamente econômico (ACSELRAD, 2004).

Dentre as variadas formas de se pensar o desenvolvimento urbano sustentável, Perazzo apud Kronemberger (2011) afirma que é necessário dar oportunidade à população de identificar, demonstrar e colocar em prática seus potenciais, fortalecendo o capital humano e o social, que consiste na capacidade de se organizar, o que é essencial para a reformulação estrutural, necessária ao desenvolvimento sustentável. Além disso, para o mesmo, deve se fortalecer a consciência para a conservação ambiental, com o uso racional dos recursos naturais, melhorar a qualidade de vida, os relacionamentos sociais das comunidades e a participação das pessoas nas tomadas de decisão, a cidadania e o

protagonismo comunitário (KRONEMBERGER, 2011). Sabe-se que não existe um caminho certo a ser trilhado para que se julgue que o desenvolvimento urbano foi ou está sendo sustentável. Mas, quanto mais aprofunda-se no assunto, mais percebe-se que certos quesitos sempre estarão presentes ao pensar em cidade sustentável.

Ribeiro (2012) depreende que para que a sociedade seja capaz de avaliar seu progresso, necessita de um suporte de informação que seja adequado para apoiar a decisão política acerca do desenvolvimento e acompanhar o impacto das atividades no contexto socioambiental. A transição para o desenvolvimento sustentável requer esse entendimento. A necessidade de mensurar sustentabilidade, levanta-se como condição *sinequa non* para a construção de soluções sustentáveis em desenvolvimento.

Fenzl (1997) complementa, afirmando a necessidade de levantar informações capazes de potencialmente esclarecer a existência de quaisquer processos não-sustentáveis de desenvolvimento na relação entre sociedade e meio ambiente, é algo necessário. Contudo, isto somente é possível para uma sociedade que disponha de instrumentos técnicos-científicos e políticos construídos com essa finalidade.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indica a importância de indicadores que forneçam subsídios para o acompanhamento da sustentabilidade do padrão de desenvolvimento, neste caso brasileiro, nas dimensões ambiental, social, econômica e institucional, além de oferecer um panorama abrangente de informações necessárias ao conhecimento da realidade seja local, municipal, estadual ou do país, permitindo então o planejamento e a formulação de políticas públicas para o desenvolvimento sustentável. Os indicadores podem ser utilizados para variados temas – temas esses que se interligam e se integram, colaborando para “esquematizar” a natureza multidimensional do desenvolvimento sustentável, mostrando a importância de uma visão integrada e sistêmica (IBGE, 2015).

Utilizando uma situação real, em uma cidade de Portugal, Maia, os indicadores são parâmetros selecionados e considerados isoladamente ou combinados entre si, sendo especialmente úteis para refletir sobre determinadas condições dos sistemas em análise. Apesar da amplitude e natureza do sistema de indicadores de desenvolvimento sustentável, os gestores do município consideram quatro categorias baseados na classificação da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico Europeu (OCDE) criado

em 1993: i) indicadores ambientais, ii) indicadores econômicos, iii) indicadores sociais e iv) indicadores institucionais. Tais indicadores socioambientais da OCDE podem ser sistematizados pelo modelo Pressão-Estado-Resposta (PER) que assenta em três grupos chave de indicadores, como indica a Ilustração 7.

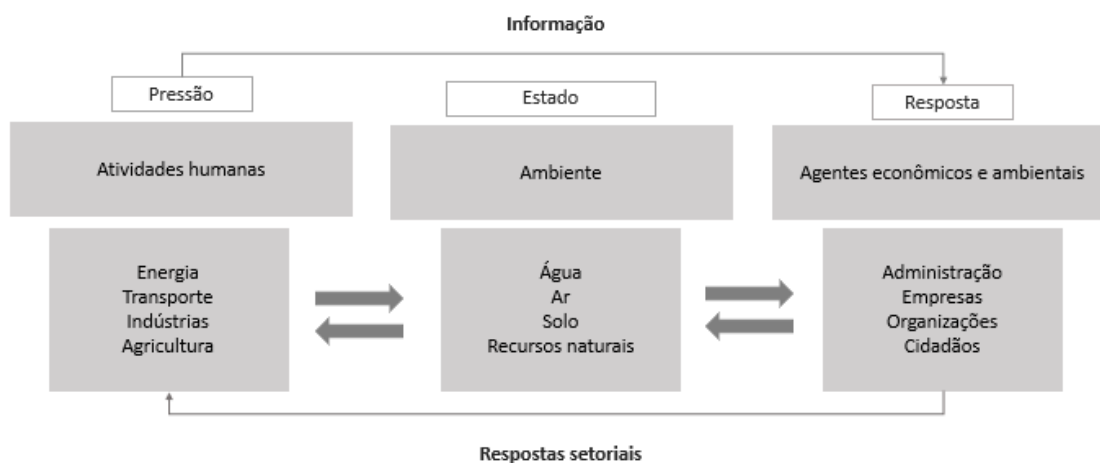


Ilustração 7 - P-E-R
Fonte: OCDE, 2013.

Esclarece-se que os indicadores de pressão caracterizam as pressões sobre os sistemas ambientais e podem ser traduzidos por indicadores de emissão de contaminantes, eficiência tecnológica, intervenção no território e de impacto ambiental. Os indicadores de estado refletem a qualidade do ambiente em um dado horizonte espaço/ tempo; são os indicadores de sensibilidade, de risco e de qualidade ambiental; os indicadores de resposta avaliam as respostas da sociedade às alterações e preocupações ambientais, bem como à adesão a programas e/ou implementação de medidas em prol do ambiente; podem ser incluídos neste grupo os indicadores de adesão social, de sensibilização e de atividades de grupos sociais importantes.

3.1. A Especulação Imobiliária e o Impacto na Qualidade de Vida

Segundo Gonçalves (2002), a mobilidade social existe e com ela a necessidade de novas moradias resultando na incorporação de áreas para suprir o déficit imobiliário, a que o setor capitalista de construção de imóveis costuma responder favoravelmente. Esse é o processo de crescimento das cidades que, basicamente, se dá de duas formas: a primeira

referente ao adensamento das áreas já existentes e, respectivamente, pela incorporação de áreas, antes destinadas ao uso rural, na franja urbana.

Silva (2016) esclarece que o capitalismo encontrou no solo urbano formas de se reproduzir, constituindo outras maneiras de acumulação a partir da apropriação e da especulação imobiliária. A valorização está intimamente relacionada com a distinção de uma área, o que a torna exclusiva e única frente a outros espaços da cidade. Sabendo disso, os promotores imobiliários exploram ao máximo tal aspecto com objetivo de obter lucro em cima de lucro. Entretanto, a valorização do terreno se refere aos aspectos naturais ou/e de infraestrutura, mas não se baseia apenas nesses diferenciais.

A terra utilizada de forma especulativa superdimensiona o espaço urbano e exige constantes investimentos em infraestrutura que terminam por aumentar a valorização dessas áreas. Isto cria novas oportunidades de incorporação imobiliária, o que significa que os investimentos sociais são transformados em instrumentos de valorização das terras urbanas. São poucos os que possuem condições monetárias para pagar um preço mais elevado pelo uso do espaço, deixando à mostra as desigualdades e a segregação urbana que o preço da terra origina, isto é, deixando transparecer as diferenças de classes existentes nas cidades (ARENDIT, 1993).

O espaço além da valorização a partir de aspectos, carrega consigo status que se agrega a partir dos indivíduos que nele estão inseridos, caracterizando os ditos bairros de elite. Uma barreira, não necessariamente física, apesar de encontramos modelos de enclaves que delimitam o espaço, são erguidas, constituindo uma descontinuidade no espaço e impondo os limites sobre a circulação. Assim, as condições únicas de cada localização aparecem para o processo produtivo como condições desiguais de produção (MORAES e COSTA, 1984, p. 133).

Santos (1994) afirma que a especulação imobiliária é o resultado das formas pelas quais se realiza a acumulação do capital na produção imobiliária. Não é possível separar a valorização da terra da valorização capitalista no meio urbano. Capital e propriedade fundem-se na produção da cidade.

Para Ribeiro (1997), nas cidades, o acesso desigual a elementos de infraestrutura propicia a existência de micromercados, dentro dos quais as moradias se diferenciam. Este

é um dos responsáveis pela tendência dos preços da habitação se “diferenciarem” consideravelmente dentro de um mesmo bairro. Havendo os micromercados, pode-se concluir que a tendência é que o solo seja ocupado pelas atividades econômicas que mais podem pagar pelo seu uso (1997, pág. 74).

Moraes e Costa (1984) defendem que a especulação imobiliária faz do espaço objeto de troca graças à propriedade privada e a mercantilização das relações sociais, sendo negociado segundo a lógica da circulação, que se faz através de instrumentos jurídicos. À condição de expressar a titularidade sobre a terra através de escritura, soma-se uma série de possibilidades na expansão dos fixos, como o acesso a um sistema de crédito que permite a capitalização crescente do espaço. Assim, o espaço incita a permanente criação de valores.

Gonçalves (2002) conclui afirmando que a terra é um importante ativo no portfólio dos agentes sociais. Sendo assim, existe, de fato, uma confluência de interesses privados que desejam manter a cidade como uma máquina de crescimento. Assim compreende-se por que a qualidade de vida é comumente impactada de maneira negativa pela especulação imobiliária, uma vez que o interesse desta está voltada para o lucro e não para o bem-estar da população.

Silva (2016) conclui que a valorização espacial ganha dimensão a partir do recurso dos empreendimentos imobiliários que usam a natureza, entre outros recursos, como discurso mercadológico para venda. A marca distintiva de empreendimentos diversos está aliada a proximidade do mar e Mata Atlântica, cenário ideal para apropriação e com atributos quase que essenciais para a classe abastada, itens como segurança, cancelas e guaritas, oferta de lazer, são praticamente pré-requisitos na nova dinâmica contemporânea de uso do espaço.

3.1.1. Conceito de Desenvolvimento Urbano Sustentável para a Freguesia

Segundo Viana e Silva (2016), uma das maiores preocupações da atualidade, independente da área em que o autor atua, é a relação do homem com o meio ambiente. Conforme visto nos parágrafos acima, existem inúmeras explicações para isso, entre as questões, pode-se citar a explosão demográfica, o uso inconsciente dos recursos naturais,

o aquecimento global e a mudança climática global, a poluição dos recursos hídricos, poluição do ar, a devastação das áreas verdes, entre outros.

Por sua vez, o Estado busca estabelecer diretrizes para proteção do meio ambiente, que nem sempre são suficientes. Isto porque, o arcabouço legal que estabelece a proteção ambiental parece ser um direito para todos, mas é um desafio o cumprimento destas. Isto porque, o discurso jurídico é pouco efetivo e as políticas públicas não muito eficazes principalmente no que diz respeito ao desmatamento, à extinção das espécies, à urbanização desordenada e os interesses econômicos que sobrepõe aos ambientais (VIANA; SILVA, 2016).

Conforme salientado nos parágrafos acima, estão entre os principais problemas da expansão imobiliária na Freguesia de Jacarepaguá a supressão das áreas verdes, o crescente adensamento populacional - sem que haja, de forma paralela, investimentos em infraestrutura urbana, ofertando à população residente os serviços necessários – congestionamento, aumento da violência, entre outros.

Por isso, para concluir esta etapa da pesquisa e dar sequência ao trabalho, serão apresentadas as questões compreendidas como necessárias para que o desenvolvimento urbano possa ser considerado sustentável nesta pesquisa. Isto porque, conforme reflete Oliveira (2000) as expressões “desenvolvimento sustentável”, “sustentabilidade” e suas variações ainda não parecem estar muito bem definidas ou possuir diferentes formas de interpretação e inúmeras interseções.

Logo, é improvável que todos esses sentidos e significados sejam abrangidos em um único trabalho, sendo necessário delimitar nesta pesquisa. A sustentabilidade de uma cidade está relacionada à busca pela contínua melhoria de seu ambiente físico e social, dando espaço e voz para a ação e tomada de decisão da comunidade que lá reside. Logo, entende-se por desenvolvimento urbano sustentável uma expansão urbana que:

- Preserve os espaços verdes locais;
- Promova a infraestrutura urbana;
- Promova o bem-estar de seus moradores;
- Proteja estilo de vida local; Estes quatro pontos citados servirão de parâmetro para analisar a expansão urbana da Freguesia mais adiante.

4. Contextualização da Área e Características do Bairro

A construção do capítulo 4 se justifica, pois, é através dele que se compreende a realidade do estado, da cidade e da região que o bairro pesquisado está inserido. Além disso, expõe dados e aspectos gerais do próprio bairro da Freguesia de Jacarepaguá. Acredita-se que esta contextualização colabora para a percepção do leitor em relação da relevância da área estudada.

O Bairro Freguesia encontra-se localizado no estado do Rio de Janeiro, sudeste do Brasil. O estado do Rio de Janeiro, com uma extensão territorial de 43.777 Km², possui uma população com cerca de 16 milhões de habitantes, segundo o censo demográfico de 2010. Por motivos administrativos, o mesmo foi dividido em oito (08) Regiões de Governo: Metropolitana, Noroeste Fluminense, Norte Fluminense, Baixadas Litorâneas, Serrana, Centro-Sul Fluminense, Médio Paraíba e Costa Verde.

O Rio de Janeiro é considerado o terceiro estado mais populoso do Brasil. Seu número de habitantes só perde para o estado de Minas Gerais que, relativo à extensão territorial, é aproximadamente treze (13) vezes maior que o estado do Rio de Janeiro, possuindo 586.519 Km²; e que o estado de São Paulo que, em relação à extensão territorial, é cerca de cinco (5) vezes maior que o Rio de Janeiro, possuindo 248.222 Km². Abaixo, foram sistematizados dados do Censo 2010 informando a posição do estado do Rio de Janeiro referente à quantidade de habitantes.

Posição	UF	População
1º	São Paulo	41.586.892
2º	Minas Gerais	19.728.252
3º	Rio de Janeiro	16.112.637
4º	Bahia	14.097.333
5º	Rio Grande do Sul	10.732.770
6º	Paraná	10.512.151
7º	Pernambuco	8.864.803
8º	Ceará	8.530.058
9º	Pará	7.688.531
10º	Maranhão	6.645.665

Ilustração 8 - Dados demográficos.
Fonte: IBGE, 2010.

Para melhor compreensão, foram selecionados os três estados com maior número de habitantes e relacionou-se a sua própria extensão territorial a fim de chegar à densidade demográfica de cada um. Como pode ser visto abaixo, apesar do estado do Rio de Janeiro

ficar em terceiro lugar em relação ao número de habitantes, quando se trata de densidade demográfica (Hab/Km²), o Rio de Janeiro está demasiadamente a frente.

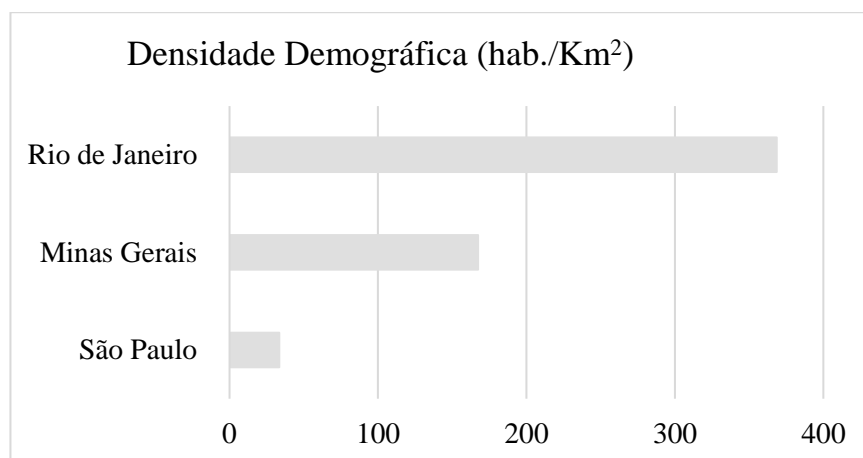


Ilustração 9 - IDH dos estados.
Fonte: autora, 2016. Dados IBGE, 2010.

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) também é um indicador usual para a análise socioespacial de uma área de estudo, por isso, será exposto o IDH dos estados analisados. Ressalta-se que o IDH possui três indicadores: saúde, educação e renda, que pode variar de 0,0 a 1,0. Quanto mais próximo ao 0, pior as condições da população; quanto mais próximo de 1, melhor as condições¹¹. Desta forma, ressalta-se que o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) considera o IDH acima de 0,800 como bom. Contudo, como está indicado na tabela abaixo, o IDH do estado do Rio de Janeiro é razoavelmente inferior a esta média.

Ordem	Estados	IDH
1º	Distrito Federal	0,824
2º	São Paulo	0,783
3º	Santa Catarina	0,774
4º	Rio de Janeiro	0,761
5º	Paraná	0,749
6º	Rio Grande do Sul	0,746
7º	Espírito Santo	0,74
8º	Goiás	0,735
9º	Minas Gerais	0,731
10º	Mato Grosso do Sul	0,729

Ilustração 11 - IDH dos estados
Fonte: IBGE, 2010.

Ao mensurar o nível da saúde, da educação e da renda, comparando tais informações com outros territórios, sejam eles países, estados ou cidades, é possível interpretar o que tais dados revelam. Porém, vale ressaltar, o desenvolvimento de uma população, na profundidade de seu significado, é algo tão abstrato que não há como limitar-se a um indicador para saber. Todavia, o IDH não indica de fato o desenvolvimento de uma população, mas colabora para a compreensão da realidade da mesma.

4.1. Aspectos Gerais e Dados Sociodemográficos da Cidade do Rio de Janeiro

A cidade do Rio de Janeiro possui uma extensão territorial de 1.225,9 km², e 6,45 milhões de habitantes, tendo uma alta densidade demográfica: 5.277 Hab./Km². O Rio de Janeiro é a cidade mais populosa do estado; seguido pelo município de São Gonçalo, com cerca de 1 milhão de habitantes e, em terceiro lugar, Duque de Caxias, com 861. 157 habitantes (PCMRJ, 2016).

O município do Rio de Janeiro, situado no litoral do estado fluminense, está inserido entre o morro e o oceano, o que, paisagisticamente, o diferencia das demais cidades devido à sua beleza única, tornando-se a única cidade brasileira no ranking das 100 cidades mais visitadas do mundo (EUROMONITOR, 2015). Abaixo, a Ilustração 10 indica localização da cidade.

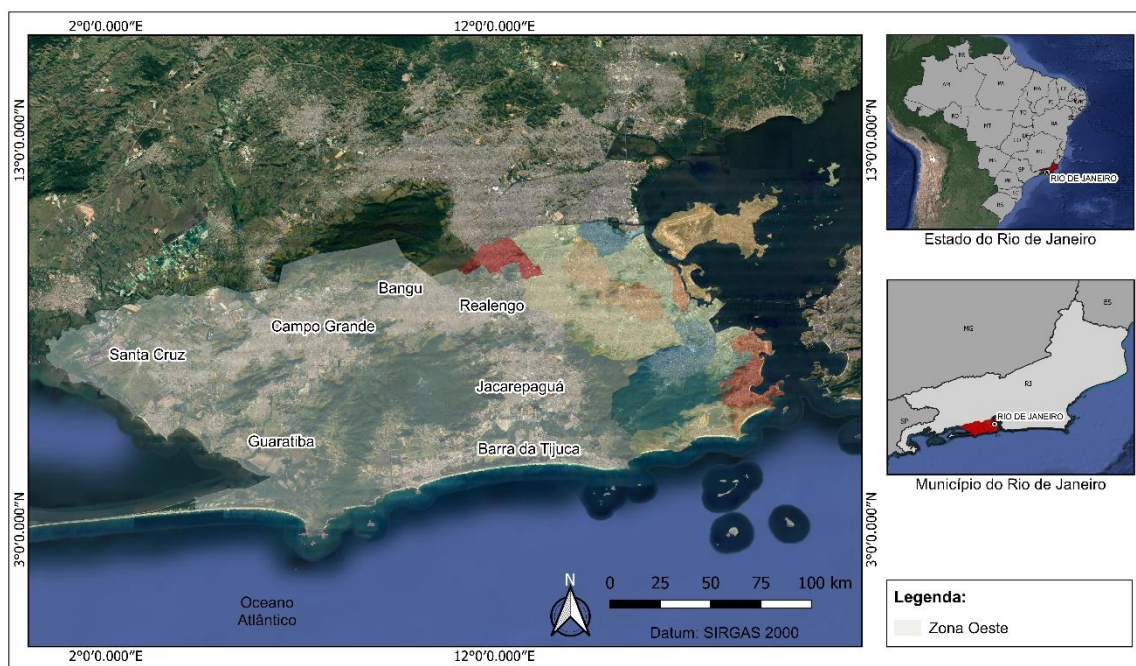


Ilustração 10 - Cidade do Rio de Janeiro.
Fonte: Autora, 2016.

O município do Rio de Janeiro teve sua divisão territorial pensada de maneira distinta a outros municípios. As categoriais de distritos e subdistritos não são utilizadas no planejamento de seu território. O Plano Urbanístico Básico (PUB-RIO) que definiu a sua base estrutural atual, criado e implantado no ano de 1977, identificou as diferentes regiões como Áreas de Planejamento (AP), de 1 a 5, as regiões administrativas (RA) numeradas em algarismos romanos de I até XXXIII (PLÁCIDO E AMBRÓSIO, 2013).

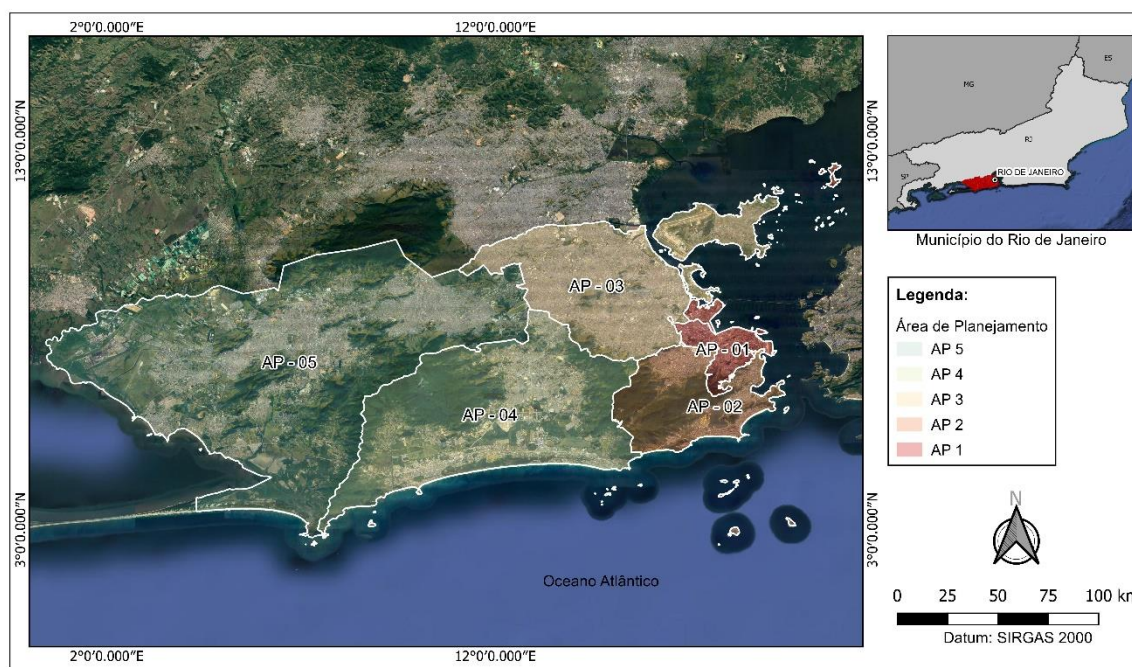


Ilustração 11 - Áreas de Planejamento.
Fonte: IPP, 2010.

Cada Área de Planejamento é subdividida em Regiões Administrativas somando um total de 33 RA: (AP 1) Portuária, Centro, Rio Comprido, São Cristóvão, Santa Teresa e Paquetá; (AP 2) Botafogo, Copacabana, Lagoa, Tijuca, Vila Isabel e Rocinha; (AP 3) Ramos, Penha, Vigário Geral, Inhaúma, Méier, Madureira, Ilha do Governador, Anchieta, Pavuna, Jacarezinho, Complexo do Alemão e Complexo da Maré; (AP 4) Jacarepaguá, Barra da Tijuca e Cidade de Deus e (AP 5) Realengo, Bangu, Campo Grande, Santa Cruz, Guaratiba e Pedra de Guaratiba.

4.1.1. Relevância do Município

Apesar da desenvoltura econômica do Rio de Janeiro perpassar por toda a região metropolitana fluminense, região esta que hoje é composta por 18 municípios (Rio de Janeiro, Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaboraí, Itaguaí, Japeri, Magé,

Nilópolis, Niterói, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São Gonçalo, São João de Meriti, Seropédica, Mesquita e Tanguá), pode-se dizer que a maior parte das atividades econômicas de grande relevância ainda estão alocadas na cidade do Rio de Janeiro, sendo os principais setores a administração pública, o comércio e serviços de manutenção e reparação e a intermediação financeira. Motivo este que explica, em parte, a disparidade entre os números de habitantes por município (Relatório IPEA, 2012).

Dados do IPEA (2012) revelam que os cinco (05) municípios que obtiveram maiores participações no ranking do Produto Interno Bruto (PIB) foram: Rio de Janeiro (43,8%); Campos dos Goytacazes (8,9%); Duque de Caxias (5,4%); Niterói (3,0%) e Macaé (2,9%). Ou seja, mesmo entre os municípios que lideram o PIB, a diferença é discrepante.

Souza (1999) conta que a cidade do Rio de Janeiro é um caso à parte quando se trata de degradação ambiental nas metrópoles dos países periféricos capitalistas, pois tem sido locus de “maciças intervenções” ao longo de sua história, que impactam o espaço natural, gerando consequências ecológicas nefastas, que representaram “um solapamento gradual de sua beleza e sua atratividade” (1999, pág 118). Aos poucos, as vegetações foram substituídas por ruas, de concreto e asfalto, os rios foram canalizados e/ ou aterrados, para suprir as diversas necessidades do homem em seu “novo habitat” (SANTANA, 2011).

Dos principais motivos para o aumento destas intervenções urbanísticas recentes, Carvalho (2013) cita que os eventos de grande porte que ocorreram, ou que irão ocorrer no Rio de Janeiro, foram o estopim, como: Pan-Americano em 2007, Conferência Rio + 20 em 2012, Jornada Mundial da Juventude em 2013, a Copa do Mundo Fifa Brasil 2014 e as Olimpíadas em 2016. Eventos estes que atraíram não só turistas, mas profissionais investidores e empreendedores de várias localidades, colaborando também para este aumento no fluxo migratório de entrada (CARVALHO, 2013).

4.2. Área de Planejamento 4 e o Bairro Freguesia de Jacarepaguá

O foco dos estudos está no bairro que constitui a Área de Planejamento (AP) 4. Conforme visto nos parágrafos acima, esta AP é a que vem sofrendo maiores investimentos

das empresas imobiliárias, com a construção não somente de empreendimentos residenciais, mas também empreendimentos comerciais.

A Área de planejamento 4, segundo o IPEA (2008), é formada por três (03) Regiões Administrativas e dezenove (19) bairros. Isto, em extensão territorial, significa 293,79 km², ou seja, 24% do município do Rio de Janeiro. A Ilustração 12 indica a AP 4 e o bairro da Freguesia de Jacarepaguá em destaque.

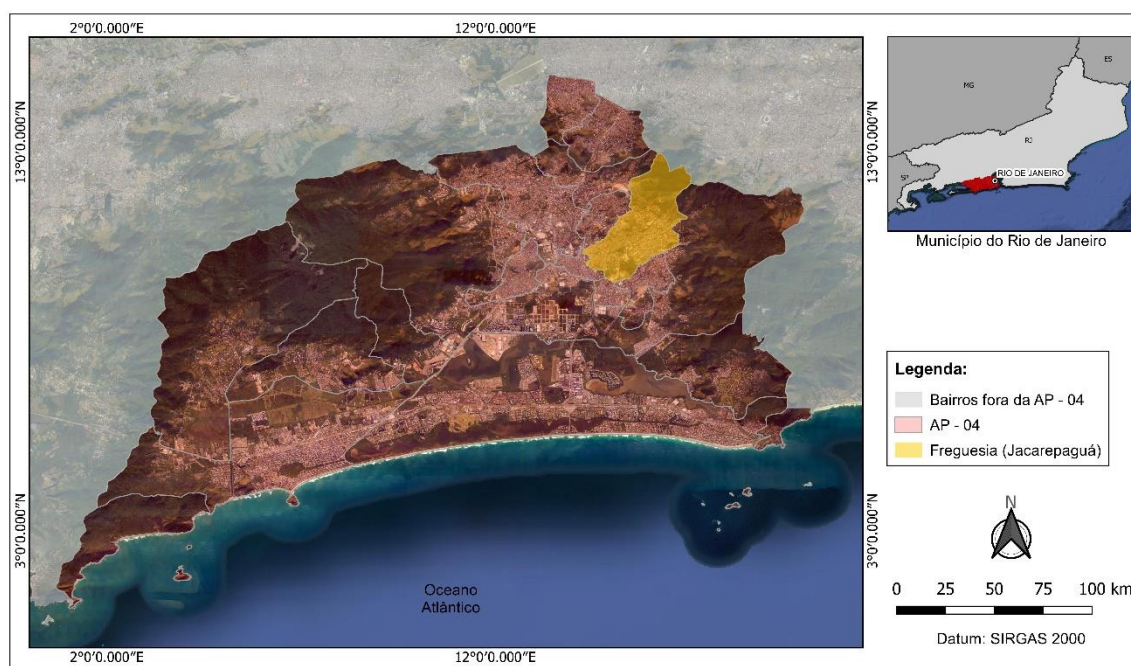


Ilustração 12 - AP4 e a Freguesia de Jacarepaguá.
Fonte: IPP 2010.

As três Regiões Administrativas citadas no parágrafo acima são: Jacarepaguá, Barra da Tijuca e a Cidade de Deus. Os dezenove bairros que fazem parte desta Região Administrativa são: Cidade de Deus, Anil, Gardênia Azul, Curicica, Freguesia, Taquara, Pechincha, Jacarepaguá, Praça Seca, Tanque, Joá, Barra da Tijuca, Camorim, Itanhangá, Vila Valqueire, Vargem Pequena, Vargem Grande, Grumari e Recreio dos Bandeirantes (IPP, 2013).

Regiões Administrativas	Bairro
XVI Jacarepaguá	Jacarepaguá
	Anil
	Gardênia Azul
	Curicica
	Freguesia
	Pechincha
	Taquara
	Tanque
	Praça Seca
	Vila Valqueire
XXXIII Cidade de Deus	Cidade de Deus
XXIV Barra da Tijuca	Joá
	Itanhangá
	Barra da Tijuca
	Camorim
	Vargem Pequena
	Vargem Grande
	Recreio
	Grumari

Ilustração 13 - Regiões Administrativas
Fonte: IPP, 2010.

A Área de planejamento 4 (AP4), que consiste em 3 regiões administrativas, possui a RA XVI Jacarepaguá com 10 bairros, RA XXIV Barra da Tijuca, como 8 bairros e RA XXXIII cidade de Deus, com 1 bairro. Ela é delimitada pelos maciços da Tijuca e Pedra Branca e pelo Oceano Atlântico.

Por muito tempo esta área foi mantida preservada, tendo como principal motivo a inexistente malha urbana, além das características geográficas peculiares que dificultavam o acesso (IPP, 2012).

E, assim, foi na metade do século XX que ocorreu a inserção definitiva da área territorial referente à AP 4 na cidade. Isso ocorreu devido a iniciativa de construção de rodovias, permitindo a interiorização e a ocupação de outras áreas do município carioca. Em um primeiro momento, a faixa litorânea foi ocupada, partindo da zona sul da cidade que já era relativamente povoada e continha ofertas de serviços (IPP, 2012). Abaixo foi disponibilizado a Ilustração 14 para compreender o boom imobiliário que vem ocorrendo na região de Jacarepaguá, como um todo.

A Ilustração 14 revela que dentre os dez bairros que estão à frente desta corrida imobiliária, os três bairros que ocupam os primeiros lugares na tabela fazem parte da Área de Planejamento 4. Contudo, mesmo com o boom imobiliário na AP4, e com o consequente

adensamento populacional, ocorreu pouco investimento público em infraestrutura urbana, como o IPP (2010) publicou.

Posição	Bairros	AP	Unidades
1°	Recreio	AP 4	4.262
2°	Jacarepaguá	AP 4	3.537
3°	Barra da Tijuca	AP 4	2.725
4°	Cachambi	AP 3	1.759
5°	Campo Grande	AP 5	1.510
6°	Penha	AP 3	966
7°	Santo Cristo	AP 1	884
8°	Del Castilho	AP 3	509
9°	Santo Cruz	AP 5	492
10°	Pilares	AP 3	442

Ilustração 14 - Lançamentos imobiliários ADEMI 2015.
Fonte: ADEMI, 2015.

Distribuição de investimento por área de planejamento (2013 – 2016)	
AP 1	15%
AP 2	5%
AP 3	35%
AP 4	10%
AP 5	35%

Ilustração 15 – Distribuição de investimentos por AP.
Fonte: ADEMI, 2015.

A interpretação da tabela acima indica que a AP4 recebeu a segunda menor porcentagem de investimentos, ainda que tenha sido a área que mais recebeu novos residentes.

4.2.1. A Baixada da Freguesia de Jacarepaguá

A Freguesia de Jacarepaguá está localizada dentro da Baixada de Jacarepaguá. Esta área, aponta Corrêa (1933), denominada “Vale dos Jacarés”, está inserida entre os maciços da Tijuca e da Pedra Branca e é constituída pelos vales dos tributários das lagoas da Tijuca e Camorim; por essas lagoas e a de Marapendi (mar limpo), na restinga de Itapeba, pelos Campos de Sernambetiba e pela Restinga de Jacarepaguá com suas dunas, qual é o anteparo do Oceano Atlântico”. (Magalhães Corrêa, Sertão Carioca, 1933, pág. 23).

Montazuma e Oliveira (2010) ressaltam que a Baixada de Jacarepaguá encontra-se na região litorânea oeste da cidade do Rio de Janeiro. A extensão da área é de 160 km², incluindo os bairros Vargem Pequena, Vargem Grande, Recreio dos Bandeirantes, Jacarepaguá, Barra da Tijuca e Itanhangá. A área é nomeada baixada por estar inserida em uma grande planície sedimentar de depósitos recentes do período quaternário.

A Baixada de Jacarepaguá engloba desde áreas de preservação, biomas considerados em perigo de extinção - restinga e mangue – a uma densa cobertura vegetal de floresta ombrófila (COCCARO apud BAHIANA, 2007). A planície tem uma forma triangular, delimitada de um lado pelo maciço da Tijuca e do outro pelo maciço da Pedra Branca.

Carvalho (2013) ensina que os projetos, assim como o processo de urbanização da Baixada de Jacarepaguá começaram a ser pensados e elaboradas a partir de 1960, devido ao crescimento populacional da cidade do Rio de Janeiro, com o incentivo também do poder público que apoiava essa expansão rumo à zona oeste. Porém, a realidade tanto física quanto biológica local é excêntrica uma vez que se encontra em uma área de transição entre o ecossistema marinho e terrestre. Geomorfologicamente, pode ser classificada “como uma planície costeira com a predominância de terrenos sedimentares e alagadiços”. (CARVALHO, 2013).

Coccaro (2013) apud Cardoso (1987) afirma que a expansão urbana no sentido da Baixada de Jacarepaguá era fadada a acontecer, ainda que, até meados da década de 60, a área tenha conseguido manter-se à margem do crescimento urbano, conservando um ar interiorano. Ao pesquisar o processo de expansão urbana da Baixada de Jacarepaguá, observa-se que distintas diretrizes não foram respeitadas, como por exemplo, a implantação de infraestrutura urbana que não acompanhou o crescimento populacional local, gerando conflitos sobre as formas de ocupação e uso da terra. (Carvalho, 2013)

O aumento do fluxo migratório de regiões cariocas já saturadas, com trânsito, violência e alto custo de vida, não foram os únicos motivos que colaboraram para o crescimento urbano da Baixada de Jacarepaguá. Carvalho (2013) lembra que um dos motivos para que os terrenos da Baixada de Jacarepaguá e seu entorno terem ganho maior visibilidade recentemente foi a localização privilegiada, a proximidade com o mar e os investimentos nos espaços vazios que abrigarão parte dos equipamentos previstos para os eventos esportivos mundiais: Copa do Mundo que ocorreu em 2014 e as Olimpíadas que ocorreram em 2016.

4.2.1.1. A Freguesia de Jacarepaguá

Até 1985, segundo o IPP15, a Freguesia era um sub-bairro de Jacarepaguá. Devido ao aumento da população, de serviços, entre outros, a Freguesia foi emancipada. Ela está

inserida na AP 4, sendo o bairro mais nobre da Região Administrativa XVI. (IPP, 2013) A Prefeitura do Rio de Janeiro publicou que a extensão territorial do bairro corresponde a 1.039,61 hectares. O último dado armazenado pela prefeitura do Rio de Janeiro, no ano de 2010, era que o bairro possuía 70. 511 residentes e 26.741 domicílios. A Ilustração 16 uma comparação entre os quatro bairros da AP4 que podem ser considerados os mais populosos, sendo eles: Barra da Tijuca, Recreio dos Bandeirantes, Freguesia e Jacarepaguá:

Comparação entre Bairros da AP4			
Bairro	População	Extensão Territorial (Km²)	Densidade Demográfica
Jacarepaguá	157.326	75,8	2.076
Barra da Tijuca	135.924	48,2	2.820
Recreio	82.240	30,7	2.679
Freguesia	70.511	10,4	6.780

Ilustração 16 - Comparação entre bairros da AP4.
Fonte: PCMRJ, 2016.

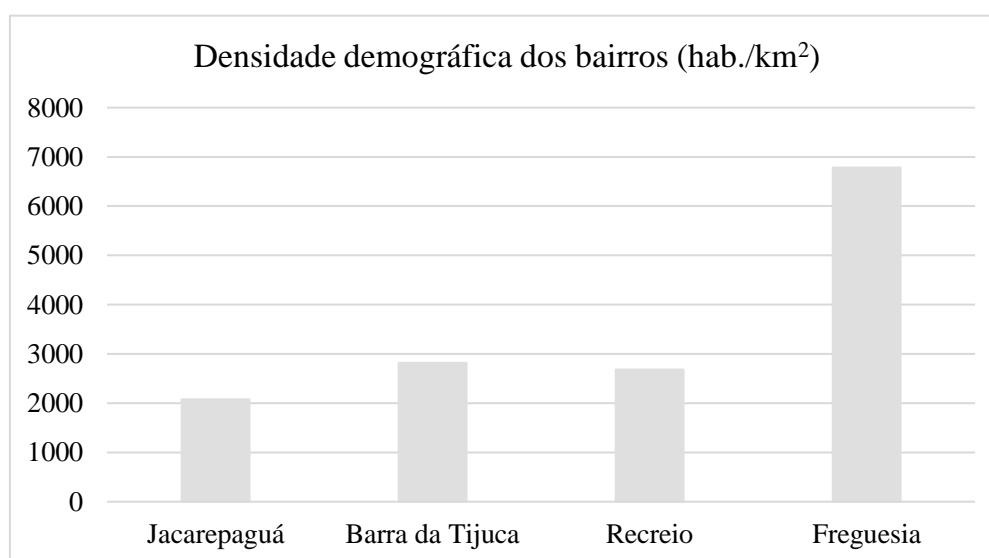


Ilustração 17 - Densidade demográfica dos bairros.
Fonte: PCMRJ, 2014.

Pode-se notar que, apesar da Freguesia possuir o menor número de habitantes, por sua extensão territorial ser notoriamente menor que os outros bairros selecionados, sua densidade demográfica é, de maneira significativa, maior, ficando então como a de maior densidade demográfica, seguida pela Barra da Tijuca, em segundo lugar, Recreio, em terceiro lugar e, por fim, Jacarepaguá em último.

Quanto à densidade urbana, ou seja, a quantidade de domicílios dividida pela extensão territorial, a Freguesia continua a liderar, com média de, aproximadamente, 26

domicílios por hectare; seguida da Barra da Tijuca, com média de 13 domicílios por hectare, Recreio, com média de 12 domicílios por hectare e, por fim, Jacarepaguá, com a média de 8 domicílios por hectare. Para fins comparativos quanto a realidade socioeconômica do bairro em relação à cidade em que está inserido, buscou-se no Censo 2010 e no Relatório Técnico do IPEA (2013) dados referentes ao IDH. Da cidade do Rio de Janeiro, como já havia sido citado acima, é 0,761 e, do bairro da Freguesia, com 0,898. Logo, as condições relativas à renda, educação e saúde do bairro, comparadas à realidade carioca, estão razoavelmente acima.

A ADEMI (2013) realizou uma pesquisa questionando por que os novos e antigos moradores do bairro tinham preferência pela Freguesia; e a resposta dos questionados era que ela se destacava de outros bairros devido aos poucos condomínios prediais, ao perfil residencial, de aparente tranquilidade e grande cobertura vegetal. E, concluem ressaltando a fala de um dos moradores que afirma que a região era conhecida como Suíça Carioca devido às temperaturas amenas⁸ (ADEMI, 2013). Contudo, este cenário veio mudando devido ao rápido crescimento do bairro. No ano de 2012, mais de 22% dos lançamentos comerciais e residenciais no Rio estavam localizados na Região Administrativa de Jacarepaguá. A Região Administrativa é a que mais cresce na cidade. Em números, a ADEMI informa que foram 5.549 novas unidades apenas no ano de 2011 (ADEMI, 2013).

Tratar da expansão da freguesia de Jacarepaguá sem versar algumas linhas sobre a Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro seria um equívoco. A Zona Oeste é a área da cidade que mais cresceu nos últimos anos. Entre 2000 e 2010 a população da cidade do Rio de Janeiro aumentou aproximadamente oito por cento, contudo, a população da Zona Oeste cresceu quase 17%. Dentre as RA que mais cresceram, ressalta-se a da Barra da Tijuca, como mais de 70% e a população de Vargem Pequena, ultrapassando dos 136%.

O território da cidade conhecida como Zona Oeste, além de ser uma denominação usada para definir o espaço geográfico ocupado pelos bairros as Áreas de Planejamento número 4 e número 5, compreende um conjunto de bairros que possuem uma percepção de aproximação, de similaridade, que vem de uma história comum, que fez com que a região tivesse certo destaque político e econômico graças à produção agrícola.

⁸ Possível de acessar pelo site www.ademi.org.br/article.php3?id_article=49304. Acesso: jun 2016.

Não é equivocado afirmar que a Zona Oeste foi percebida como uma área promissora para receber a população de outros espaços da cidade. Diante deste processo, o Estado inseriu de forma dependente a região que, conforme pesquisa de Rovere (2009), sobre a oferta de serviços na região:

- Emprego: a região gera poucos empregos locais;
- Uso do solo: é expressivo a quantidade de terrenos irregulares, clandestinos, ilegais, precários ou inapropriados;
- Transporte: a falta de integração entre as linhas de ônibus e os modais, dando espaço para transporte alternativo, dominado por poderes paralelos;
- Rede viária: inferida como insuficiente, provocando congestionamentos, desestruturando e despersonificando ruas e bairros;
- Segurança: um dos principais problemas da região, sofrendo com poderes paralelos;
- Educação: ausência de uma maior correlação entre as necessidades e potencialidades da região e os cursos técnicos e profissionalizantes.

5. Aplicação dos indicadores

5.1. Indicadores Ambientais

Em relação ao NDVI, em 2000, como é verificado na Ilustração 19, apresentada adiante, quanto mais próximo ao verde, mais áreas florestadas o bairro possui. Quanto mais próximo do vermelho, mais devastada a área está. E, logicamente, o amarelo demonstra o meio termo. Assim sendo, é possível compreender que, em 2000, ainda existia não só ao norte do bairro, mas também sudeste do bairro, áreas verdes preservadas. Alguns pontos vermelhos aparecem na imagem, mas percebe-se que é o tom amarelo, de certa forma, é predominante na imagem exposta acima.

Vale ressaltar que a intensidade do verde não quer dizer que a área esteja mais ou menos vegetada necessariamente. Por exemplo, em períodos de pouca chuva, em que a vegetação fica seca, tende a aparecer na imagem uma diferenciação da cor devido a quantidade de clorofila refletida. No ano de 2006, conforme mostra a Ilustração 20, é visível o aumento do vermelho nas imagens, ou seja, as áreas têm cada vez menos presença de áreas verdes. Como é possível acompanhar, existem áreas que permanecem com o verde, mais que apresentam um tom claro. Porém, como supracitado, isso não quer dizer que as áreas foram desmatadas, mas que – possivelmente – as imagens foram conseguidas em um período de menor quantidade de chuva.

No ano de 2012, Ilustração 21, é perceptível o avanço do desmatamento, em que grande parte das áreas do bairro estão tomadas pelo vermelho e amarelo, representando áreas sem grande quantidade de vegetação. As duas partes que permanecem mais conservadas são referentes ao Bosque da Freguesia e, ao Norte, Serra Grajaú- Jacarepaguá que ao seu entorno é tomada com a vegetação da Floresta da Tijuca. Abaixo foi exposto a comparação entre as médias e o desvio padrão das áreas florestadas e das áreas com menor quantidade de vegetação. O cálculo mostra que a variação do desvio padrão é inexistente ainda que, ao longo dos anos, a diminuição das áreas verdes tenha sido mantida.

NDVI	Média	DSP
2000	0,5	0,18
2006	0,46	0,18
2012	0,38	0,18

Ilustração 18 - Média e desvio padrão NDVI.
Fonte: Autora, 2016.

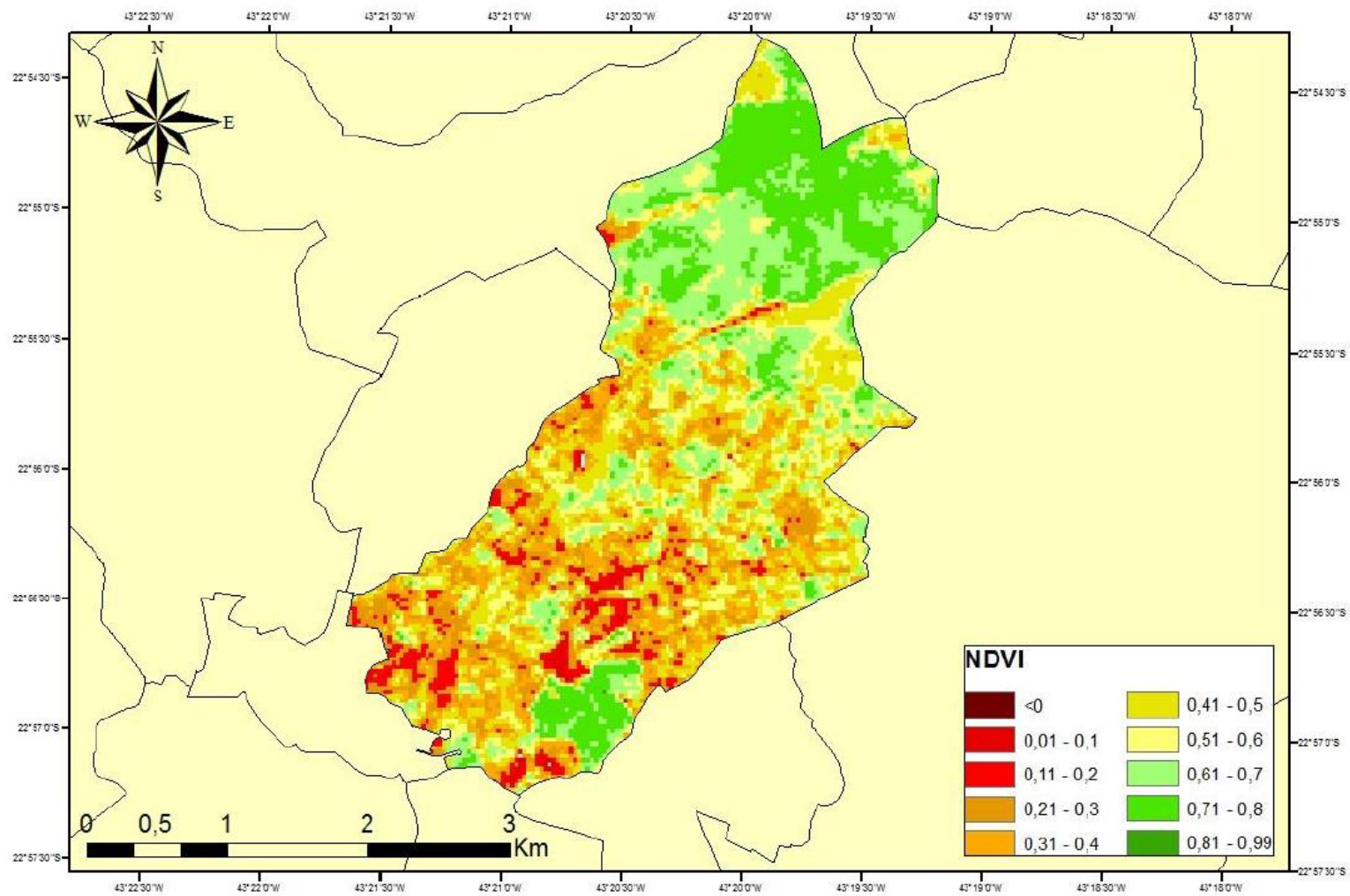


Ilustração 19 - NDVI 2000, Freguesia.
Fonte: Autora, 2016.

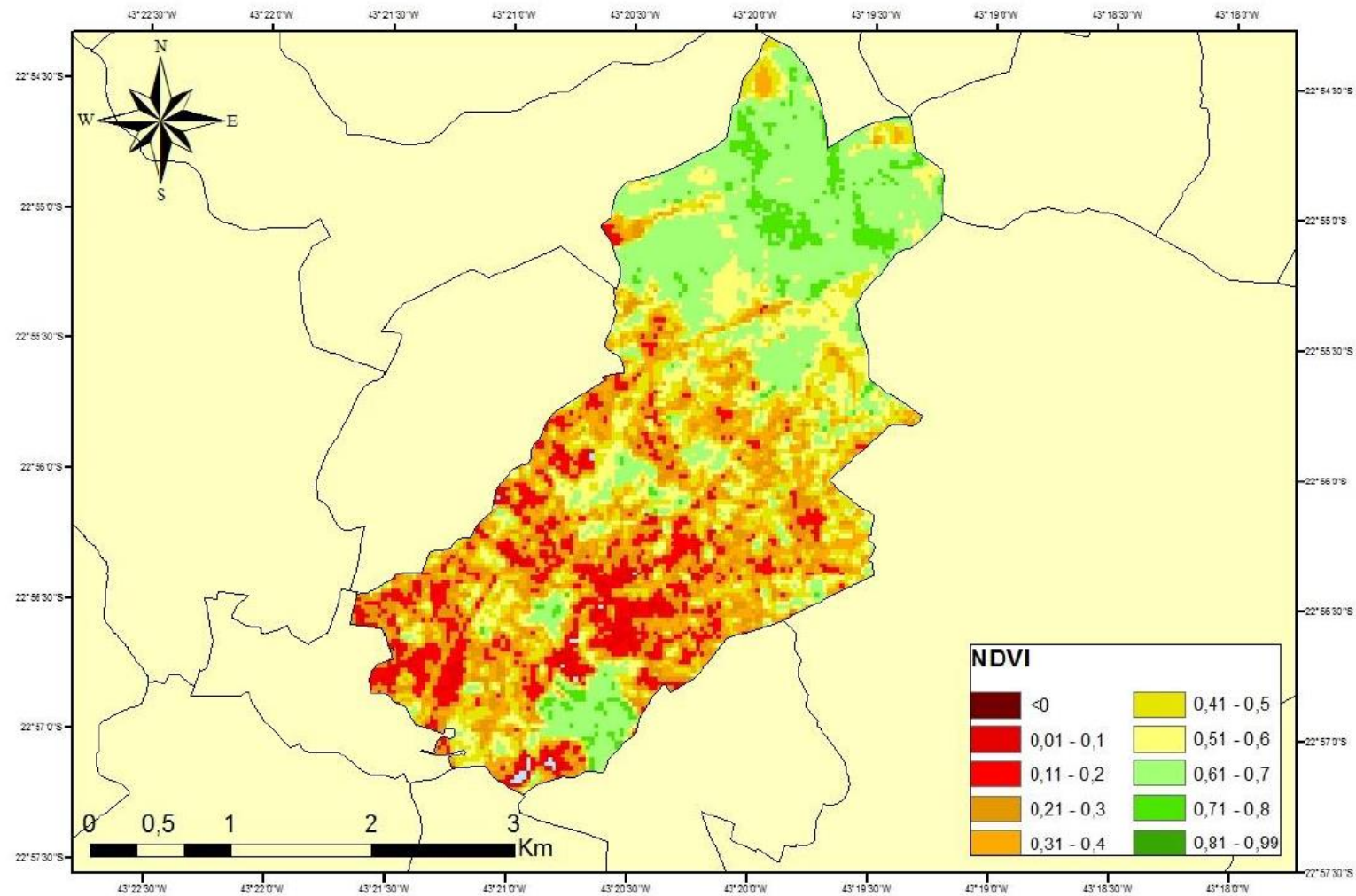


Ilustração 20 - NDVI 2006, Freguesia.
Fonte: Autora, 2016.

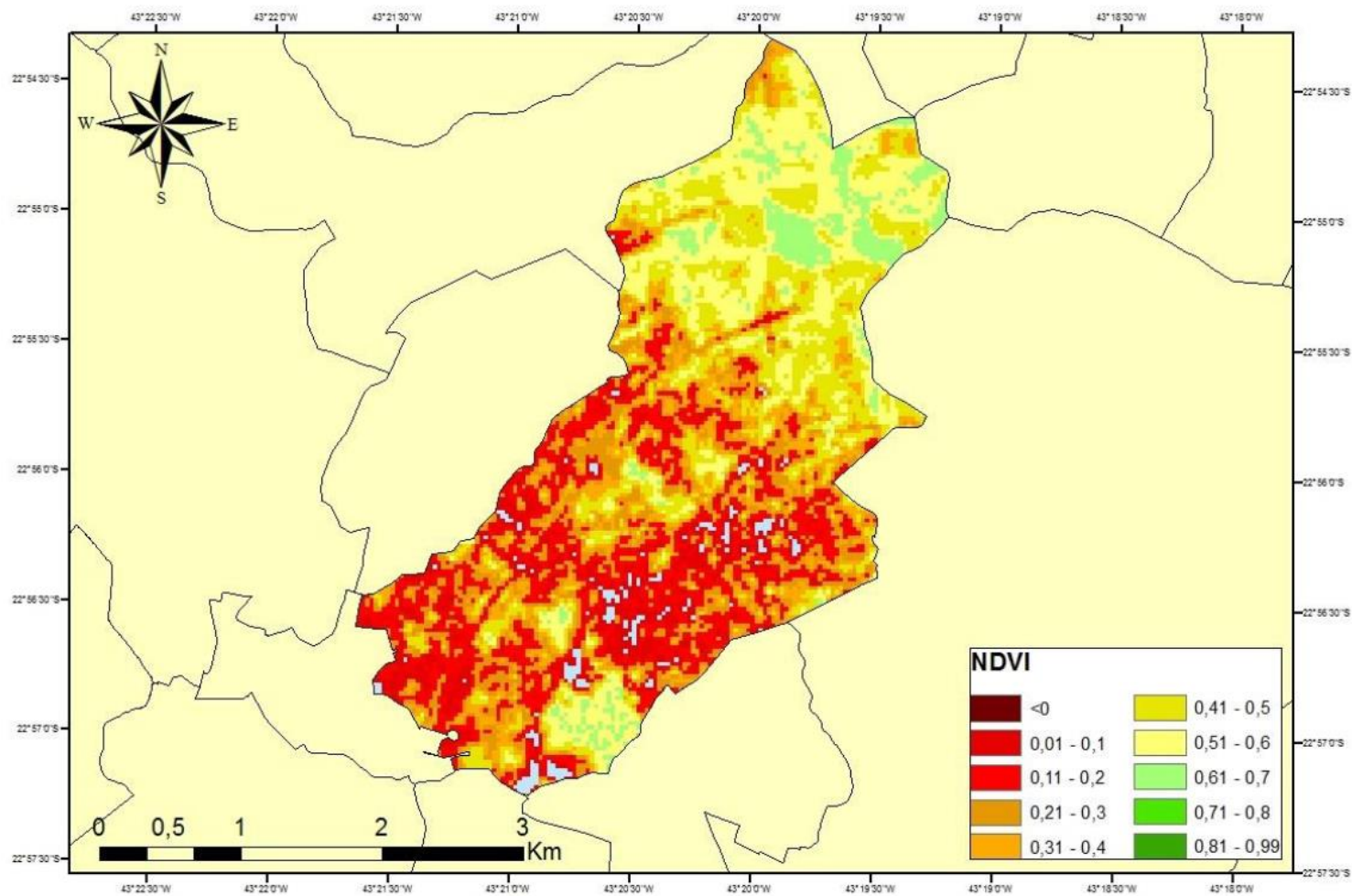


Ilustração 21 - NDVI 2012, Freguesia.
 Fonte: Autora, 2016.

Agora, tratando do IBI, conforme já salientado, este indicador se distingue dos outros índices convencionais por utilizar índices temáticos derivados de dados de satélite em vez de usar diretamente bandas originais dos sensores (LUCENA ET AL, 2013).

São utilizados pelo IBI três índices temáticos, sendo eles o NDVI, o índice de água por diferença normalizada modificado (MNDWI) e o índice de áreas construídas por diferença normalizada (NDBI), com o intuito de representar as três principais componentes da paisagem urbana: (i) vegetação; (ii) água e (iii) áreas construídas. Neste aspecto, o IBI pode ser calculado de uma única vez não sendo necessário produzir três índices antes de calcular o IBI, a partir da seguinte equação (LUCENA ET AL, 2013):

$$IBI = \frac{2\rho_3/(\rho_5 + \rho_4) - [\rho_4/(\rho_4 + \rho_3) + \rho_2/(\rho_2 + \rho_5)]}{2\rho_3/(\rho_5 + \rho_4) + [\rho_4/(\rho_4 + \rho_3) + \rho_2/(\rho_2 + \rho_5)]}$$

Como um índice normalizado, os resultados variam entre -1,0 e +1,0, sendo os valores positivos e próximos a 1,0 indicativos de área urbana, enquanto valores negativos e próximos a -1,0 indicativos de área menos urbanizada (LUCENA ET AL, 2013).

Em relação ao IBI, abaixo foi exposto na Ilustração 22 a comparação entre as médias e o desvio padrão das áreas construídas e das áreas verdes. Como pode ser identificado, houve uma diferença na média de áreas construídas entre os anos analisados. Ou seja, no ano de 2004, a média se mantém negativa, com uma quantidade de áreas verdes (áreas com presença de cobertura florestal) razoável. Mas, já no ano de 2014, o valor passa a ser positivo, indicando que há aumento de construções, e diminuição das áreas florestadas.

Ano	Média	DSP
2004	-0,12	0,1
2014	0,006	0,05

Ilustração 22 - Média e desvio padrão do IBI.
Fonte: Autora, 2016.

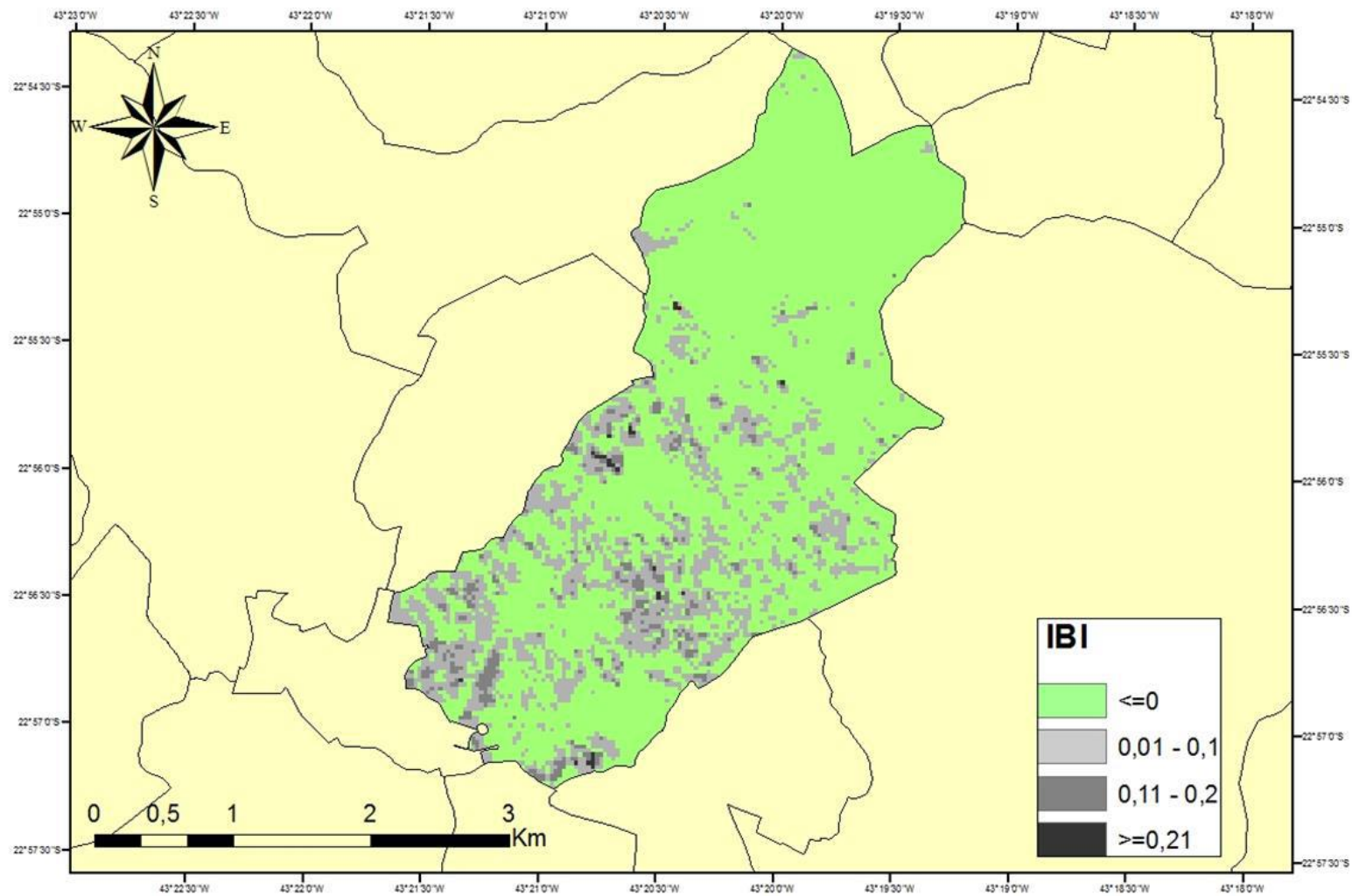


Ilustração 23 - IBI 2004, Freguesia.
Fonte: Autora.

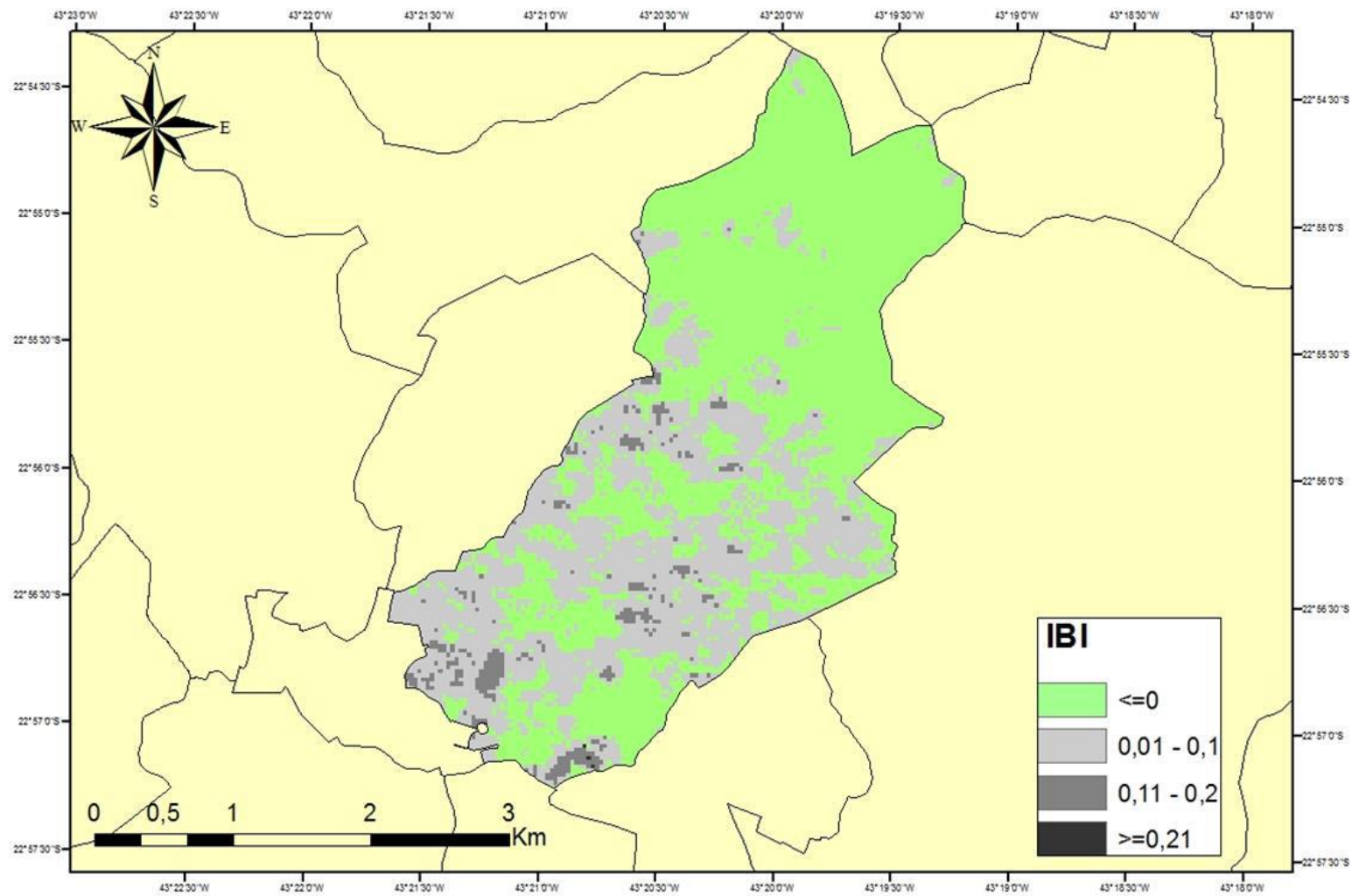


Ilustração 24 - IBI 2014, Freguesia.
 Fonte: Autora, 2016.

5.2. Indicador Social

Segundo o IBGE (1979), um indicador social pode analisar a qualidade de vida e os níveis de bem-estar das pessoas, famílias e grupos populacionais, bem como a efetivação de direitos humanos e sociais, acesso aos serviços, bens e oportunidades necessários, por meio de indicadores que visam contemplar a heterogeneidade da sociedade brasileira sob a perspectiva das desigualdades sociais.

Os indicadores sociais colaboram na elaboração dos estudos que mapeiem as desigualdades e os efeitos sobre a realidade social de um território, com vistas não só à incorporação de assuntos atuais e relevantes para as políticas públicas, como também ao aprofundamento das análises a partir do eixo das desigualdades de gênero, cor ou raça e grupos de idade.

Em relação à pergunta fechada “Qual das opções você considera mais prejudicial ao bairro”, os resultados estão expostos a seguir, ressaltando que estes foram separados em 4 categorias: faixa 1 - moradores que vivem no bairro entre 10 e 20 anos, faixa 2 - moradores que vivem no bairro entre 21 e 30 anos, faixa 3 - moradores que vivem no bairro entre 31 e 40 anos e faixa 4 - moradores que vivem no bairro há mais de 40 anos.

- Para os moradores que vivem na Freguesia entre 10 e 20 anos, 32, 4% compreendem que a violência e a verticalização foram as principais consequências sentidas por eles a partir da expansão do bairro; 21, 6% pensam em mobilidade urbana e 13,5% em verticalização.
- Para os moradores que vivem na Freguesia entre 21 e 30 anos, 42, 5% compreendem que o desmatamento é o mais prejudicial ao bairro. Em seguida, 35% afirmam ser a mobilidade urbana; 12, 5% a violência e, por fim, 10% a verticalização.
- Para os moradores que vivem na Freguesia entre 31 e 40 anos, 29,4% compreendem que o desmatamento e a mobilidade urbana sejam os mais prejudiciais ao bairro. Em seguida, 23,5% dos entrevistados pensam na verticalização e, por fim, 17,6% citam a violência. Para os moradores que vivem na Freguesia há mais de 40 anos,

50% dos entrevistados alertaram sobre a violência e, a outra metade, sobre mobilidade urbana.

- *Qual das opções você considera mais prejudicial ao bairro?*



Ilustração 25 - Faixa 1 - Qual das opções você considera mais prejudicial ao bairro?
Fonte: Autora, 2016.



Ilustração 26 - Faixa 2 - Qual das opções você considera mais prejudicial ao bairro?
Fonte: Autora, 2016.

Moradores que vivem no bairro entre 31 e 40 anos

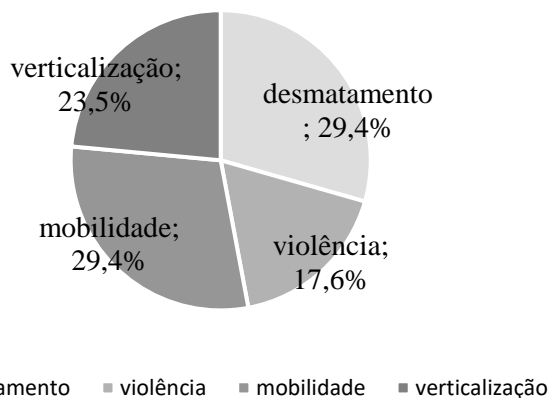


Ilustração 27 - Faixa 3 - Qual das opções você considera mais prejudicial ao bairro?
Fonte: Autora, 2016.

Moradores que vivem no bairro há mais de 40 anos

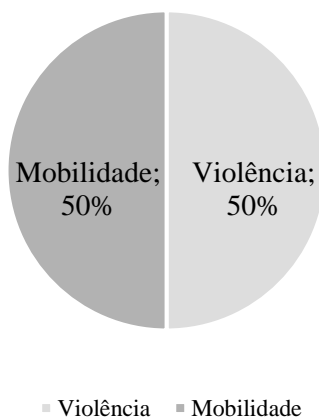


Ilustração 28 - Faixa 4 - Qual das opções você considera mais prejudicial ao bairro?
Fonte: Autora, 2016.

5.2.1. Resultado da pesquisa social

Em relação às perguntas abertas, que foram tabuladas e anexadas ao final deste trabalho, a grande maioria dos questionados que vivem na Freguesia entre 10 e 20 anos afirmaram, que a Freguesia era conhecida por ser um bairro calmo, com grande quantidade de áreas verdes e poucos prédios. Quanto ao que mudou no bairro após sua expansão, eles

apontaram o trânsito, o desmatamento, a “superpopulação” e a violência; dando maior ênfase ao trânsito e ao desmatamento do bairro. A pergunta “Em que medida esta situação atrapalha sua vida? ” é unânime que interfere muito e de forma negativa a vida dos moradores. Durante as entrevistas, muitos moradores afirmaram iniciar o dia com stress devido aos constantes engarrafamentos do bairro. E, por fim, para melhorar a qualidade de vida no bairro, foram citadas intervenções como: reflorestamento, a mudança política, policiamento, investimento em infraestrutura urbana, planejamento e gestão urbana.

Os moradores que vivem entre 21 e 30 anos no bairro também afirmaram que o bairro era calmo, com muitas áreas verdes e quase sem prédios. Um “bairro agradável de se viver”. Para eles, a causa do estopim dos problemas era devido ao aumento populacional. A palavra “caótico” foi utilizada por quase todos os entrevistados. Dentre as observações feitas por eles, o desmatamento, o aumento dos prédios e o engarrafamento foram as características mais citadas. Contudo, o engarrafamento foi o mais enfatizado.

Quanto ao questionamento de como melhorar o cotidiano no bairro, as respostas eram similares, variando entre mobilidade urbana, falta de planejamento de transporte e pouco investimento em outros modais. Em relação ao questionamento em que medida a mudança no bairro afetou a vida dos moradores locais, também foi unânime a resposta: “muito”.

Para este grupo o cotidiano no bairro tende a melhorar com investimentos ou aprimoramento em gestão pública, segurança pública, infraestrutura urbana, expansão de vias, reflorestamento, e dando ênfase na proibição de construção de prédios. Os moradores que vivem entre 21 e 30 anos no bairro também afirmaram que o bairro era calmo, com muitas áreas verdes e quase sem prédios. Um “bairro agradável de se viver”. Para eles, a causa do estopim dos problemas era devido ao aumento populacional. A palavra “caótico” foi utilizada por quase todos os entrevistados. Dentre as observações feitas por eles, o desmatamento, o aumento dos prédios e o engarrafamento foram as características mais citadas. Contudo, o engarrafamento foi o mais enfatizado.

Quanto ao questionamento de como melhorar o cotidiano no bairro, as respostas eram similares, variando entre mobilidade urbana, falta de planejamento de transporte e pouco investimento em outros modais. Em relação ao questionamento em que medida a

mudança no bairro afetou a vida dos moradores locais, também foi unânime a resposta: “muito”.

Para este grupo o cotidiano no bairro tende a melhorar com investimentos ou aprimoramento em gestão pública, segurança pública, infraestrutura urbana, expansão de vias, reflorestamento, e dando ênfase na proibição de construção de prédios.

As respostas em relação à terceira pergunta como era a Freguesia quando você chegou seguem o mesmo padrão que dos grupos anteriores. Para eles, o bairro tinha um ar interiorano, poucos prédios, arborizado e bem tranquilo. Em relação ao perfil do bairro hoje, eles afirmaram que é agitado, superpopuloso, desmatado e com muitos prédios.

Dentre os problemas que mais incomodam no bairro atualmente, eles citam o trânsito, a falta de policiamento e o desmatamento. Os moradores entendem que o boom imobiliário, o crescimento populacional e a falta de infraestrutura urbana são os causadores da queda da qualidade de vida local. Este grupo não possui um consenso quanto ao que é necessário para melhor o bem-estar no bairro, como se nota nas respostas acima, policiamento, reflorestamento e melhora de infraestrutura estavam presentes nas reflexões.

As opções escolhidas para compor as perguntas fechadas do formulário (verticalização, desmatamento, mobilidade urbana e violência) foram, de um modo geral, as repostas dadas pelos entrevistados para as perguntas abertas. Ou seja, problemas típicos de uma expansão urbana rápida e sem planejamento. Pode-se concluir que houve um consenso em relação as respostas das perguntas abertas, em que o trânsito e o desmatamento são os problemas urbanos que mais incomodam os moradores da região.

Ao analisar as respostas dos formulários aplicados, os entrevistados sempre caracterizam a situação da Freguesia como: “boom imobiliário”, “superpopulação”, “crescimento populacional”, “falta de infraestrutura urbana” e “falta de planejamento urbano”. Da mesma forma, quando os moradores respondem aos tipos de investimento que o bairro deveria ter para melhorar a qualidade de vida da população local, estes citam: “investimento em planejamento urbano”, “investimento em transporte público”, “incentivo a arborização urbana”, “investimento em infraestrutura urbana” e o “impedimento de construção de novos prédios”.

6. Considerações Finais

Antes de realizar os apontamentos específicos referentes ao bairro da Freguesia de Jacarepaguá e dos impactos na qualidade de vida da população a partir da expansão urbana sem planejamento, abordou-se fatos históricos considerados relevantes para compreensão da formação das cidades modernas, do processo de urbanização e da consequente conscientização da sociedade moderna dos impactos negativos gerados por esse processo.

A partir da consciência de seu poder autodestrutivo, da mudança de paradigma, surgiram reflexões que colaboraram para a criação e disseminação de conceitos referentes à sustentabilidade urbana e qualidade de vida. Estes conceitos desenvolvidos durante o trabalho foram imprescindíveis para as inferências quanto a sustentabilidade ou não da expansão urbana na Freguesia de Jacarepaguá; servindo de parâmetro para que a autora gerasse sua própria compreensão sobre o que seria desenvolvimento urbano sustentável e o utilizasse na análise do crescimento do bairro.

Da mesma forma, justifica-se a utilização dos dados sociodemográficos e das informações gerais do estado e da cidade do Rio de Janeiro, na qual a Freguesia se encontra, pois, são de grande relevância para compreensão de quanto estratégico é a área de estudo.

Também não seria possível chegar à conclusão quanto a sustentabilidade da expansão urbana do bairro sem as interpretações das imagens de NDVI e IBI que tornaram possível a visualização do aumento das construções e, conseqüentemente, do aumento do desmatamento local. Tão importante quanto isto, foi a aplicação dos formulários aos moradores da Freguesia de Jacarepaguá, pois colaborou na compreensão da percepção dos mesmos quanto as mudanças advindas deste processo e dos impactos gerados.

Resumindo, depreende-se que, após uma grande especulação imobiliária e do consequente aumento populacional no bairro, surgiram inúmeros problemas urbanos considerados comuns em expansões urbanas não planejadas: desmatamento, engarrafamento e falta de infraestrutura urbana.

A partir da interpretação, primeiramente, do Índice de Vegetação por Diferença Normalizada (NDVI) e pelo Índice de Área Construída (IBI), pode-se afirmar que a quantidade de área verde suprimida e da quantidade de área construída, nestes últimos 12

anos, no caso do NDVI, e nos últimos 14 anos, no caso do IBI, houve uma grande mudança que, deduz-se, ter acompanhado o processo de expansão imobiliária da Freguesia.

A partir da aplicação dos formulários, dados que foram expostos no capítulo acima, percebeu-se a insatisfação dos moradores, em que, em uma amostra de 100 pessoas, duas pessoas informaram não perceber qualquer tipo de mudança no bairro. Por outro lado, os outros 98 entrevistados fizeram questão de ressaltar os impactos negativos que a expansão urbana trouxe para o bairro. No entanto, não houve um consenso quanto ao maior problema do bairro após esta expansão; ainda que a questão do desmatamento tenha sido a mais assinalada.

No objetivo geral deste trabalho, afirmou-se que o intuito da pesquisa era identificar em que medida a qualidade de vida das pessoas é afetada por essa expansão urbana acelerada e desordenada da Freguesia de Jacarepaguá. No que se refere ao parâmetro utilizado pela autora para considerar um bairro sustentável ou não, foram citados quatro (4) pontos: (i) Preservação dos espaços verdes locais; (ii) Promoção da infraestrutura urbana; (iii) Promoção do bem-estar de seus moradores; e, (iv) Proteção do estilo de vida local.

No entanto, pelas respostas adquiridas através dos formulários aplicados, a expansão urbana do bairro trouxe problemas como: engarrafamento, desmatamento e violência. Como não bastasse, tal crescimento populacional não veio acompanhado de infraestrutura urbana, o que agravou ainda mais a situação local. Palavras como caótica, superpopulosa, agitada e engarrafada foram frequentemente utilizadas.

Acredita-se que, a partir destes dados expostos acima, é possível depreender que a expansão urbana do bairro trouxe mais problemas do que soluções para seus moradores. Após a entrevista com a amostra de 100 moradores, conclui-se que este processo pelo qual a Freguesia passou não tem uma conotação positiva. A população questionada, em sua grande maioria, não citava impactos positivos (melhoria na infraestrutura e nos serviços), mas, sim, impactos negativos: engarrafamento, desmatamento, aumento da violência, mudança no microclima, crescimento populacional e verticalização do bairro. Logo, a pesquisa leva a concluir que o desenvolvimento do bairro da Freguesia de Jacarepaguá é insustentável.

Referências

- ACIOLY, Claudio. DAVIDSON, Forbes. Densidade Urbana: Um Instrumento de Planejamento e Gestão Urbana. Editora Mauad X. Rio de Janeiro, 1998, p. 36.
- ACSERALD, Henri (Org.). Conflitos Ambientais no Brasil. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Fundação Heinrich Böll, 2004.
- ADEMI. Zona Oeste do Rio desponta com lançamentos imobiliários. Possível de acessar em: http://www.ademi.org.br/article.php?id_article=54483. Acesso em: jun. 2016.
- ADRIANO, J. R.; WERNECK, G. A. F.; SANTOS, M. A.; SOUZA, R. C. A construção de cidades saudáveis: uma estratégia viável para a melhoria da qualidade de vida? Ciênc. saúde coletiva vol.5 n°.1 Rio de Janeiro, 2000.
- ALLARDT. E. Having, Loving e Being. The Quality of Life. Oxford. 1993.
- ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de Almeida. GUTIERREZ, Gustavo Luis. MARQUES, Renato. TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. Qualidade de Vida. Definição, Conceitos e Interfaces com Outras Áreas de Pesquisa. São Paulo. 2012.
- AMATO-LOURENÇO, L.F, MOREIRA, TCL; ARANTES, BL; FILHO, DFS; MAUAD, Thais. Metrôpoles, cobertura vegetal, áreas verdes e saúde. Revista Estudos Avançados 30 (86). São Paulo, 2016.
- ANDRADE, L. BARRETO, I. C. H. Promoção da Saúde e Cidades/Municípios Saudáveis: proposta de articulação entre saúde e ambiente. 2003. Pág. 151-189.
- ARENDIT, E. J. Expansão Urbana em Campinas: Ocupação do Solo, Conseqüências Sociais e Atuação do Poder Público Municipal. PUC - SP, 1993 (dissertação).
- BAHIANA, Luis Cavalcanti da Cunha. O uso do geoprocessamento na definição de indicadores georreferenciados a agregação territorial significativa na região de Jacarepaguá (RJ). 2007. Tese (Doutorado em Geografia). UFRJ. Rio de Janeiro, 2007.
- BARBOSA, Sônia Regina da Cal Seixas. Qualidade de Vida e ambiente: uma temática em construção. In: BARBOSA, Sônia Regina da Cal Seixas (org.). A temática ambiental e a pluralidade do Ciclo de Seminários do NEPAM. Campinas: UNICAMP, NEPAM, 1998, p. 401-423.
- BATISTELLA, Mateus. MORAN, Emílio. Geoinformação e Monitoramento Ambiental na América Latina. São Paulo. Editora Senac, 2008.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRANCO, Samuel Murgel. O meio ambiente em debate. São Paulo: Moderna, 1997. 95p. (Coleção Polêmica).
- BRAVO. M. T. VERA. S. Consideraciones Metodologicas: uma operacionalizacion del concepto de calidad de vida. Oxford. 1993.

BRUNDTLAND, Gro Harlem. Nosso futuro comum: comissão mundial sobre meio ambiente e desenvolvimento. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991

BUARQUE. S. C., Construindo o Desenvolvimento Local Sustentável: metodologia de planejamento. Rio de Janeiro, Garamond. 2002.

CAPRA, Fritjof. A Teia da Vida. São Paulo. Editora Cultrix, 1996.

CARVALHO, Luciana Crivelare Gomes. Desenvolvimento e Sustentabilidade: Um Estudo sobre a Implantação do Grand Hyatt Hotel na Praia da Reserva (Recreio dos Bandeirantes, Rio de Janeiro). Rio de Janeiro. UFRRJ. 2013 80

CARVALHO, Regina Paula Benedetto de. Qualidade urbana /ambiental no território carioca: o caso do planejamento da Baixada de Jacarepaguá, Rio de Janeiro. PPGEO/UERJ. Rio de Janeiro. 2013

CISOTTO, Mariana Ferreira. VITTE, Antônio Carlos. Natureza e Cidade: Áreas Verdes e a Urbanização de Campinas (SP). São Paulo. UNICAMP. 2010.

COCCARO, Sue Ellen. A Requalificação da Avenida Ayrton Senna na Vertente Jacarepaguá e a Redefinição dos Limites da Barra da Tijuca Expandida. Rio de Janeiro, UFRJ. IPPUR. 2013.

CORRÊA, Armando Magalhães. O Sertão Carioca. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.) Rio de Janeiro. Pág. 312. 1933.

DRUMMOND, J. A. Evolução e cultura. vol. 11(1):177-81, jan.-abr. 2004. Brasília, 2004.

ENGELS, Friedrich. As grandes cidades. A situação da classe trabalhadora na Inglaterra. São Paulo: Global, 1985

FENZL, Norbert. O Conceito de Desenvolvimento Sustentável em Sistemas Abertos. Belém. 1998.

FERNANDES, Carla Scott de Almeida Belart. O Potencial Turístico da Barra da Tijuca e Guaratiba e seu aproveitamento para o Turismo Receptivo na Cidade do Rio de Janeiro. Monografia. FACHA. 2002.

FIGUEIREDO, Divino. Conceitos Básicos de Sensoriamento Remoto. Companhia Nacional de Abastecimento. 2005.

GAVARD, François. Do Impasse ao Consenso: Um Breve Histórico do Conceito de Desenvolvimento Sustentável. Rio Grande do Sul. UFSM. 2009.

GENTILE, M. Os desafios do município saudável. Mato Grosso do Sul. 1999.

GOBBI, Leonardo Delfim. Urbanização Brasileira. Rio de Janeiro. UFF. 2015

GONÇALVES, M. A. Instituto Internacional de Educação do Brasil – IEB 10 anos de história. Disponível em:

<http://www.iieb.org.br/index.php/publicacoes/publicacoes-2/10-anos-do-ieb/>. 2008. 81

GONÇALVES, Juliano Costa. A Especulação Imobiliária na Formação de Loteamentos Urbanos: Um Estudo de Caso. Unicamp. São Paulo. 2002.

GRÜN, Mauro. Ética e Educação Ambiental: A Conexão Necessária. Campinas. Editora Papirus, 1996.

GUIMARÃES, R. P; Y. R. S. FONTOURA Rio+20 ou rio-20? Crônica de um fracasso anunciado. Ambiente & Sociedade. São Paulo v. XV, n. 3 p. 19-39 set.-dez. 2012.

HARVEY, David. Cidades Rebeldes: Passe Livre e as Manifestações que Tomaram as Ruas do Brasil. A Liberdade da Cidade. São Paulo: Boitempo Editorial, 1ª Edição. 2013. Pág. 3. Pág. 31.

IBGE. Indicadores Sociais: relatório. Rio de Janeiro 1979.

IBGE. Indicadores de Desenvolvimento Sustentável. Rio de Janeiro, 2015.

IPP. Instituto Pereira Passos. Armazenzinho. Possível de acessar em: <https://www.data.rio/>. Acesso em> jun. 2016.

JUNIOR, José Carlos Ugeda. Planejamento Ambiental Urbano. FCT. São Paulo. 2003.

KRONEMBERGER, D. M. P., 2003. A Viabilidade do Desenvolvimento Sustentável na Escala Local: o caso da Bacia do Jurumirim, Angra dos Reis, RJ. Tese de Doutorado. UFF. Niterói. 274 p.

KRONEMBERGER, D. M. P., 2011. Desenvolvimento Local Sustentável: Uma Abordagem Prática. São Paulo. Editora Senac São Paulo.

LENOBLE, Robert. História da idéia de natureza. Portugal. 70ª Edição. 1969.

LIMA, Cristina de Araújo. MENDONÇA, Francisco. Planejamento Urbano-Regional e Crise Ambiental: Região Metropolitana de Curitiba. Paraná. UFPR. 2001. Curitiba, 2011.

LUCENA, A.J. (2012) A ilha de calor na região metropolitana do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Ciências Atmosféricas em Engenharia). Universidade Federal do Rio de Janeiro/COPPE, Rio de Janeiro. 340p

MANCINI, Gisele Arrobas. Avaliação dos custos da urbanização dispersa no Distrito Federal. Mestrado em planejamento urbano. UNB, Brasília. 2008.

MARIANO, Zilda Fátima. SCOPEL, Iraci. PEIXINHO, Dimas Moraes. SOUZA, Marcos Barros. A Relação Homem-natureza e os Discursos Ambientais. Revista USP. São Paulo. 2011. (Pág. 159)

MARICATO, Ermínia. O Estatuto da Cidade Periférica. O Estatuto da Cidade Comentado. Ministério das Cidades. São Paulo. 2010. Pág 5.

MELO, ET; SALES, MCL; OLIVEIRA, JGB. Aplicação do índice de vegetação por diferença normalizada (ndvi) para análise da degradação ambiental da microbacia hidrográfica do riacho dos cavalos, crateús-ce.

- MINAYO, M. C. S.; HARTZ, Z. M. A.; BUSS, P. M. Qualidade de Vida e saúde: um debate necessário. *Ciência & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 5, n.1, 2000, p. 7-18. 82
- MIRANDA, Zoraide Amarante Itapura de. A incorporação de áreas rurais as cidades: um estudo de caso sobre Campinas, SP. Tese. São Paulo: Unicamp. 2002.
- MORAES, A. C. R. e COSTA, W. M. Geografia Crítica: A Valorização do Espaço. Hucitec, 1987.
- MONTAZUM, Rita. OLIVEIRA, Rogério. Os ecossistemas da Baixada de Jacarepaguá e o PEU das Vargens. Rio de Janeiro. NIMA. PUC. 2010.
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. O Homem, a Natureza e a Cidade: Planejamento do Meio Físico. Curitiba. Revista Geografar. 2008.
- MORAES.A. C. R. Ideologias Geográficas. São Paulo. Hucitec. 1988.
- NEVES, Viviane Cristina. O Impacto da Expansão Urbana sobre a Vegetação do Município do Rio de Janeiro, RJ. Monografia. UFRRJ, Seropédica. 2010.
- NOBRE, P. A M; RAMOS, E.M.B. A CIDADE E O CAPITAL: um breve histórico da situação da classe operária. Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos. IPEA, 2011.
- OJIMA, Ricardo. Dimensões da urbanização dispersa e uma proposta metodológica para estudos comparativo. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, São Paulo. v. 24, n. 2, pág. 277 e pág. 97. 2007.
- OLIVEIRA, Leandro Dias de. A Ideologia do Desenvolvimento Sustentável no Ensino da Geografia. 2001. Monografia (Graduação em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Faculdade de Formação de Professores (FFP), São Gonçalo / RJ, 2001.
- _____. A geopolítica do desenvolvimento sustentável: um estudo sobre a Conferência do Rio de Janeiro (Rio-92), 2011. 283 p. Tese (Doutorado) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas – SP.
- _____. A geopolítica do desenvolvimento sustentável: Reflexões sobre o encontro entre economia e ecologia. *Revista Carta Internacional*. ABRI (Associação Brasileira de Relações Internacionais), São Paulo, Volume 7, número 1, 2012, páginas 118-139. Disponível em: <http://cartainternacional.abri.org.br/index.php/Carta/article/view/54/36>. Acesso em: 10 de Maio de 2016.
- PERAZZO, M. M. Diagnóstico Socioambiental do Bairro do Recreio dos Bandeirantes (Rio de Janeiro/ RJ) como Subsídio ao Desenvolvimento Local Sustentável. ENCE/ IBGE. Rio de Janeiro. 2013/2014. 83
- PEREIRA, João Antônio dos Santos. DIAS, Caio Cesar Faria. FRANÇA, Luciana Mayla de Aquino. LINS, Taynã Maria Pinto. SANTOS, Mariana Soares dos. GALVÍNCIO, Josiclêda Domiciano. Estudo da alteração da vegetação a partir do NDVI e do Albedo de Superfície na Bacia do Rio Garça-PE. Anais XVII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto - SBSR, UFPE. Pernambuco. 2015.

PEREIRA, E. F., TEIXEIRA, C.S., SANTOS, A. Qualidade de vida: abordagens, conceitos e avaliação. Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.26, n.2, p.241-50, abr./jun. 2012.

PERES. Leonardo de Faria Peres. LUCENA, Andrews José de. FRANÇA. José de Ricardo. Monitoramento dos impactos do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro utilizando dados Landsat.. FILHO. Otto Corrêa Rottuno. Simpósio de Sensoriamento Remoto em Foz do Iguacú. INPE. 2013.

PORTO-GONÇALVES. Carlos Walter. O Desafio Ambiental. Rio de Janeiro. Editora Record. 2004. Pág 82 e 83. Pág. 27.

RAMOS, Márcia Eliane. A Cidade no Capitalismo: O Lugar do Homem. Goiás. Editora UFG. 1997

RIBEIRO, A. L. Sistemas, Indicadores e Desenvolvimento Sustentável. Rio de Janeiro. 2012.

RIBEIRO, Luiz César de Q. "Global e local na análise da estruturação da cidade: reflexões metodológicas." Anais do 3II Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Rio de Janeiro. 1993.

RIBEIRO, L. C. Q. Dos cortiços aos condomínios fechados: as formas de produção da moradia na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.: Civilização Brasileira: IPPUR, UFRJ: FASE, 1997.

RIBEIRO, Maurício Andrés. A Crise Ambiental Urbana Brasileira. Revista Administração Pública. Rio de Janeiro. 1992.

ROSOLEN, .MARTINS, . A aplicação do conceito de cidade saudável por meio de indicadores sócio-ambientais: uma análise da microrregião de Uberlândia. Minas Gerais. 2014.

ROSSI, Angela Maria Gabriella. Ambiente Construído: Reflexões Sobre o Ambiente Urbano Sustentável. O Impacto das Edificações no Meio Ambiente. Rio de Janeiro: 7 Letras, 1ª edição. 2003. Pág 11. 84

ROVERE, Renata Lèbre La. "Desenvolvimento Econômico Local da Zona Oeste do Rio de Janeiro e de seu Entorno". Resultado de projeto de pesquisa. Junho/2009.

RUDORFF, Bernardo F. T. Produtos de Sensoriamento Remoto. Programa Educa SeRe. INPE. São Paulo. (2006)

SANTANA, Gisela Verri de. Lançamentos Imobiliários na Freguesia: Consumo da Habitação na Hipermodernidade. O marketing do discurso verde e do lazer. Doutorado UERJ. 2008

SANTOS, Agni Hévea dos. A História Ambiental na paisagem contemporânea do maciço da Pedra Branca/RJ. Rio de Janeiro. Monografia. PUC. 2007.

SANTOS, Marilda Colares Jardelina dos. Os Impactos Socioambientais Gerados na Ocupação Urbana do Bairro Jardins – Aracaju – Sergipe. UFS. Sergipe. 2001.

- SANTOS, Milton. A Urbanização Brasileira. São Paulo: Editora Edusp, 5ª Edição. 2008. Pág10.
- SANTOS, Milton. 1992: A Redescoberta da Natureza. Estudos Avançados. Revista USP. São Paulo. 1992.
- SANTOS, Milton. Metamorfose do Espaço Habitado. Editora EDUSP. São Paulo. 2007. Pág. 46.
- SANTOS, R. C. B. Rochdale e Alphaville: formas diferenciadas de apropriação e ocupação da terra na metrópole paulistana. São Paulo – SP: FFLCH – USP, 1994.
- SANTOS, A. C. Campinas, das origens ao futuro: compra e venda de terra e água e uym tombamento na primeira sesmaria da freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso de Jundiá (1732 – 1992). Campinas, S.P.: Editora da Unicamp, 2002 (400 p.).
- SCARLATO, Francisco Capuano. PONTIN, Joel Arnaldo. O Ambiente Urbano. São Paulo: Atual Editora, 4ª Edição. 7ª Tiragem. 2013.
- SÈVE, Lucien. Causa Ecológica e Causa Antropológica. Paris. 2008
- SILVA, Carlos Alberto F. da. A Promoção Imobiliária no Município do Rio de Janeiro. Rio Revista Território. UFRJ. Rio de Janeiro. 1996. Pág. 43
- SILVA, Raíza Carolina Diniz. Do Espaço Público ao Privado: Condomínios Fechados na Zona Costeira do Município de Mangaratiba – RJ. UFRRJ. Seropédica. 2016
- SOUZA, Francisco Saraiva de. Descartes: reflexão sobre a modernidade. Porto. 1998 85
- SOUZA, Marcelo Lopes. A B C do Desenvolvimento Urbano. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 4ª edição. 2008. Pág.20.
- SOUZA, Marcelo Lopes. O Desafio Metropolitano. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 4ª E
- VIANA, W.A. Os impactos ambientais decorrentes da especulação imobiliária na cidade de aracaju: um olhar sobre a legislação ambiental vigente. Interfaces Científicas - Direito • Aracaju • V.5 • N.1 • p. 49 – 60, Out/2016. Aracaju, 2016
- VILLAÇA, Flávio. Espaço Intra-urbano no Brasil. São Paulo: Editora FAPESP. 2001.
- VITTE. Claudete de Castro Silva. A Qualidade de Vida Urbana e sua Dimensão Subjetiva: Uma Contribuição ao Debate sobre Políticas Públicas e sobre a Cidade. São Paulo. 2004.
- XU, H., 2008. A new index for delineating built-up land features in satellite imagery. International Journal of Remote Sensing, v.29, p.4269- 4276.

Apêndice

Nome do entrevistado:

Idade: CPF:

Rua da Freguesia em que reside:

Nível de escolaridade:

Coordenadas Geográficas (*pesquisador responde*):



1. Quanto tempo reside no bairro?
2. Quanto tempo reside na rua?
3. Como era a Freguesia quando você chegou?
4. Como a Freguesia é hoje? O que mudou?
5. Quais os problemas do bairro que mais incomodam?
6. Quais são as causas destes problemas?
7. Qual deles você considera pior?
8. Em que medida esta situação interfere no seu cotidiano? (muito, mais ou menos, pouco)
9. Em que medida esta situação interfere no seu bem-estar?
10. Para melhorar o seu cotidiano no bairro, o que você sugere?
11. Para melhorar o seu bem-estar no bairro, o que você sugere?

Enumere de 1 a 4 quais problemas incomodam mais no seu cotidiano:

- Mobilidade Urbana;
- Desmatamento;
- Violência;
- Verticalização (destruição de antigas casas/ chácaras e construção de prédios);
- Nenhum dos itens expostos acima.

Assine a opção (uma única opção) que considera mais prejudicial para o bairro:

- Mobilidade Urbana;
- Desmatamento;
- Violência;
- Verticalização (destruição de antigas casas/ chácaras e construção de prédios)
- Nenhum dos itens expostos acima.

Pesquisa para dissertação - Mestrado em Engenharia Urbana

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Mestranda: Luciana Crivelare Gomes Carvalho

Orientadora: Cláudia R. Pfeiffer

Tabulação

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 1: Quanto tempo reside no bairro?

Entrevistados: 100

Entre 10 e 20 anos	Entre 21 e 30 anos	Entre 31 e 40 anos	Mais de 40 anos
40 pessoas	37 pessoas	17 pessoas	6 pessoas

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 2: Quanto tempo reside na rua?

Entrevistados: 100

Menos de 10 anos	Entre 10 e 20 anos	Entre 21 e 30 anos	Mais de 30 anos
13 pessoas	33 pessoas	39 pessoas	15 pessoas

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA ENTRE 10 E 20 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 3: Como era a Freguesia quando você chegou?

Entrevistados

- 1 "Diferente de outros bairros. Era Calma!"
- 2 "Bem mais tranquila em relação ao trânsito."
- 3 "Era mais fresco, mais arborizada e tranquila."
- 4 "Bairro arborizado, com pouco comércio, poucos carros e pouco trânsito."
- 5 "Mais tranquila, mais verde e menos trânsito."
- 6 "Tranquila, tranquila! Maior quantidade de verde. Havia chácaras e sítios."
- 7 "Menos prédio e menos trânsito."
- 8 "Bairro muito verde e residencial."
- 9 "Pouquíssimos prédios, muitas casas, sítios e chácaras, arborizada e tinha poucos moradores."

- 10 "Tinha muito verde, muitas casas, menos comércios... Era tranquila!
- 11 "Bairro pouco conhecido e muito agradável."
- 12 "Um lugar calmo para se viver."
- 13 "Muito calma. Parecia interior!"
- 14 "Nada a ver com o bairro de hoje. Havia casas grandes e áreas verdes."
- 15 "Igual."
- 16 "Quase deserta! Pouco comércio, pouco transporte e muita árvore."
- 17 "Mais arborizada, com menos violência, menos trânsito e menos prédios."
- 18 "Muito calma!"
- 19 "Florestada! A temperatura era amena, o ar puro... Parecia Petrópolis."
- 20 "A mobilidade era mais fácil."
- 21 "Mais calma, não havia violência."
- 22 "Baixa densidade populacional, muito verde e ar rural."
- 23 "Bem menos prédios, mais casas e menos carros."
- 24 "Menos prédios e mais verde."
- 25 "Muito mais tranquila, segura e com menos carro."
- 26 "As casas eram grandes e arborizadas."
- 27 "Menos tudo: prédios, carros, serviços e desmatamento."
- 28 "Pouco comércio e pouco transporte público."
- 29 "Menos prédios e menos trânsito."
- 30 "Calmo, e com muito verde."
- 31 "Mais tranquila e rural."
- 32 "Era calma!"
- 33 "A mesma coisa."
- 34 "Menos engarrafamento, menos prédios, mais arborizada e mais bonita."
- 35 "Bairro bastante verde. Motivo pelo qual escolhi morar aqui."
- 36 "Menos carro, menos prédios e mais verde!"
- 37 "Pouco comércio, muito terreno baldio e verde."

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA ENTRE 10 E 20 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 4: Como a Freguesia é hoje? O que mudou?

Entrevistados

- 1 "Encheu! Construíram muitos prédios."
- 2 "Há piora no trânsito."
- 3 "Superlotada, quente, desmatada, um caos!"
- 4 "Bairro muito movimentado, com muito trânsito e muitas edificações."
- 5 "Tumultuada, desmatada e engarrafada."
- 6 "Trânsito caótico, muitos prédios e desmatamento crescente."
- 7 "Aumentou a população e o trânsito está caótico."
- 8 "Bairro caótico. Prédios no lugar de chácaras e sítios."
- 9 "Muito engarrafamento, muitos prédios comerciais e residenciais."
- 10 "Tumultuada! É muita gente e muito carro. Está horrível."
- 11 "Aumento de pessoas, prédios e serviços."
- 12 "Ainda tem seus diferenciais, mas é outro bairro. Está cheio!"
- 13 "Cheia e engarrafada!"
- 14 "Destruíram as casas, as árvores... o bairro!"
- 15 "Um bairro cheio!"
- 16 "Bem movimentada, com mais transporte e mais comércio."
- 17 "Aumento do número de construções, proliferação de mosquito, aumento da violência, maior número e variedade de restaurantes, trânsito e o comércio cresceu."
- 18 "Bairro agitado!"
- 19 "Temperatura aumentou e o desmatamento está descontrolado."
- 20 "A mobilidade piorou, o clima está menos agradável."
- 21 "Não é mais segura. Muito trânsito e muitas construções."
- 22 "Aumentou a população, desmatamento, mudança do perfil do bairro."
- 23 "Mais perigosa e com mais engarrafamento."
- 24 "Muita gente, muito carro e muito prédio."
- 25 "Muito trânsito e mais assalto."
- 26 "Bairro em processo de verticalização, com melhora na oferta de serviços."
- 27 "O trânsito!"
- 28 "Mais comércio, mais transporte e o trânsito está caótico."

- 29** "Muito trânsito, prédios comerciais e residenciais e o desmatamento."
- 30** "Muito trânsito."
- 31** "Tudo! Trânsito, desmatamento, o aumento de prédios."
- 32** "Agitada!"
- 33** "Aumento da violência e do trânsito!"
- 34** "Não tem mais graça, perdeu seu diferencial."
- 35** "Mudou muito! Engarrafamento e desmatamento!"
- 36** "Muito prédio, desmatamento, não é mais calma."
- 37** "Muito trânsito, opção de lazer, ensino, comércio... Melhoria de serviços."

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA ENTRE 10 E 20 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 5: Quais os problemas do bairro que mais incomodam?

Entrevistados

- 1 "Trânsito e verticalização."
- 2 "Falta de transporte público!"
- 3 "Excesso de carros e prédios, escassez de transporte público."
- 4 "Trânsito e falta de educação da população."
- 5 "Trânsito e desmatamento."
- 6 "Desmatamento, trânsito e aumento da população."
- 7 "Trânsito e desmatamento."
- 8 "Aumento de prédios e derrubada de árvores."
- 9 "Aumento de prédios, desmatamento e sem investimento em infraestrutura urbana."
- 10 "Aumento dos moradores e de prédios."
- 11 "Engarrafamento e desmatamento."
- 12 "Engarrafamento e aumento da população."
- 13 "Crescimento desordenado e falta de infraestrutura."
- 14 "Crescimento de prédios e desmatamento."
- 15 "Falta de transporte público!"
- 16 "Aumento da população."
- 17 "Aumento da população e falta de educação no trânsito."
- 18 "O trânsito."
- 19 "Trânsito ruim, superpopulação."
- 20 "Trânsito intenso, ruas sem estacionamento e aumento da população."
- 21 "Desmatamento e verticalização."
- 22 "O desmatamento."
- 23 "A violência e o trânsito."
- 24 "Virou um canteiro de obras. Muitos prédios e muitos carros."
- 25 "O trânsito e os assaltos."
- 26 "Desmatamento, falta de transporte e falta de área de lazer."
- 27 "Trânsito e aumento da temperatura."
- 28 "Trânsito e desmatamento."

- 29** "Trânsito e violência."
- 30** "Supressão vegetal e trânsito."
- 31** "Falta de segurança e o trânsito."
- 32** "Desmatamento para a construção de condomínios prediais."
- 33** "Violência e trânsito."
- 34** "Tirar as árvores."
- 35** "A violência, desmatamento e engarrafamento."
- 36** "O trânsito e a falta de segurança."
- 37** "O trânsito e a falta de segurança."

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA ENTRE 10 E 20 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 6: Quais são as causas deste problema?

Entrevistados

- 1 "Crescimento populacional."
- 2 "Crescimento do bairro."
- 3 "Crescimento do bairro."
- 4 "Aumento populacional."
- 5 "Expansão urbana."
- 6 "Muito carro."
- 7 "Supervalorização imobiliária, falta de planejamento de transporte."
- 8 "Expansão imobiliária."
- 9 "Expansão imobiliária."
- 10 "Expansão imobiliária."
- 11 "Boom imobiliário."
- 12 "Prefeitura não investe em infraestrutura."
- 13 "Aumento populacional."
- 14 "Falta de investimento público."
- 15 "Aumento populacional."
- 16 "Aumento populacional."
- 17 "Muita gente."
- 18 "Desmatamento descontrolado, aumento populacional."
- 19 "Aumento populacional."
- 20 "Sítios e casas viraram prédios com dezenas de famílias."
- 21 "Expansão urbana."
- 22 "Crescimento populacional."
- 23 "Inchaço populacional."
- 24 "Falta de segurança e infraestrutura."
- 25 "Falta de vontade política."
- 26 "Verticalização e crescimento populacional."
- 27 "Não utilização de transporte alternativo."
- 28 "Crescimento populacional e falta de segurança."

- 29** "Falta de política urbana."
- 30** "Crescimento do bairro."
- 31** " O excesso de empresas imobiliárias e o descaso da prefeitura."
- 32** "Falta de investimento."
- 33** "Falta de planejamento e não participação dos moradores na tomada de decisão."
- 34** "Falta de planejamento urbano."
- 35** "Crescimento populacional."
- 36** "Boom imobiliário."
- 37** "Aumento de pessoas, e a utilização do transporte particular."

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA ENTRE 10 E 20 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 7: Qual deles você considera pior?

Entrevistados

- 1 "O trânsito."
- 2 "O desmatamento."
- 3 "O engarrafamento."
- 4 "O engarrafamento."
- 5 "Desmatamento."
- 6 "Trânsito."
- 7 "Trânsito."
- 8 "Trânsito."
- 9 "Desmatamento."
- 10 "Desmatamento."
- 11 "Trânsito."
- 12 "Verticalização."
- 13 "Desmatamento e aumento de prédios."
- 14 "Aumento de prédios."
- 15 "Falta de transporte público."
- 16 "A falta de segurança e o trânsito."
- 17 "Desrespeito às leis do trânsito."
- 18 "O trânsito."
- 19 "O desmatamento."
- 20 "O trânsito."
- 21 "Desmatamento."
- 22 "Desmatamento."
- 23 "Violência."
- 24 "Trânsito."
- 25 "Falta de segurança."
- 26 "O trânsito."
- 27 "O trânsito."
- 28 "O trânsito."

29	"O trânsito."
30	"A violência."
31	"O trânsito."
32	"O trânsito."
33	"Desmatamento."
34	"Violência."
35	"O trânsito."
36	"O desmatamento."
37	"Trânsito."

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA ENTRE 10 E 20 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 8: Em que medida esta situação interfere no seu cotidiano?

Entrevistados

- 1 "Muito!"
- 2 "Mais ou menos."
- 3 "Muito!"
- 4 "Mais ou menos."
- 5 "Muito!"
- 6 "Muito!"
- 7 "Muito!"
- 8 "Bastante."
- 9 "Mais ou menos."
- 10 "Bastante."
- 11 "Muito!"
- 12 "Muito!"
- 13 "Mais ou menos."
- 14 "Muito!"
- 15 "Muito!"
- 16 "Muito!"
- 17 "Muito!"
- 18 "Muito, em tudo!"
- 19 "Muito!"
- 20 "Demais!"
- 21 "Muito!"
- 22 "Bastante."
- 23 "Muito!"
- 24 "Muito!"
- 25 "Muito!"
- 26 "Muito!"
- 27 "Muito, saio mais cedo para o trabalho!"
- 28 "Muito, receio da violência!"

- 29** "Muito, fico estressado."
30 "Muito!"
31 "Muito, estou sempre inseguro."
32 "Muito!"
33 "Muito, todos os dias!"
34 "Muito!"
35 "Muito!"
36 "Muito!"
37 "Muito!"

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA ENTRE 10 E 20 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 9: Em que medida esta situação interfere no seu bem-estar?

Entrevistados

- 1 "Muito!"
- 2 "Mais ou menos!"
- 3 "Muito!"
- 4 "Mais ou menos!"
- 5 "Muito!"
- 6 "Muito!"
- 7 "Muito, perco horas de sono!"
- 8 "Bastante!"
- 9 "Bastante!"
- 10 "Bastante!"
- 11 "Muito!"
- 12 "Muito!"
- 13 "Mais ou menos."
- 14 "Muito!"
- 15 "Muito, pela insegurança."
- 16 "Muito!"
- 17 "Muito!"
- 18 "Muito, em tudo!"
- 19 "Muito!"
- 20 "Muito!"
- 21 "Demais!"
- 22 "Muito!"
- 23 "Bastante!"
- 24 "Muito!"
- 25 "Muito!"
- 26 "Muito!"
- 27 "Muito."
- 28 "Muito!"

- 29 "Muito!"
30 "Muito!"
31 "Muito!"
32 "Muito!"
33 "Muito!"
34 "Muito!"
35 "Muito, pela perda de tempo!"
36 "Muito!"
37 "Muito stress!"

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA ENTRE 10 E 20 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 10: Para melhorar o seu cotidiano no bairro, o que você sugere?

Entrevistados

- 1 "Parar de desmatar e de construir prédios."
2 "Menos prédios e mais árvores."
3 "Planejamento urbano."
4 "Investimento em infraestrutura urbana."
5 "Parar a construção de prédios!"
6 "Aumento das vias públicas!"
7 "Sistema de rodízio de carros!"
8 "Melhoria na sinalização e na infraestrutura em geral!"
9 "Plantar mais árvores!"
10 "Gestão pública!"
11 "Gestão de mobilidade urbana!"
12 "Planejamento urbano."
13 "Parar a construção de prédios!"
14 "Criação de parques e áreas verdes!"
15 "Aumentar o transporte público!"
16 "Gestão urbana e o policiamento!"
17 "Aumentar o número de guardas de trânsito e policiamento!"
18 "Melhorar a mobilidade urbana."
19 "Controle de construção por moradia."

- 20 "Um plano para mobilidade urbana!"
- 21 "Menos construção de prédios!"
- 22 "Melhorar a infraestrutura!"
- 23 "Melhorar a segurança pública!"
- 24 "Investimento em infraestrutura urbana."
- 25 "Mais viaturas nas ruas!"
- 26 "Mobilidade urbana e participação da comunidade na tomada de decisões!"
- 27 "Infraestrutura urbana e políticas urbanas."
- 28 "Utilização de transporte alternativo."
- 29 "Mais policiamento!"
- 30 "Não sei responder."
- 31 "Mudança dos políticos!"
- 32 "Investimento em infraestrutura urbana."
- 33 "Investimento em política pública e planejamento urbano!"
- 34 "Parar com o desmatamento e investir em política de segurança consistente."
- 35 "Reflorestamento, segurança pública e política de mobilidade urbana."
- 36 "Ampliação de vias!"
- 37 "Investir em infraestrutura urbana."

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA MORADORES DE 10 A 20 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 11: Para melhorar o seu bem-estar no bairro, o que você sugere?

Entrevistados

- 1 "Melhorar infraestrutura."
- 2 "Arborização urbana e parar de construir prédios."
- 3 "Melhorar infraestrutura."
- 4 "Parar de construir prédios."
- 5 "Mais tempo para atividades!"
- 6 "Melhoria em infraestrutura."

- 7 "Que melhore a infraestrutura urbana!"
- 8 "Melhoria na gestão pública.
- 9 "Parar de construir prédios e arborizar."
- 10 "Gestão da mobilidade urbana!"
- 11 "Plantação de árvores e investimento em transporte público!"
- 12 "Arborização urbana."
- 13 "Aumentar o transporte público."
- 14 "Gestão urbana e mais policiamento!"
- 15 "Mais locais para lazer, como shopping e cinema."
- 16 "Investir na mobilidade urbana."
- 17 "Reflorestamento e educação ambiental."
- 18 "Investir na mobilidade urbana."
- 19 "Mais transporte público."
- 20 "Menos prédios e mais áreas verdes."
- 21 "Melhorar a segurança e a infraestrutura."
- 22 "Investimento em infraestrutura."
- 23 "Melhorar a infraestrutura e a gestão do bairro!"
- 24 "Investir em mobilidade urbana (em metrô)!"
- 25 "Mais árvores e mais vias!"
- 26 "Uso de transporte público."
- 27 "Mais policiamento!"
- 28 "Investimento em infraestrutura."
- 29 "Não sei responder!"
- 30 "Gestão pública."
- 31 "Investimento em transporte público."
- 32 "Investimento em política pública!"
- 33 "Parar de construir prédios!"
- 34 "Investir na segurança pública."
- 35 "Investir em política urbana."
- 36 "Investir em infraestrutura urbana."
- 37 "Arborização urbana."

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA ENTRE 21 E 30 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 3: Como era a Freguesia quando você chegou?

Entrevistados

- 1 "Sem comércio, sem prédios e com muita área verde."
- 2 "Um bairro tranquilo de se viver!"
- 3 "Menos populoso."
- 4 "Bairro tranquilo."
- 5 "Lugar tranquilo para morar."
- 6 "Lugar muito fresco, com ruas de terra e muitos sítios."
- 7 "Calma e com muitas árvores."
- 8 "Extremamente arborizada, com poucos moradores."
- 9 "Bairro muito residencial. Não tinha comércio e era tranquilo!"
- 10 "Maravilhosa! Outra vida! Tranquila, ar puro, verde e baixa temperatura."
- 11 "Menos trânsito, mais natureza!"
- 12 "Um bairro bom!"
- 13 "Calmo, verde e seguro!"
- 14 "Tranquilo! Tinha muitas árvores!"
- 15 "Casas com muitas árvores e o bairro tinha pouco prédio."
- 16 "Tinha pouco prédios, e era tranquila, de um modo geral!"
- 17 "Local mais rural!"
- 18 "Totalmente diferente. Classe social mudou e o perfil dos moradores também."
- 19 "Muito verde, calma e totalmente diferente!"
- 20 "Um bairro mais calmo que hoje. Tinha pouco carro, muita árvore e casas e chácaras."
- 21 "Casas grandes e arborizadas!"
- 22 "Bairro pequeno, menos prédios e mais casas!"
- 23 "Bairro agradável!"
- 24 "O bairro apresentava casas e chácaras. A vegetação era mais presente, e não tinha trânsito!"
- 25 "Rural. Quase não existia prédios. Era um lugar mais tranquilo para se viver."
- 26 "Zona rural. Bairro muito tranquilo."

- 27 "Mais casa, menos prédio e muitas áreas verdes."
- 28 "Tinha mais verde e era mais tranquilo."
- 29 "Não tinha Linha Amarela."
- 30 "Terreno baldio e rural."
- 31 "Era mato! Tinha muito terreno baldio, muito verde e parecia cidade do interior."
- 32 "Bonita, tranquila, igual a cidade do interior."
- 33 "Casas grandes e arborizadas."
- 34 "Sem prédios e sem trânsito."
- 35 "Possuía mais áreas verdes e menos prédios."
- 36 "Era outro estilo de bairro."
- 37 "Bairro agradável devido a tranquilidade!"
- 38 "Bairro quase rural."
- 39 "Mais casas do que prédios. Mais árvores do que atualmente."
- 40 "Mais casa, menos prédio, ar de bairro do interior."

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA ENTRE 21 E 30 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 4: Como a Freguesia é hoje? O que mudou?

Entrevistados

- 1 "Houve um crescimento populacional, e as árvores foram derrubadas."
- 2 "Superpopulação. Cresceu sem planejamento."
- 3 "Muito comércio de rua."
- 4 "Superpovoado."
- 5 "Insuportável! Explosão demográfica."
- 6 "Cresceu muito a oferta de imóveis, aumentou o comércio e o trânsito."
- 7 "Muitos prédios! É outro bairro."
- 8 "O comércio cresceu, a temperatura aumentou, e não param de construir prédios."
- 9 "A densidade populacional aumentou, a quantidade de prédios e de carro também."
- 10 "Engarrafada! Muitos prédios, desarborizaram e está tumultuada."
- 11 "Muita gente!"
- 12 "Péssima! Sem infraestrutura para suportar o crescimento."
- 13 "Agitada, desmatada e me passa insegurança."
- 14 "Cheia de engarrafamento e construções."
- 15 "Muito trânsito, prédio e pouco verde. Está mais violenta também."
- 16 "Saturada de prédios e de engarrafamento."
- 17 "Cresceu e a infraestrutura não acompanha."
- 18 "A infraestrutura melhorou, mas está mais violenta."
- 19 "Cheia! Muito prédio"
- 20 "As casas e chácaras viraram prédios."
- 21 "Muito trânsito, poluição sonora e poluição do ar."
- 22 "Explosão demográfica!"
- 23 "Um caos! Muito carro, camelô e falta muita luz."
- 24 "Mudou muito! A começar pela quantidade de áreas verdes suprimidas do bairro."
- 25 "Houve expansão urbana. Isso tornou o trânsito pior, inclusive, muitas áreas sofreram desmatamento."

- 26 "Mudou completamente o estilo do bairro."
- 27 "Caótico! Caos, violência, desmatamento e poluição."
- 28 "Crescimento do bairro e do comércio."
- 29 "Mais prédios, comércios e serviços."
- 30 "Desmatado! Em relação aos serviços, melhorou!"
- 31 "Igual a Madureira! Superpopulosa."
- 32 "Muito carro, prédio e pouco investimento em infraestrutura urbana."
- 33 "Boom imobiliário! Está muito cheia de prédios e empreendimentos."
- 34 "Crescimento populacional!"
- 35 "Mais violenta, com mais prédios e menos verde."
- 36 "Não é mais um bairro organizado."
- 37 "A classe social mudou."
- 38 "É outro bairro! Tem mais serviços, mas muitos problemas."
- 39 "Menos verdes e mais prédios."
- 40 "Crescimento da população e do bairro."

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA ENTRE 21 E 30 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 5: Quais os problemas do bairro que mais incomodam?

Entrevistados

- 1 "Trânsito, muito carro e pouca infraestrutura urbana!"
- 2 "Trânsito intenso, desmatamento e violência."
- 3 "Comércio de rua."
- 4 "Trânsito, barulho, falta de limpeza e falta de segurança."
- 5 "Trânsito, sujeira e insegurança."
- 6 "O clima e o trânsito."
- 7 "Construção de muitos prédios e desmatamento."
- 8 "Construção de prédios, desmatamento e violência."
- 9 "Trânsito, desmatamento e crescimento populacional."
- 10 "Trânsito e desmatamento."
- 11 "Falta de transporte público."
- 12 "Engarrafamento, aumento de prédios e conseqüente desmatamento."
- 13 "Construção de prédios, aumento de carros e assaltos."
- 14 "Desmatamento e engarrafamento."
- 15 "Trânsito e desmatamento."
- 16 "Falta de transporte público e segurança."
- 17 "Trânsito e construção de prédios."
- 18 "Muito cheio e muito carro."
- 19 "Engarrafamento e falta de infraestrutura."
- 20 "Trânsito e retirada de árvores."
- 21 "Desmatamento e crescimento de prédios"
- 22 "Trânsito e quantidade e elevada de carros."
- 23 "Aumento da população, sem infraestrutura para isso."
- 24 "Verticalização e trânsito."
- 25 "Mobilidade urbana e violência."
- 26 "Mobilidade urbana e violência."
- 27 "Trânsito e aumento de prédios."
- 28 "Desmatamento e trânsito."

- 29** "Trânsito, violência, falta de policiamento, falta de sinalização e desmatamento."
- 30** "Trânsito."
- 31** "Desmatamento."
- 32** "Desorganização, falta de conservação do ambiente, degradação do meio ambiente e falta de planejamento."
- 33** "Muito carro e pouco investimento em infraestrutura urbana."
- 34** "Trânsito e desmatamento."
- 35** "O trânsito, o desmatamento e o aumento da temperatura."
- 36** "Crescimento de prédios e engarrafamento."
- 37** "Trânsito e aumento de prédios."
- 38** "Aumento populacional."
- 39** "Mobilidade urbana e violência."
- 40** "Mobilidade urbana e desmatamento."

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA ENTRE 21 E 30 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 6: Quais são as causas destes problemas?

Entrevistados

- 1 "Falta de planejamento urbano."
- 2 "Falta de planejamento urbano."
- 3 "Pouco policiamento."
- 4 "Falta de planejamento urbano."
- 5 "Falta de interesse público."
- 6 "O boom imobiliário."
- 7 "O desmatamento."
- 8 "Construção de prédios e exploração imobiliária."
- 9 "Crescimento urbano sem planejamento."
- 10 "Boom imobiliário."
- 11 "Aumento da população."
- 12 "Crescimento do bairro."
- 13 "Boom imobiliário."
- 14 "Aumento da população."
- 15 "Crescimento do bairro."
- 16 "Falta de segurança e infraestrutura urbana."
- 17 "Crescimento sem planejamento."
- 18 "Crescimento populacional."
- 19 "Crescimento populacional."
- 20 "Aumento da população e falta de infraestrutura."
- 21 "Verticalização e inchaço populacional."
- 22 "Crescimento populacional."
- 23 "Expansão do bairro sem planejamento."
- 24 "Boom imobiliário."
- 25 "Falta de interesse público."
- 26 "Crescimento da população."
- 27 "Crescimento populacional."
- 28 "Crescimento do bairro."

- 29** "Crescimento populacional."
- 30** "Crescimento populacional/ boom imobiliário."
- 31** "Falta de planejamento urbano, desmatamento e superpopulação."
- 32** "Construção de prédios."
- 33** "Crescimento populacional."
- 34** "Boom imobiliário."
- 35** "Boom imobiliário."
- 36** "Boom imobiliário."
- 37** "Crescimento do bairro."
- 38** "Expansão do bairro sem planejamento."
- 39** "Crescimento do bairro."
- 40** "Crescimento populacional."

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA ENTRE 21 E 30 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 7: Qual deles você considera o pior?

Entrevistados

- 1 "Trânsito".
- 2 "Superpopulação".
- 3 "Falta de policiamento".
- 4 "Trânsito".
- 5 "Trânsito".
- 6 "Trânsito".
- 7 "Desmatamento".
- 8 "Verticalização".
- 9 "Trânsito".
- 10 "Desmatamento".
- 11 "Falta de investimento no bairro".
- 12 "Todos são horríveis".
- 13 "Verticalização".
- 14 "Desmatamento".
- 15 "Trânsito".
- 16 "Falta de segurança".
- 17 "Trânsito".
- 18 "Violência".
- 19 "Engarrafamento".
- 20 "Mobilidade urbana".
- 21 "Verticalização".
- 22 "Trânsito".
- 23 "Mobilidade urbana".
- 24 "Trânsito".
- 25 "Violência".
- 26 "Desmatamento".
- 27 "Trânsito".
- 28 "Trânsito".

- 29 "Trânsito".
- 30 "Aumento da temperatura e mudança do estilo do bairro".
- 31 "Desmatamento".
- 32 "Falta de infraestrutura urbana".
- 33 "Trânsito".
- 34 "Trânsito".
- 35 "Desmatamento".
- 36 "Trânsito".
- 37 "Desmatamento".
- 38 "Trânsito".
- 39 "Trânsito".
- 40 "Mobilidade urbana".

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA ENTRE 21 E 30 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 8: Em que medida esta situação interfere no seu cotidiano?

Entrevistados

- | | |
|----|------------------|
| 1 | "Muito!" |
| 2 | "Muito!" |
| 3 | "Muito!" |
| 4 | "Muito!" |
| 5 | "Muito!" |
| 6 | "Muito!" |
| 7 | "Muito!" |
| 8 | "Muito!" |
| 9 | "Muito!" |
| 10 | "Muito!" |
| 11 | "Muito!" |
| 12 | "Muito!" |
| 13 | "Bastante!" |
| 14 | "Muito!" |
| 15 | "Muito!" |
| 16 | "Muito!" |
| 17 | "Muito!" |
| 18 | "Mais ou menos!" |
| 19 | "Muito!" |
| 20 | "Muito!" |
| 21 | "Muito!" |
| 22 | "Muito!" |
| 23 | "Muito!" |
| 24 | "Muito!" |
| 25 | "Muito!" |
| 26 | "Muito!" |
| 27 | "Muito!" |
| 28 | "Muito!" |

29 "Muito!"
30 "Muito!"
31 "Muito!"
32 "Muito!"
33 "Muito!"
34 "Muito!"
35 "Muito!"
36 "Muito!"
37 "Muito!"
38 "Muito!"
39 "Muito!"
40 "Muito!"

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA ENTRE 21 E 30 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 9: Em que medida esta situação interfere no seu bem-estar?

Entrevistados

- | | |
|----|------------------|
| 1 | "Muito!" |
| 2 | "Muito!" |
| 3 | "Muito!" |
| 4 | "Muito!" |
| 5 | "Muito!" |
| 6 | "Muito!" |
| 7 | "Muito!" |
| 8 | "Muito!" |
| 9 | "Muito!" |
| 10 | "Muito!" |
| 11 | "Muito!" |
| 12 | "Muito!" |
| 13 | "Bastante!" |
| 14 | "Muito!" |
| 15 | "Muito!" |
| 16 | "Muito!" |
| 17 | "Muito!" |
| 18 | "Mais ou menos!" |
| 19 | "Muito!" |
| 20 | "Muito!" |
| 21 | "Muito!" |
| 22 | "Muito!" |
| 23 | "Muito!" |
| 24 | "Muito!" |
| 25 | "Muito!" |
| 26 | "Muito!" |
| 27 | "Muito!" |
| 28 | "Muito!" |

29 "Muito!"
30 "Muito!"
31 "Muito!"
32 "Muito!"
33 "Muito!"
34 "Muito!"
35 "Muito!"
36 "Muito!"
37 "Muito!"
38 "Muito!"
39 "Muito!"
40 "Muito!"

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA ENTRE 21 E 30 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 10: Para melhorar o seu cotidiano no bairro, o que você sugere?

Entrevistados

- 1 "Transporte alternativo".
- 2 "Não autorizar novas construções de prédios".
- 3 "Mais policiamento".
- 4 "Investimento em transporte público".
- 5 "Área livre para prática de esporte/ área verde para lazer".
- 6 "Melhorar a mobilidade urbana".
- 7 "Parar com as obras/ construções de condomínios prediais".
- 8 "A proibição de novas edificações".
- 9 "Melhorar a infraestrutura urbana, investir em políticas públicas".
- 10 "Parar a construção de prédios".
- 11 "Melhorias na infraestrutura".
- 12 "Planejamento e gestão urbana".
- 13 "Não sei dizer".
- 14 "Parar de construir prédios".
- 15 "Planejamento e gestão urbana".
- 16 "Melhorar a qualidade e quantidade de transporte público".
- 17 "Mobilidade alternativa".
- 18 "Menos prédios".
- 19 "Mais verde e menos prédios".
- 20 "Aumento da frota de ônibus e parar de construir prédios".
- 21 "Mais verde e menos carros".
- 22 "Melhorar a infraestrutura urbana".
- 23 "Melhorar a infraestrutura urbana".
- 24 "Mais opções de transporte".
- 25 "Mais investimento em transporte, melhor policiamento, diminuição de condomínios prediais".
- 26 "Mobilidade urbana".
- 27 "Não sabe dizer".
- 28 "Reflorestar áreas".

- 29 "Expansão das vias".
- 30 "Ampliação de vias".
- 31 "Reflorestar áreas".
- 32 "Parar a verticalização".
- 33 "Melhorar a infraestrutura urbana, construção de viadutos".
- 34 "Melhorar a infraestrutura urbana".
- 35 "Parar de construir prédios".
- 36 "Investir na mobilidade urbana".
- 37 "Gestão pública".
- 38 "Melhorias na infraestrutura".
- 39 "Melhorar a infraestrutura urbana, em geral".
- 40 "Melhorar a infraestrutura urbana".

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA ENTRE 21 E 30 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 11: Para melhorar o seu bem-estar no bairro, o que você sugere?

Entrevistados

- 1 "Transporte alternativo".
- 2 "Não autorizar novas construções de prédios".
- 3 "Mais policiamento".
- 4 "Investimento em transporte público".
- 5 "Área livre para prática de esporte/ área verde para lazer".
- 6 "Melhorar a mobilidade urbana".
- 7 "Parar com as obras/ construções de condomínios prediais".
- 8 "A proibição de novas edificações".
- 9 "Melhorar a infraestrutura urbana, investir em políticas públicas".
- 10 "Parar a construção de prédios".
- 11 "Melhorias na infraestrutura".
- 12 "Planejamento e gestão urbana".
- 13 "Não sabe dizer".
- 14 "Parar de construir prédios".
- 15 "Planejamento e gestão urbana".
- 16 "Melhorar a qualidade e quantidade de transporte público".
- 17 "Mobilidade alternativa".
- 18 "Menos prédios".
- 19 "Mais verde e menos prédios".
- 20 "Aumento da frota de ônibus e parar de construir prédios".
- 21 "Mais verde e menos carros".
- 22 "Melhorar a infraestrutura urbana".
- 23 "Melhorar a infraestrutura urbana".
- 24 "Mais opções de transporte".
- 25 "Mais investimento em transporte, melhor policiamento, diminuição de condomínios prediais".
- 26 "Mobilidade urbana".
- 27 "Não sabe dizer".

- 28 "Reflorestar áreas".
- 29 "Expansão das vias".
- 30 "Ampliação de vias e construir áreas de lazer".
- 31 "Reflorestar áreas".
- 32 "Parar a verticalização".
- 33 "Melhorar a infraestrutura urbana, construção de viadutos".
- 34 "Melhorar a infraestrutura urbana".
- 35 "Parar de construir prédios".
- 36 "Investir na mobilidade urbana".
- 37 "Gestão pública".
- 38 "Melhorias na infraestrutura, reflorestar áreas".
- 39 "Melhorar a infraestrutura urbana, em geral".
- 40 "Investir em infraestrutura urbana."

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA ENTRE 31 E 40 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 3: Como era a Freguesia quando você chegou?

Entrevistados

- 1 "Um bairro tranquilo, sem trânsito e sem prédios".
- 2 "Menos prédios, mais calma e sem violência".
- 3 "Menos trânsito e menos prédio".
- 4 "Tranquila!"
- 5 "Como uma província! Não tinha prédios, nem medo".
- 6 "Casas grandes e antigas".
- 7 "Tranquilo, sem trânsito, aumento de prédios e desmatamento".
- 8 "Sem nada! Sem comércio, sem prédio, sem nada!"
- 9 "Um lugar tranquilo para se viver".
- 10 "Casas, árvores e verde".
- 11 "Terrenos baldios e verdes".
- 12 "Bairro muito tranquilo, terrenos baldios, muito verde, sem violência".
- 13 "Não tinha serviço, nem carros, nem sinalização... Só verde".
- 14 "Não tinha engarrafamento nem prédios e muitas áreas verdes".
- 15 "Vazia, tranquila, clima agradável (mais úmido e frio), organizada e verde".
- 16 "Poucas pessoas, muito verde e tranquila".
- 17 "Muito verde, poucos prédios e sem engarrafamento".

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA ENTRE 31 E 40 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 4: Como a Freguesia é hoje? O que mudou?

Entrevistados

- 1 "Continua um bairro agradável, porém, com aumento de quantidade de prédios e mais engarrafamento."
- 2 "Está mais agitada, com mais comércio, mais trânsito e mais prédio."
- 3 "Aumento do trânsito e da população."
- 4 "Agitada demais."
- 5 "Muito trânsito, muitos prédios e acabaram as árvores."
- 6 "Prédios e mais prédios. Trânsito e desmatamento."
- 7 "Está ótima. Serviços e desenvolvimento local."
- 8 "Tem tudo o que precisa de serviços."
- 9 "Muito agitada, construção de prédios e desmatamento."
- 10 "Muito prédio! Cidade de pedra."
- 11 "Trânsito e desmatamento."
- 12 "Tumultuada, desordenada e desmatada. ”
- 13 "Trânsito caótico, pouco transporte público, desmatamento para construir prédios."
- 14 "Pouco verde, muito trânsito e muito prédio."
- 15 "Tumultuada! Houve explosão demográfica."
- 16 "Congestionada, temperatura mais alta, desordenada, menos verde e mais violenta."
- 17 "Mudou tudo! Crescimento populacional sem acompanhamento da infraestrutura urbana."

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA ENTRE 31 E 40 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 5: Quais os problemas do bairro que mais incomodam?

Entrevistados

- 1** "Trânsito, crescimento desordenado e violência".
- 2** "Trânsito".
- 3** "Trânsito".
- 4** "Falta de transporte público".
- 5** "O desmatamento e o trânsito".
- 6** "Desmatamento".
- 7** "Trânsito".
- 8** "Desmatamento".
- 9** "Congestionamento e violência".
- 10** "O trânsito e o desmatamento".
- 11** "O trânsito".
- 12** "A construção de prédios, o desmatamento e o trânsito."
- 13** "Trânsito e violência".
- 14** "Trânsito e aumento da construção de prédios".
- 15** "Engarrafamento, falta de segurança e de hospitais".
- 16** "Desorganização (sujeira), violência, desmatamento e engarrafamento".
- 17** "Desmatamento e trânsito".

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA ENTRE 31 E 40 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 6: Quais são as causas deste problema?

Entrevistados

- 1** "Crescimento desordenado."
- 2** "Crescimento sem planejamento urbano."
- 3** "Aumento da população."
- 4** "Falta de investimento."
- 5** "Aumento da população sem infraestrutura necessária."
- 6** "Crescimento de prédio."
- 7** "Má educação no trânsito."
- 8** "Crescimento desordenado."
- 9** "Falta de planejamento urbano."
- 10** "Crescimento populacional."
- 11** "Crescimento populacional."
- 12** "Falta de planejamento urbano."
- 13** "Crescimento sem planejamento urbano."
- 14** "Crescimento populacional e boom imobiliário."
- 15** "Boom imobiliário."
- 16** "O crescimento desordenado pelo qual o bairro passou."
- 17** "Falta de infraestrutura urbana para suportar o crescimento populacional."

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA ENTRE 31 E 40 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 7: Qual deles você considera pior?

Entrevistados

- 1 "Crescimento desordenado".
- 2 "Trânsito".
- 3 "Trânsito".
- 4 "Falta de transporte público".
- 5 "Desmatamento".
- 6 "Verticalização".
- 7 "Má educação no trânsito".
- 8 "Crescimento desordenado".
- 9 "Violência".
- 10 "Desmatamento".
- 11 "Crescimento populacional".
- 12 "Trânsito".
- 13 "Violência".
- 14 "Desmatamento".
- 15 "Engarrafamento".
- 16 "Crescimento desordenado".
- 17 "Desmatamento".

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA ENTRE 31 E 40 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 8: Em que medida esta situação interfere no seu cotidiano?

Entrevistados

- 1 "Muito!"
- 2 "Muito!"
- 3 "Muito!"
- 4 "Muito!"
- 5 "Muito!"
- 6 "Muito!"
- 7 "Muito!"
- 8 "Muito!"
- 9 "Muito!"
- 10 "Muito!"
- 11 "Muito!"
- 12 "Muito!"
- 13 "Muito!"
- 14 "Muito!"
- 15 "Muito!"
- 16 "Muito!"
- 17 "Muito!"

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA ENTRE 31 E 40 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 9: Em que medida esta situação interfere no seu bem-estar?

Entrevistados

- 1 "Muito!"
- 2 "Muito!"
- 3 "Muito!"
- 4 "Muito!"

- 5 "Muito!"
- 6 "Muito!"
- 7 "Muito!"
- 8 "Muito!"
- 9 "Muito!"
- 10 "Muito!"
- 11 "Muito!"
- 12 "Muito!"
- 13 "Muito!"
- 14 "Muito!"
- 15 "Muito!"
- 16 "Muito!"
- 17 "Muito!"

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA ENTRE 31 E 40 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 10: Para melhorar o seu cotidiano no bairro, o que você sugere?

Entrevistados

- 1 "Acho que não tem solução. Faltou planejamento".
- 2 "Melhorar o transporte público e mais planejamento da construção de prédios e centros comerciais".
- 3 "Melhoria no trânsito".
- 4 "Aumento de transporte público".
- 5 "Mais áreas verdes e transporte público".
- 6 "Melhorar a infraestrutura urbana".
- 7 "Ampliar as vias públicas e gestão urbana."
- 8 "Planejamento urbano."
- 9 "Plano de mobilidade urbana."
- 10 "Alargamento das vias e reflorestamento."
- 11 "Transporte alternativo."
- 12 "Parar de construir prédios."
- 13 "Mais policiamento e política de transporte público."

- 14 "Reflorestamento e alargamento de vias."
- 15 "Melhorar a infraestrutura urbana."
- 16 "Proibição temporária de novos empreendimentos."
- 17 "Urgente reflorestamento e proibição da verticalização."

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA ENTRE 31 E 40 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 11: Para melhorar o seu bem-estar no bairro, o que você sugere?

Entrevistados

- 1 "Utilização de transporte alternativo."
- 2 "Proibição de construção de mais prédios."
- 3 "Melhorar infraestrutura urbana."
- 4 "Aumentar policiamento."
- 5 "Melhorar infraestrutura urbana, com espaços verdes para lazer."
- 6 "Reflorestamento."
- 7 "Arborização urbana."
- 8 "Arborização urbana."
- 9 "Mais policiamento e políticas urbanas."
- 10 "Reflorestamento e áreas verdes para lazer."
- 11 *Deixou em branco*
- 12 "Reflorestamento."
- 13 "Mais policiamento."
- 14 "Reflorestamento e alargamento de vias."
- 15 "Investimento em infraestrutura urbana."
- 16 "Reflorestar e melhorar a infraestrutura urbana."
- 17 "Melhorar a mobilidade urbana."

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA HÁ MAIS DE 40 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 3: Como era a Freguesia quando você chegou?

Entrevistados

- 1 "Bem calma."
- 2 "Sem prédios, muito verde e sem violência."
- 3 "Arborizada e tranquila."

- 4 "Muito verde, pouco comércio e sem trânsito."
- 5 "Parecia cidade do interior. Muitas chácaras, não tinha trânsito, ritmo lento de vida."
- 6 "Um bairro tranquilo e bem arborizado."

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA HÁ MAIS DE 40 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 4: Como é a Freguesia hoje? O que mudou?

Entrevistados

- 1 "Superpopulosa e agitada."
- 2 "Muito agitada e violenta."
- 3 "Muitos prédios e movimentada."
- 4 "Mudou tudo! Está um caos! Cheia de prédios."
- 5 "Explosão demográfica! Está desmatada e cheia."
- 6 "Superpopulosa e um desmatamento absurdo."

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA HÁ MAIS DE 40 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 5: Quais os problemas do bairro que mais incomodam?

Entrevistados

- 1 "Falta de policiamento e desmatamento."
- 2 "Desmatamento, trânsito, violência e falta de transporte."
- 3 "Trânsito e crescimento de número de prédios."
- 4 "Trânsito e falta de policiamento."
- 5 "Excesso de tudo: trânsito, desmatamento e prédios."
- 6 "A superpopulação."

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA HÁ MAIS DE 40 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 6: Quais são as causas destes problemas?

Entrevistados

- 1 "Falta de infraestrutura urbana."
- 2 "Boom imobiliário."
- 3 "Crescimento populacional."

- 4 "Aumento da população."
- 5 "Aumento da população."
- 6 "Quantidade de comunidades/ favelas."

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA HÁ MAIS DE 40 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 7: Qual deles você considera pior?

Entrevistados

- 1 "Violência".
- 2 "Violência".
- 3 "Trânsito".
- 4 "Desmatamento, perda do verde".
- 5 "Superpopulação".
- 6 "Desmatamento".

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA HÁ MAIS DE 40 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 8: Em que medida esta situação interfere no seu cotidiano?

Entrevistados

- 1 "Muito!"
- 2 "Muito!"
- 3 "Muito!"
- 4 "Muito!"
- 5 "Muito!"
- 6 "Muito!"

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA HÁ MAIS DE 40 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 9: Em que medida esta situação interfere no seu bem-estar?

Entrevistados

- 1 "Muito!"
- 2 "Muito!"
- 3 "Muito!"

4 "Muito!"

5 "Muito!"

6 "Muito!"

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA HÁ MAIS DE 40 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 10: Para melhorar o seu cotidiano no bairro, o que você sugere?

Entrevistados

1 "Aumento do policiamento".

2 "Aumento do policiamento".

3 "Melhorias na infraestrutura do bairro".

4 "Não sei dizer".

5 "Parar de desmatar e construir prédios".

6 "Reflorestamento e policiamento".

MORADORES QUE VIVEM NA FREGUESIA HÁ MAIS DE 40 ANOS

PERGUNTAS ABERTAS

Pergunta 11: Para melhorar o seu bem-estar no bairro, o que você sugere?

Entrevistados

1 "Aumento do policiamento".

2 "Aumento do policiamento".

3 "Melhorias na infraestrutura do bairro".

4 "Não sei dizer".

5 "Parar de desmatar e construir prédios".

6 "Reflorestamento e policiamento".

Referente à pergunta fechada, que questionava o que cada morador considerava mais prejudicial ao bairro, os resultados também foram sistematizados, como as tabelas mostram a seguir:

Entre 10 a 20 anos

12 optaram por violência

5 optaram por verticalização

8 optaram por mobilidade urbana

12 optaram por desmatamento

37 pessoas

Entre 21 a 30 anos

14 optaram por mobilidade urbana

17 optaram por desmatamento

5 optaram por violência

4 optaram por verticalização

40 pessoas

Entre 31 a 40 anos

5 optaram por mobilidade urbana

5 optaram por desmatamento

4 optaram por verticalização

3 optaram por violência

17 pessoas

Mais de 40 anos

3 optaram por violência

3 optaram por mobilidade urbana

6 pessoas

Assinale a opção que considera mais prejudicial ao bairro:

Optaram por violência: 23 pessoas

Optaram por mobilidade urbana: 30 pessoas

Optaram por verticalização: 13 pessoas

Optaram por desmatamento: 34 pessoas

Total: 100 pessoas